



MONSTER VS MASTER

*Who will
be king?*

PRETTY
Broken
DOLLS

KER DUKEY *&* K WEBSTER



Ker Dukey & K Webster

#4 Pretty Broken Dolls

Série Pretty Little Dolls



Tradução e Revisão Inicial: Anne Pimenta

Leitura Final: Sil

Data: 10/2017

Pretty Broken Dolls Copyright © 2017 Ker Dukey & K Webster

SINOPSE

Traição e raiva, uma picada dolorosa.

Monstro vs Mestre. Quem será o rei?

Danificados e desesperados, uma solução devem encontrar,

Para trazer de volta a boneca que é única.

Deslealdade e fracasso não serão perdoados.

Buscando vingança, o monstro é impulsionado.

Com fome por seu carinho, nosso mestre esperou.

As vidas das bonecas quebradas já foram planejadas.

A tempestade está sobre nós, o caos despencando em nossas cabeças,

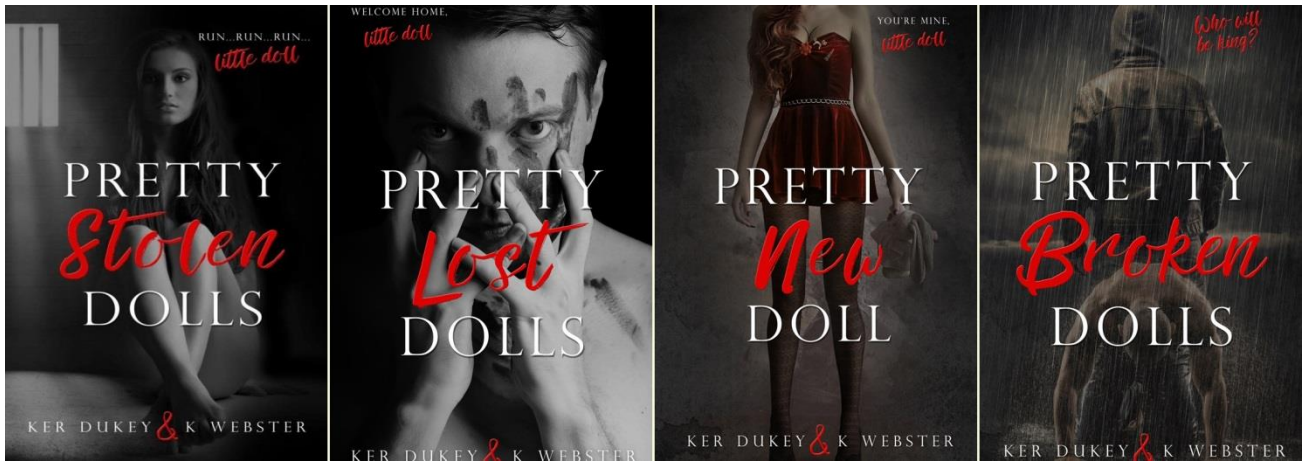
Agora que os grandes jogadores chegaram à cidade.

Quem vai sair respirando com seu prêmio ao lado?

E quem será um dano colateral ao longo do caminho?

A SÉRIE

Pretty Little Dolls



*"Não há heróis.
Na vida, os monstros vencem."*

- Sansa

A Guerra dos Tronos por George R.R. Martin

Capítulo um

Danificado

VIKTOR MAIS CONHECIDO COMO TANNER

Rússia - Dezoito anos

As chamas cintilam da lareira aquecendo o quarto a um grau insustentável. Eu mandei Veronika, nossa empregada, não acender o fogo esta noite, mas ela o fez de qualquer maneira. Ela está ficando muito velha para fazer seu trabalho, mas ela está aqui mais tempo do que eu, então o Pai não a substituirá. É inútil até mesmo perguntar.

O suor desce pelas minhas costas, o quarto está iluminado como se estivesse vivo com seu próprio pulsar. A energia nervosa ressoa e aparece nas minhas veias. O mês chegou – a hora de eu provar para o nosso pai.

Todos os homens Vasiliev participam do The V Games quando chegam à idade, para provar seu valor e posição dentro da família.

Nosso nome e reputação significam tudo para o nosso pai.

Yuri Vasiliev.

Seu império no mundo criminoso não é incomodado por ninguém.

O tráfico de mulheres, armas e drogas é tudo uma fachada - uma máscara que realmente esconde o que nossa família faz. Nós mergulhamos nas depravações mais sombrias de todos os homens e mulheres, e uma vez que ele entra em seu mundo, onde ele é capaz de puxar as cordas e você o seguir, ele nunca vai soltar.

Ele alimenta seus impulsos. Você o adorará por isso. Um verdadeiro mestre de fantoches. E eu o idolatro com cada grama do meu ser. Eu quero ser como ele, mas acima de tudo, eu quero ganhar o seu respeito.

Com seus planos para ramificar sua operação para os Estados Unidos, eu quero ser a pessoa que ele vai escolher para liderar a expansão. Onde quer que o Pai jogue sua rede, eu vou puxar suas presas. Porque é o que a nossa família faz. Nós possuímos o mundo - mesmo que eles ainda não saibam.

Passos suave atravessam os pisos de madeira, mas o tamanho da silhueta que aparece no quarto como um fantasma não combina com os passos delicados.

— Vlad, como você faz tão pouco som com seus movimentos? — perguntei, girando minha cabeça para ver meu irmão mais velho quase entrando no quarto. Uma sombra sorridente. À espreita. Esperando. Sempre envolto na escuridão.

Os cantos de sua boca se enrolam em um sorriso tortuoso e seus olhos escurecem combinando com os meus, enquanto ele me estuda atentamente. Parando na minha frente, ele cruza os braços sobre o peito, seus músculos esticam tecido de seu terno.

— É uma habilidade que todos os homens como nós deveriam dominar, irmão, — ele afirma em um tom duro, o sorriso em seu rosto sombrio e estranho. Vlad é a imagem cuspida de nosso pai. Alto, bem mais de um e oitenta e ombros largos. Seu cabelo quase preto está despenteado no topo, sempre de um jeito que parece bagunçado - quase como se ele desfrutasse dessa rebeldia que irritava o Pai. Pai, com o cabelo cortado nos lados para revelar o começo de fios brancos nascendo lá, usa seus próprios cabelos penteados para trás e perfeitos.

Meu irmão vira a atenção para o arsenal que preparei - uma série de armas prontas para uso. Pegando uma faca da caixa que coloquei na cama, ele a raspa na palma da mão, e um fio carmesim surge.

— Esta é uma boa faca. Você deve usar ela, — ele me diz, puxando um pequeno pedaço de pano do bolso e limpando a lâmina antes de envolvê-la em torno de sua mão para parar o sangramento. — Você está pronto para isso, Viktor? — não há preocupação em seu tom, apenas dúvida, e isso faz com que a raiva se desenvolva dentro do meu peito.

— Você me preparou a minha vida inteira, — eu resumo em resposta, com minha mandíbula travada. — *Você jogou nos Jogos V.* É um rito de passagem.

Uma veia aparece no seu pescoço e seus olhos se acendem por um momento antes de seus traços se suavizarem. Ele se aproxima de

mim, sua palma envolve a parte de trás da minha cabeça e me traz para frente. Minha testa descansa em seu ombro duro e musculoso. Ele ainda é pelo menos quinze centímetros mais alto do que eu, apesar do meu crescimento durante o verão.

Eu sou um homem agora. No entanto, ele é mais velho. Mais sábio. *E mais alto*. Eu não sou pequeno, mas ele sempre usa minha altura para zombar de mim quando eu o irrito. É uma atitude que sempre acontece.

Ele me dá um tapa forte no meu ombro e me empurra para trás, sinalizando que seu momento de carinho fraterno acabou. Meu irmão é um homem difícil. Criado com punho de ferro, assim como eu. E com apenas vinte e dois anos, ele está sendo preparado para assumir o império do nosso pai - a dinastia familiar.

— Os primeiros jogadores chegaram, — ele diz, outro sorriso desliza em seus lábios. — Há um em particular que eu acho que você vai gostar. — ele aperta o punho e me acerta de brincadeira no peito.

Eu estalei meus dedos em antecipação.

Eu sabia sobre o The V Games desde os 12 anos de idade. Aos catorze, eu fui autorizado a participar das exposições que foram transmitidas através de um canal na Deep Web.

Aos dezesseis anos, participei do evento real como espectador. A maioria dos meninos da minha idade ia para jogos de futebol e, embora a arena fosse tão grande - tão impressionante quanto o público capaz de comparecer, apostar, assistir, torcer por seus jogadores - eles não eram nada parecidos.

Dois conjuntos de regras totalmente diferentes. The V Games - *nossos jogos* - é uma competição de brutalidade e prazer, alimentando as compulsões das mentes mais sombrias.

Ricos e privilegiados pagavam para assistir.

Depravados e sádicos pagavam para jogar.

Os pobres jogam na esperança de saírem vitoriosos para venderem seus prêmios.

As regras são simples.

Caçar ou ser caçado.

Matar. Foder. Ou manter os prêmios que você conquistar.

Acima de tudo: sobreviver.

Se você chegar até o final, o céu é o limite em termos de sua recompensa. Se você já teve um desejo desaprovado pela sociedade, The V Games é um lugar para viver isso.

A preparação para The V Games continua por meses e meses. Cada jogador é examinado, os antecedentes verificados e depois avaliado pelos membros da elite, incluindo o Pai. Esses eventos são tão secretos quanto podem ser. E eles devem ser manuseados com o maior segredo. Os jogadores, participantes e licitantes são de todos os setores da vida, mas as identidades mais poderosas precisam permanecer anônimas.

Enquanto crescia, aprendi que as pessoas mais poderosas são sempre as almas mais corruptas e depravadas que andam pela terra. Sua necessidade de controle é profundamente enraizada e muitas vezes requer uma saída mais sombria.

Meu pai oferece a eles esta saída em abundância, e por causa dos clientes de alto perfil que ele atende, ele é intocável pela lei, temido por outras entidades criminosas e, o mais importante, adorado por sua clientela.

— Venha, Viktor, — ordena Vlad. — Coma conosco.

Eu deixo as armas na cama, esperando que Veronika erre enquanto as limpa e, acidentalmente, atire em seu próprio olho. Então, talvez, o Pai não teria escolha senão permitir que ela se aposentasse.

— Uma mulher ainda é útil com apenas um olho, irmão, — diz Vlad com diversão, e então percebo que falei meus pensamentos em voz alta. Eu devo trabalhar nessa minha língua solta e estudar meus recursos, então não serei tão facilmente legível. Vlad sempre diz que uma cara de poker pode salvar a vida de um homem e infundir medo mesmo nas mais valentes das almas.

— *É inquietante não poder ler a expressão de outra pessoa, Viktor, e ter essa vantagem pode significar a diferença entre a vida e a morte.*

— Onde está o pacote? — perguntei, ignorando sua fala sobre a empregada doméstica. Estou ansioso para ver quem foi oferecido como pacotes de carne para que outros abusem e brinquem. Embora eu seja jovem, ainda gosto de brincar com eles.

— Esteja preparado. Você terá seu perfil de introdução criado amanhã. Mais tarde, vou levá-lo para ver uma das meninas. Ela será

divertida para caçar e foder. — seus lábios se encolhem em um breve sorriso antes que ele mudasse seus traços e a neblina estoica voltasse ao seu rosto.

Cada jogador é colocado diante de um júri anônimo para determinar seu valor, depois todos os perfis dos jogadores ficam disponíveis para os espectadores. Os pedidos podem ser feitos, e um espectador irá oferecer dinheiro para realizar atos para eles assistirem. Isso traz matadores a sangue frio para o The V Games apenas pelo dinheiro e deixa pessoas como eu e outros familiares bem respeitados vulneráveis ao assassinato por inimigos descontentes.

As mortes que ocorrem dentro da arena do The V Games não podem ser vingadas depois, é parte do jogo. O que faz entrar todo tipo de pessoa perigosa e admirável do mundo criminoso em que vivemos.

O telefone celular de Vlad toca no bolso e ele ergue a mão, sinalizando que ele precisa de um minuto. Ele espreita na direção oposta à cozinha, então eu faço o meu caminho até lá, curioso para ver a quem ele se referiu quando disse se juntar a *nós* para o jantar.

A casa está excepcionalmente silenciosa em comparação com o quão ocupada ela fica nos meses que antecedem o The V Game. O Pai fica preocupado com os preparativos, portanto, outros negócios não serão a prioridade.

Eu prefiro a casa assim. Pouca gente indo e vindo. Tranquila.

Empurrando as portas, entro na cozinha. O lugar geralmente tem aparelhos e outros utensílios de cozinha, mas atualmente está vazio e não há nada para comer. Isso deve significar que Vlad quer sair para jantar.

Meu estômago geme em protesto contra a ideia de esperar. Suei metade do meu peso no meu quarto com a lareira acesa. Preciso de algo para me manter vivo. Normalmente, quando meu irmão recebe uma ligação e precisa de um minuto, um minuto se transforma em trinta. A geladeira acena pra mim, e eu encontro carne lá dentro. Assim que estou fechando a porta, um corpo bate em mim, levando a comida no chão enquanto cambaleio até o balcão.

O corpo de Niko pressiona no meu, prendendo-me contra os armários. — Sabia que era você rastejando até aqui, — ele rosna contra minha orelha.

Eu não estava rastejando, idiota.

Seu pau empurra contra minha bunda, e eu o afasto de mim, girando para encará-lo. Ele está sorrindo, seu peito subindo e descendo com excitação.

— Então, você é quem vai se juntar a nós para jantar? — eu bufo, e ele avança até mim. Elevando meu braço, eu o lanço para frente e acerto o punho fechado em seu rosto. Sua cabeça vira, então ele lentamente traz seu olhar de volta para mim. O sangue floresce em seu lábio inferior, seu polegar passa em sua boca antes de sugá-lo. Ele sorri. — Senti saudade de você.

— Vá se foder, — respondo, meu tom frio como meu coração.

— Por que você sempre tem que jogar esses jogos, Viktor? Você sabe que eu vou conseguir o que nós *dois* queremos no final.

— E o que seria isso? — exijo, já sabendo a resposta.

Ele avança novamente, e desta vez, eu permito que ele me empurre para trás, e minhas costas acertam a porta da geladeira. Ele prende meus braços e a necessidade de lutar contra ele se acende. Seus olhos azuis vão até o meu, querendo permissão - e é aí que nos diferenciamos.

Não peço nada.

Apenas faço.

Inclinando-se nele, eu deixo que ele sinta a ponta dura do meu pau contra o dele, então me afasto com um impulso.

Uma garota que trabalha aqui só há alguns meses entra carregando uma bandeja de pratos vazios. Seus pés param quando ela me vê. Ela me dá esse olhar de corça cada vez que nossos caminhos se cruzam e eu sei que sua buceta está pingando, querendo que eu alivie sua dor. Sou um homem bonito. Meu pai sempre me disse que nossa mãe transmitiu seu único gene bom para nós: a beleza dela. Eu vi fotos dela. Ela tem o mesmo cabelo castanho escuro que eu. O mesmo fogo incandescente dentro de seus olhos cor de mel. Meus traços são um pouco mais suaves do que os de Vlad, porque eu pareço mais com ela.

Ela foi embora quando eu era criança. Eu quase não me lembro dela. Nosso pai não fala sobre ela com frequência, e quando faz, são palavras de ódio exultadas em raiva e dor. Ela é a única fraqueza que eu já vi nele.

Niko segue meu olhar e grunhe para que ela vá embora.

Os olhos dela se alargam e o olhar dele dança entre nós antes de cair na minha virilha. Meu pau duro sobe contra o zíper. Os pratos batem quando ela se apressa para baixar a bandeja.

— Vika, — eu chamo, parando-a antes que ela possa fugir. Eu só lembro seu nome porque é o mesmo que a da nossa irmã. Duas Vikas sob um mesmo teto. Uma empregada tímida e pobre. A outra, uma extrovertida garota rica. Elas não podiam ser mais opostas se tentassem. Seus olhos castanhos grandes e expressivos vão para os meus, e eu a chamo com meu dedo. — Venha aqui.

— Não jogue jogos que acabarão mal, — Niko me avisa.

Mas esse é o ponto. As partes sombrias dele são o que eu gosto, e vibro com o resultado. Eu desejo isso.

Agarrando-a pelos ombros, giro-a, então suas costas estão para mim e ela está de frente para Niko. Eu passo um joelho atrás dela e levanto sua saia. Ela suspira pela minha ação ousada. Suas calcinhas são de renda preta, e não o algodão que eu achei que ela usaria. Satisfeito com essa pequena surpresa, afasto o tecido de lado, e uma onda de cabelo encaracolado surge em meus dedos. E como eu previ, sua buceta está úmida e carente. Elas sempre estão quando se trata de mim.

Deslizo dois dedos para dentro, atravessando seus lábios, e os músculos se apertam contra eles. Ela não protesta como eu gostaria.

— Você é surpreendentemente apertada, Vika. Quantos amantes você já teve?

Ela geme quando eu começo a fodê-la lentamente com meus dedos. — Dois, — ela suspira.

Duvido.

— Mentirosa, — eu provoco, inclinando-me para o lado para dar uma boa olhada no rosto raivoso de Niko.

Ele não decepciona. Seu maxilar está apertado tão forte que os músculos tremem. Eu assisto com diversão enquanto seu punho aperta e desmantela.

Isso irá ensinar você a jogar comigo, idiota. Eu não sou tolo de ninguém.

— Quantos de verdade? — eu pergunto enquanto eu a fodo, minha respiração quente contra suas costas.

— Quatro, — ela respira. — Apenas quatro. Eu juro. — suas mãos puxam seu próprio vestido para me dar melhor acesso. Putinha.

— Eu acho que vou te foder, Vika. Aqui, onde fazemos comida, então manter você no meu quarto quando eu quiser brincar com você novamente.

Ela está ofegante, seu corpo inclinado para frente enquanto ela tenta se esmagar contra meus longos dedos. Eu estou tão focado nos grunhidos de fúria de Niko que não o vejo se aproximar. Ele estende a mão para ela, mas é tão rápido que não tenho tempo para reagir.

Crack!

A empregada para imediatamente e cai para frente. Seu corpo desliza dos meus dedos e ela cai no chão com um baque.

— Você pode ficar com ela se você gosta do cheiro de cadáveres podres, — Niko cuspe, veneno em suas palavras.

Ele a matou.

— Seu idiota maldito, — eu grito. — Meu pai não vai gostar disso!

Mas eu gosto. Porra, eu gosto.

— Eu vou me livrar dela, — ele murmura. — Ele não precisará saber. — seu rosto fica pálido como se ele acabasse de perceber o que acabou de fazer. Matar pessoas não é novo para nenhum de nós, mas meu pai tem regras rígidas que lhe permitem permanecer tão poderoso quanto ele é.

Não mate por impulso. Pode vir com consequências.

Para manter o respeito, você deve mostrá-lo.

Matando uma de suas empregadas porque você está com ciúmes e não pode admitir é um jogo perigoso que ninguém pode ganhar quando se trata de meu pai.

— As câmeras a viram entrar aqui, — eu respondo. — Você não pode varrer isso sob o tapete, Niko.

Ao pegar a bandeja que ela descartou, envio-a para o chão, os pratos se quebram e o som penetra no ar. Os olhos de Niko se

expandem e depois se estreitam, olhando entre a bagunça e para a porta antes de olhar pra mim.

Agachando sem quebrar o olhar dele, levanto a menina. Seus pés se arrastam pelos azulejos enquanto eu a movo e a adiciono à pilha de porcelana quebrada. Inclino-me sobre o corpo sem vida e pego um pedaço de prato antes de cavá-lo no pescoço dela, saboreando a pele dela rasgando enquanto se abre sob a força da minha mão como se mordendo uma ameixa madura. Um frio brota da minha coluna e todos os cabelos se arrepiam.

— A falta de coragem vai te dar uma faca no olho ou um prato no pescoço, — eu murmuro, rolando meus ombros.

Ao me endireitar, dou passo deliberado para Niko. Sua pele está vermelha. Ele pode ver a escuridão dentro de mim, e como ele acordou o demônio. Mas ele não percebe que meus demônios foram acordados muito antes de eu mostrar para ele.

Sua mão se estende para mim, e eu o agarro ao redor do pulso, torcendo seu braço pelas costas e forçando-o de cabeça no balcão. Meu pau ainda rígido pressiona o vinco de sua bunda. — Olhe o que nós fizemos, — eu provooco enquanto aponto para o sangue que floresce da ferida no pescoço dela. Ela ainda deve estar quente para ter tanto sangue saindo dela.

Linda.

— Você não deve provocar um monstro, — rosna Niko, se balançando na tentativa de se soltar.

— Há uma falha em seu DNA com certeza, mas um *monstro*? — eu rio sombriamente para ele. — O *monstro*, você não é.

Solto sua mão, que bate no balcão, mas ele não tenta se mover ou fugir. Rudemente, eu abaixo seus jeans pelas suas coxas e depois cuspo na minha palma da mão, rapidamente cobrindo a ponta do meu pau antes de brutalizá-lo. O rugido que rasga dele é realmente muito monstruoso, enquanto enfio meu pau no fundo de sua bunda. Espero que doa. *Espero que doa muito.* Os grunhidos que vêm dele indicam que sim.

— Vá se foder, — ele resmunga.

Que irônico.

— Eu sou o mestre aqui, Niko, — eu provoco, empurrando meu quadril para frente. — Nunca se esqueça disso.

Botas pesadas brotam do corredor e Niko começa a entrar em pânico, sibilando em voz baixa. — Saia de mim, Viktor. Alguém está vindo. — eu gosto da maneira como ele luta contra mim. Isso me faz querer fodê-lo com mais força. Então eu faço.

— Sim, eu sei. Eu vou gozar se você continuar apertando meu pau assim, — eu provoco, empurrando mais fundo. A entrada era apertada, passando pelos músculos anais, mas infelizmente para Niko, eu gosto de dor no sexo - e perigo. Ele não tem escolha.

— Viktor, — ele implora, sua voz rouca.

Eu rio, puxando-o, mas não soltando-o. Agarrando a parte de trás do seu pescoço, guio em pés instáveis para um dos armários, depois empurro-o para dentro e o sigo, nos fechando.

— Eu senti sua falta, — ele suspira, um vislumbre de vulnerabilidade que eu gostaria de devorar.

— Prove. — eu o empurro de joelhos, meu pau duro e livre de nossa foda momentos antes.

Ele avidamente me leva à sua boca, devorando meu pau como se fosse um cone de sorvete e ele com calor.

Sim, chupe o pau do seu mestre. Desse jeito.

A porta da cozinha se abre e xingamentos soam de um dos homens de meu pai. Outras botas e vozes se juntam, e Niko se afasta. Agarrando a parte de trás da sua cabeça, forço meu pau na parte de trás da garganta mais uma vez e o puno com meus quadris. Através das frestas na porta do armário, vejo dois homens carregarem a pobre e vadia da Vika pela entrada traseira. Outro varre os pratos e esfregam o chão como se nada tivesse acontecido.

Sem perguntas.

Sem lágrimas.

Sem rastros.

Eu bombeio meus quadris contra o rosto de Niko, saboreando os gemidos vibrando sobre os nervos flexíveis ao longo do meu eixo. Sua boca é boa e rápida, sua língua escorrega sobre a cabeça. Uma e outra vez, sua boca carente se move.

O calor se espalha pela minha espinha e aperta minhas bolas enquanto o prazer se infiltra da ponta do meu pau e desce pela sua garganta gananciosa.

Recuando a tempo, eu bombeio as últimas gotas da minha essência sobre seus lábios, sabendo que isso fará arder o corte que eu lhe dei mais cedo. Ele geme ligeiramente.

No momento em que estou drenado de todo o prazer, me afasto e deixo-o de joelhos. Empurro as portas do armário e volto para a carne que deixei cair no chão perto da geladeira antes de levá-la e jogá-la na lixeira. As portas abrem e uma gritaria me assusta.

— Viktor! — exclama minha irmã mais nova, jogando seus braços ao redor do meu pescoço e beijando meu rosto.

— Vika. — eu sorrio contra sua bochecha. A verdadeira Vika. A Vika viva. Minha gêmea. Ela é muito mais baixa do que eu, seus pés balançando enquanto meu pescoço carrega seu peso.

Vlad se junta a nós com um sorriso raro e honesto em seus lábios. — Surpresa. — ele gesticula com as palmas abertas, referindo-se a nossa irmã pendurada em mim como um macaco.

— Naturalmente, — eu concordo com uma sobrancelha levantada.

— Estou morrendo de fome, — ela anuncia, finalmente ficando de pé e me soltando. Ela não pesa nada, sua cintura mais fina do que era um mês atrás.

— Você está pele e ossos, irmãzinha, — ressalto.

As mãos dela caem nos quadris e seu nariz enruga. Toda vez que a vejo, ela está usando um corte de cabelo diferente. Este combina com ela. É curto atrás e mais longo na frente. — Um minuto não me faz sua irmã mais nova, Viktor. Não importa quão alto você fique. — seus olhos de âmbar brilham em diversão.

Vlad envolve um braço em seus ombros, colocando-a debaixo da axila. — Nunca conheci gêmeos tão opostos quanto os dois.

Nós não somos totalmente diferentes pelo jeito.

A porta do armário se abre e Niko aparece carregando um pacote de biscoitos.

— Niko! — Vika grita. — Eu me estava me perguntando onde você estava.

Ele se aproxima dela, um sorriso caloroso em seu rosto e envolve seus braços ao redor dela. Vlad olha para ele.

Vlad e Niko já foram melhores amigos, mas as coisas estão tensas desde que Vika anunciou que ela e Niko estavam apaixonados.

— Ah, olha onde o seu namorado foi esconder, — responde Vlad.

Na ponta dos pés, Vika deposita um beijo nos lábios de Niko e seu rosto faz uma careta. — O que você está comendo? Você está com um gosto delicioso.

Meu pau, minha irmãzinha.

Eu tenho que morder minha língua para impedir o riso querendo rasgar de mim.

— Viktor, — diz o meu irmão. — Venha. Tenho algo para te mostrar, e se eu tiver que testemunhar esse fodido beijando minha irmãzinha onde eu tomo meu café da manhã, eu talvez que deva matá-lo... ou me matar.

Estou nessa com você, irmão.

Apesar de que eu sempre escolheria sua morte sobre a minha.

Capítulo dois

Defeituoso

TANNER/CASSIAN/VIKTOR

Presente

Kami. Na minha pressa frenética para encontrá-la, ignorei os perigos do covil do monstro. Eu explodi no espaço, na esperança de resgatar uma das poucas ligações para o meu passado. E isso me custou muito. Benjamin, emergindo das sombras atrás de mim, me empurra com força e eu mereço. Eu mereço a prisão súbita. Meu amigo me traiu e me obrigou a entrar em uma cela ao lado de Kami.

Porra.

Forte, feroz e bonita Kami.

A leoa não é mais do que uma gatinha mal respirando. Uma vítima. Uma jogadora que muito rapidamente perdeu esse jogo.

— Kami. — minha voz quebra, e eu odeio isso. Se meu irmão estivesse aqui, ele rugiria e me diria que minha máscara caiu. O maldito rosto de poker vacilou. Tal erro pode significar a diferença entre a vida e a morte. Eu sei isso.

Mas não importa o quão duro eu tentei desesperadamente puxar a máscara de volta ao lugar, não posso. Não agora. Não depois de Benjamin. Ele não é como os outros. O homem - não, o monstro - sempre foi um fósforo esperando para riscar.

Agora ele está ardendo.

As chamas de raiva em seus olhos castanhos não mostram sinais de cintilação ou escurecimento. Ele está fora de controle. A fera foi solta.

Nos enfrentamos - dois animais com o mesmo gosto pela violência.

— Você pode observar sua preciosa Kami o quanto quiser agora, — ele ladra, um olhar satisfatório atravessando suas feições.

Eu fodi as coisas.

Benjamin não é um cara pra quem você vira as costas. Nunca. No entanto, eu fiz. Eu deixei o meu estúpido coração me guiar uma vez. Com Kami, os sentimentos que eu tenho por ela são quase os mesmos sentimentos de proteção que tive pela minha irmã. Mas se Vika estivesse aqui agora, duvido que encontraria uma pitada de amor fraterno por ela. Vika me rasgou ao meio, e foi Kami quem me juntou. Ela substituiu a dor dentro de mim com sexo e crueldade.

Eu a decepcionei.

Eu a decepcionei.

Esmagando meu punho contra o vidro inquebrável, eu grunho: — Não faça isso, Benjamin. Eu te dei tudo. — meu peito se ergue com esforço.

Uma expressão dolorida cruza seu rosto. Sua vulnerabilidade - apesar de apenas aparecer em flashes - é algo que eu comecei a ver. Uma atração, se você quiser chamar assim. Um desejo de pegar suas feridas mentais e arrancar as coisas que o comem. Entrar no meio. Possuir.

— Mas não foi de graça, não é? — ele exige, sua mandíbula coberta com barba apertando. — Foi tudo um jogo para você, e isso tem um custo.

O meu olhar vai até Kami, que está inconsciente - pelo menos, espero que ela não esteja morta - na sua cela. Volto minha atenção para ele. — Por que machucar Kami? — minha voz vibra novamente, e eu quero cortar meu próprio coração só de pensar nisso. — Você...

— Se eu a estuprei? — seu sorriso é positivamente perverso. Delicioso. Mesmo sob o dedo do pé de sua bota proverbial, posso apreciar sua beleza sombria. — Ela era o preço. Sua dívida. Você pensou que poderia brincar com minha boneca e eu permitiria isso? Você me conhece melhor que isso.

Sim, conheço.

Suas bonecas são a cruz que ele carrega. Todos nós temos algo que nós carregamos. Eu fui descuidado. Era quase como se eu quisesse que ele descobrisse como um mestre observa seu monstro. Para me

deleitar com a forma como ele explodiu. Mas agora que ele está solto e estou preso em uma caixa de vidro, minha decisão parece estúpida.

Um movimento errado.

Benjamin desempenha bem o *jogo*. Às vezes, melhor do que eu. É por isso que eu fiz amizade com ele em primeiro lugar. Conhecendo o seu potencial - antes mesmo dele conhecer - me deu poder e uma estratégia que funcionou por pouco tempo.

— Eu ajudei você com ela! — eu grito, deixando claro que eu sou a razão pela qual ele tem toda essa vida em primeiro lugar.

As suas narinas inflam e as mãos se enrolam nos punhos. — Me espiando? Interferindo? E os presentes e os bilhetes? Os comentários nojentos na página dela? Você achou que eu não saberia que era você? — seus gritos ecoam pelas paredes de azulejo. — Pedi para que seu cara, Luke, rastreasse o endereço IP. — ele pega um iPad e o empurra contra a cela para me mostrar. — Apontou para o clube. Para você!

E é por isso que sempre vou vencer Benjamin. Meu Monstro. Meu pequeno animal de estimação. Porque eu presto atenção a todos os movimentos de *todos* os jogadores.

Meu lábio se encolhe enquanto eu me agito com raiva. — Isso não é meu, Monstro.

Choque aparece em suas características. — O-o quê?

— Se você não tivesse vindo pra cima de mim, nem tivesse machucado ela e me aprisionado nesta maldita gaiola, eu teria tirado um momento para te dizer que alguém estava perseguindo sua bonequinha nova, Benjamin, — eu cuspo cada palavra, desfrutando da forma como seus olhos piscam em confusão.

Sinto muito, Monstro, mas você já perdeu.

— Do que diabos você está falando? — ele ferve.

Eu me sento no chão e me inclino contra a parede. Eu já estou encharcado de suor e eu só estou aqui por cinco minutos. Este jogo será complicado.

Eu joguei com coisa muito pior.

— Não tão rápido, Benjamin. Você vai acalmar sua bunda primeiro. Você vai me soltar dessa gaiola e me deixar ver Kami. Depois a gente conversa.

Ele rosna, a veia grossa em seu pescoço salta. — Você vai falar agora ou eu vou tirar o couro da sua cadela idiota aqui!

Minha máscara está de volta ao lugar. Benjamin é violento, mas ele também está sob meus cuidados há três anos. Ensinei muito a ele. Tomar decisões precipitadas é ruim. A educação de Benjamin Stanton foi a mesma que meu irmão e meu pai me ensinaram.

— Você vai se acalmar, — eu digo a ele em um tom suave. — Você vai se acalmar porque você precisa de mim. Sim, eu admito, eu violei a sua confiança me preocupando com você. Mas você já pensou que é porque você é meu melhor amigo? Que eu não confio em uma boneca aleatória para não te ferrar? Você é meu para cuidar.

Benjamin hesita por um momento, indecisão cintilando em seus olhos. — Quem foi? — seu tom é baixo.

— Deixe-me ver Kami, então eu vou te dizer. — eu tiro minha jaqueta, acertando meus cotovelos no processo. Ele anda de um lado para o outro na frente das gaiolas, dando uma bofetada na cabeça dele. Eu sei que ele fica um pouco louco de vez em quando. Sou eu quem sempre o traz de volta. *Vou* trazê-lo de volta. Eu tiro minha gravata e começo a desabotoar a minha camisa quando ele para. Seus olhos sombrios me perfuravam.

— O que há de errado com a porra do seu terno? — ele exige.

Que pergunta incomum tão tarde no jogo. Puxo a camisa suada e deixo cair no chão.

— Tudo parte do jogo, Benjamin.

O caos tendendo a perturbar sua mente de tempos em tempos se acalmou. Ele dá a volta na minha gaiola, os braços cruzados em seu enorme peito. É como se ele fosse um deus vingativo - um deus que *eu* criei. E o que isso me faz? O mestre supremo.

— Deixe-me sair, — digo de uma maneira calma que geralmente funciona com ele quando ele está furioso. — Vamos resolver isso juntos.

E nós vamos. Nós precisamos. A ideia disso - de um fodido final entre nós - é inconcebível.

— Por que você se importa tanto com ela? — ele exige, sua voz tremida, sua verdade sangrando. Ele está ferido por causa de Kami. Porra, isso é complicado.

Todos os melhores jogos que valem a pena jogar são...

— Ela e eu temos uma história, — eu digo com sinceridade. — Ela é como uma irmã para mim.

Ele sorri, a fúria momentaneamente tomando o assento traseiro.
— Você gosta da ideia de foder sua irmã?

Na verdade, a ideia me deixa doente. Há muitas coisas que eu quero fazer com Vika. Cortar sua garganta. Estripá-la. Destruir seu maldito coração como ela fez com o meu. Mas sexo é a última coisa que quero fazer com ela.

— Eu odeio minha irmã. — deixo o aborrecimento escorrer em minhas palavras. Se eu quiser que Benjamin me deixe sair dessa gaiola, eu preciso dar a ele esses fragmentos da verdade. Preciso que ele confie em mim novamente.

Suas sobrancelhas escuras se encolhem e ele recua como se eu o tivesse atingido. — Por quê?

— Ela me traiu, — grito, e meu olhar se dirige para Kami.

— Por que você nunca me disse que tinha uma irmã? — mais uma vez, há acusação em seu tom.

— Porque eu nem consigo dizer o nome dela sem querer estrangular todos na sala. Ela está no passado, Benjamin. Assim como essa pequena chance em nossa amizade. Eu fodi as coisas. Mas eu posso ajudá-lo a encontrar o perseguidor da sua boneca. Juntos, podemos matar esse humano vil.

Ao enfiar a mão no bolso dele, ele puxa as chaves, as narinas inflando quando ele destranca a gaiola de Kami. Então, ele desbloqueia a minha. — Verifique a vadia, então me conte tudo o que sabe.

Eu poderia dominá-lo. Seria complicado porque ele é muito violento e poderoso, mas sou esperto e rápido. Eu poderia fazer isto. No entanto, estou jogando um jogo maior. Um em que um dos meus preciosos monstros não morre hoje.

Empurro a porta da cela e saio. Quando eu paro, estamos a apenas seis centímetros de distância. Benny e eu somos iguais em altura e musculatura. Muitas vezes, eu tive fantasias de empurrá-lo sobre minha mesa e fodê-lo como costumava fazer com Niko. Mas Benny é uma besta rara, passei muito tempo domesticando seu lado animal. Um dia, ele vai querer tudo o que lhe ofereço. Tudo.

— Sinto muito, Monstro, — eu digo a ele, meu tom genuíno.

Ele pisca rapidamente para mim. — Vá checá-la, — ele ladra.

Ainda não estou morto, então isso é um progresso. Benjamin tende a agir primeiro, pensar depois. O fato dele estar pensando - planejando, jogando o jogo - faz orgulho trovejar no meu peito.

Rompendo o feitiço, me afasto do seu olhar intenso e abrimos a cela de Kami. Ela está respirando suavemente, então pelo menos ela ainda está viva. Seus pés estão em ângulos estranhos. Ele quebrou seus tornozelos. Contusões escuras e feias cobrem sua carne.

Não seria a primeira vez que ela foi machucada.

O sangue cobre o chão da cela. Lindas linhas de cor rubi descem por toda a suave e pálida carne de suas costas. Estou tão puto com o que ele fez com ela sabendo que ela significa algo para mim. No entanto, Monstro me cativou com uma força tão intensa, que estou mais irritado de sentir falta dele fazer isso. Ele está dentro de mim.

Pobre Kami. Meus pensamentos te traem.

— Kami, — eu murmuro enquanto eu afasto o cabelo do rosto.

Ela solta um suspiro baixo e seus olhos abrem através do sangue seco em seus cílios. — Viktor?

Eu fico tenso com ela usando meu nome. Faz tanto tempo que ouvi esse nome passar pelos seus lábios. Proibido. O barulho do estalo do pescoço de Benjamin atrás de mim me deixa saber que ele ouviu. Ignorando isso por enquanto, corro meu polegar através do seu lábio rachado.

— Como você está se sentindo?

Ela geme. — Estive melhor.

— Você parece uma merda, — admito com uma risada. Suas feridas são superficiais, dolorosas, mas ela vai se curar.

— Me sinto assim também. Ya roigrala etu igru. — *eu perdi este jogo*, ela sussurra apenas para meus ouvidos.

Benny bate o punho na frente de sua gaiola. — Você a verificou. Agora me conte, porra. Quem está perseguindo Bethany!

Os olhos de Kami se arregalam, o medo pisca em seus belos olhos. Eu odeio o olhar nela. Ela é sempre tão corajosa e feroz. Está

gravado nela desde o nascimento. Por que ela está desistindo tão facilmente?

Descobri que Lucy estava usando o sistema da minha empresa para atravessar minhas redes e computadores quando o endereço de IP de um cliente no site de Elizabeth voltou ao meu fodido clube.

Lucy estava comigo por muito tempo e se mostrado fiel, então sua traição doeu mais do que eu gostaria de sentir por alguém tão sem valor.

Ela merece minha ira mais do que a do Monstro. Ficar juntos seria ideal, mas não tenho certeza se ele estaria disposto a jogar comigo mais.

— Foi Lucy, — eu digo sobre meu ombro. — Agora você vai me deixar sair dessa gaiola para que eu possa fazer meu maldito trabalho para te ajudar?

Porra, eu odeio quando minha máscara desliza perto de Benny. Às vezes eu a deixo escapar de propósito. A fodida alegria em seus olhos quando isso acontece é todo o poder que preciso para saber que ele está nisso.

Confusão enruga sua testa como um milhão de perguntas aparentemente batalhando dentro de sua cabeça. — Eu odeio essa vadia. Eu vou matá-la. — o brilho maligno em seus olhos sombrios promete exatamente isso. Sua mandíbula aperta. — Se você quer que eu confie em você, Tanner, ou Cassian, ou Viktor, então você precisa começar a me mostrar onde sua lealdade realmente está. Agora sinto que você me vê como seu fodido fantoche, para que você puxe e aperte as cordas como achar conveniente. — seus músculos se retesam sob a pele tatuada e bronzeada, como se fossem seus demônios se movendo através de seu sangue.

— Eu sempre fui leal a você, Benjamin. É monstro e mestre. Você sabe disso. Você sente isso.

Estou mostrando a minha vulnerabilidade. Ele é uma fraqueza no meu escudo, mas ele precisa ver o que é isso. O que somos. Eu não joguei com ele.

— Eu quero acabar devagar com Lucy pelo que ela fez, — rosno. — Ela se infiltrou em minha rede para armar pra mim. Deixe-me ter a minha vingança também. Nós podemos acabar com essa puta juntos.

Suas narinas inflam, o preto de suas pupilas se expandem e some com qualquer mancha de cor. Torcendo os lábios em um grunhido, ele acena com a cabeça para Kami.

— Até então, eu quero que você me mostre que é Monstro e Mestre como você diz. *Machuque* esta cadela por *mim*. — ele me diz como uma carícia. Seria um presente aos seus olhos.

Aperto meu maxilar, sabendo o que devo fazer para ganhar sua confiança. Sem hesitar, pego o pulso de Kami e a empurro para uma posição sentada. Meus olhos se encontraram com os dela por um momento, e imploro para que ela entenda. No instante em que eu acho que ela entende minha mensagem, torço sua mão com força.

Um grito assustador enche o ar. Agora, aparentemente com medo de mim, Kami se afasta, empurrando sua mão machucada em direção ao peito.

— Ublyudok, — ela grita. E ela está certa, eu sou um bastardo.

Mas eu quebrei seu pulso direito. Ela usa mais a mão esquerda. Houve indulgência em minha jogada, e não é a primeira vez que eu quebrei algo dela. Ela vai superar isso. Ela sempre faz.

Benny rosna, mas é de aprovação. Eu saio da gaiola, em seguida, fecho a porta. Ela olha para mim enquanto fecho a gaiola, veneno em seu olhar. Levantando, ando direto para Benny. Seu olhar cai no meu peito, curiosidade dançando em seus olhos. Sempre tive cuidado com ele. Balançando o mistério na frente dele como um deleite saboroso para um cachorrinho. Ele está tão faminto por isso.

Nossos olhos se encontram para um olhar aquecido. Benny não é gay, mas eu também não. Eu sou apenas uma pessoa muito sexual. Eu sou atraído tanto para homens quanto para mulheres. Não tem nada a ver com o que está entre as pernas e tudo a ver com o que está dentro da cabeça.

Se eu acho que será um desafio possuí-los, os quero com cada centímetro do meu ser.

Benjamin Stanton é o mais difícil de todos.

O que significa que ele deixa meu pau muito duro.

Com uma velocidade alarmante, ele me empurra contra a porta da cela que eu ocupei. Ele é forte em seu estado monstruoso, facilmente capaz de me atacar. Eu quero me soltar e esmagar meu punho através

do seu nariz com a ideia de ser propriedade quando eu sou acostumado a ser o dono. Mas então, sua ereção de pedra dura encosta na minha bunda.

É assim que Niko se sentia quando eu exercia meu poder nele?

Uma pequena emoção brota através de mim e meu próprio pau se agita.

— Isso é o que você quer? — ele grunhe, a provocação odiosa. — Que eu te viole? — ele se esfrega contra mim - um de seus movimentos de poder. Novamente, há aquele brilho em seus olhos sempre que ele usa minha sexualidade sobre mim. Mas ele não percebe que está começando lentamente a gostar da nossa carga sexual. Ele pode não entender, mas ele gosta. Seu pau está duro para mim. O desejo nada em seus olhos até mim. Sempre foi apenas uma questão de tempo antes de eu ganhar este pequeno jogo com ele e lhe mostrar o que é foder um deus.

— Nós fazemos uma boa equipe, — grito, o desejo de agarrar meu pau é esmagador.

— Eu quero que você atraia Lucy pra cá para que eu possa esmagar a garganta dela com minhas mãos, — ele grunhe. — Faça acontecer. E então eu vou pegar minha boneca de volta para que eu possa colocar meu pau dentro dela. Se você quer assistir tanto assim, você vai. Eu vou te colocar de volta nesta gaiola e fodê-la contra o vidro assim. — ele empurra seus quadris contra mim, seu pau esmagando dolorosamente contra minha bunda.

Benny e eu sabemos que ele nunca compartilharia sua boneca preciosa.

É como se ele estivesse convencido a si mesmo que eu fiz isso porque eu estou louco para vê-lo fodê-la. Mas eu o conheço. Ele arrancaria meus olhos com uma colher antes de me deixar ser um voyeur.

— Eu nunca me importei em ver *ela*, — eu profiro, minha voz baixa com insinuação. — Você sabe quem eu queria assistir.

Seu pau bate na minha bunda e eu luto com um sorriso triunfante. Com um rosnado, ele me solta e se afasta. — Faça acontecer. Traga Lucy até aqui.

Eu me viro para me certificar de que ele veja meu pau duro. Que ele saiba que tem algum poder sexual sobre mim. Eu preciso que ele

veja isso para que possamos voltar para nossos papéis dominantes de mestre e monstro. Seu olhar cai por um segundo antes de me encarar.

— Agora, *Viktor*. — ele rosna com outro brilho malicioso em seus olhos.

Eu arranco meu telefone do bolso das minhas calças e ligo para Lucy. Ela não atende, então deixo uma mensagem para ela.

— Algo importante surgiu e precisamos conversar. Encontre-me em uma hora no clube, — eu digo com minha voz calma, não querendo alertá-la.

Eu desligo e encaro Benny com um olhar rígido. — Eu vou trazer Lucy, então eu vou deixar você fazer o que quiser com ela. O mestre cuida do monstro.

Um piscar de alívio dança em seus olhos tempestuosos.

Estou prestes a falar quando o meu telefone toca. Assim que eu vejo a foto, meu peito aperta. Este jogo ficou bastante complicado.

— Porra, — eu silvo, o ódio por Lucy ameaça me consumir.

A carranca de Benny é assassina e a veia do pescoço salta. — O que é?

Com um suspiro irritado, passo meu telefone para ele para mostrar-lhe a foto de Elizabeth Stanton - sua boneca Bethany - amarrada nua a uma cadeira. A marca que Benny criou em seu peito está sangrando. Está escrito:

Boneca de Benny.

Lucy, a mulher querendo morrer, cortou o nome dele e esculpiu uma nova palavra em cima daquela.

Minha boneca.

E eu achando que o jogo estava perto de terminar. Há mais jogadores do que eu esperava. Jogadores inteligentes, astutos e maus.

O jogo está apenas começando.

Um rugido animal da besta na minha frente significa que, com toda a certeza, apenas começou.

Capítulo três

Rachado

BENNY

Baque.

Baque.

Baque.

Um rugido escapa do meu peito, puxando e estalando os tendões. Todo músculo se aperta e flexiona, a pele tensa se alonga sobre ele. Essa intensidade vibrante torce minhas veias e se instala no meu peito. Eu juro que eu posso ver o maldito coração que eu deixei bater de novo, na gaiola que o contém.

Nuvens negras se transformam em meus pensamentos e a chuva ácida derruba a essência do meu ser, corrompendo e destruindo toda racionalidade. A raiva, cegante e aterrorizante, se apodera de mim, inflamando-se em um inferno de ira inescapável. Eu apresso Tanner, tirando o celular dele e olhando para minha Bethany.

Isso não pode ser real.

Ela é minha.

Ela é minha, porra.

Como Lucy se atreve tocar nela. Cortar a sua pele perfeita. Ela é minha para machucar. Não dela. Ela pertence a mim.

Gritos estáticos permeiam a minha mente. Eu quero matar. Mutilar e destruir. Aniquilar. Acabei de encontrá-la. Acabei de recuperá-la e essa louca sádica acha que pode brincar comigo? *Comigo!*

— Ouça, Benjamin. — Tanner, ou Viktor, ou quem quer que ele seja, tenta me aplacar. Ele não vê o dragão que está prestes a explodir, porra?

Agarrando-o ao redor da garganta, forço sua cabeça para trás contra a sua gaiola.

— Ela está trabalhando sob suas ordens? — vou abri-lo da garganta à virilha se for ele quem está brincando comigo.

Que pena isso seria.

Seus olhos se estreitam e há algo neles. Dor talvez. Bem, foda-se ele. Sua cadela fodida esta com minha Bethany. — Ela fodeu nós dois, — ele rosna.

Essa é a questão. Por que diabos ela quer minha boneca?

— Aonde ela iria? — um manto inexplicável de calma me envolve. Toda emoção que me atravessa me faz querer explodir, então eu empurro para dentro da minha alma. Eu *preciso* de foco. Eu tenho que recuperá-la. Tanner me ensinou muitas coisas ao longo dos anos, e perder a cabeça em um momento de caos é a pior coisa que você pode fazer.

Os olhos de Tanner se iluminam com incerteza, a fachada que ele se esconde tão bem escorrega cada vez mais na minha companhia. — Precisamos verificar as câmeras, e rastrear tudo. Celular. Carros. Pescoço. — ele responde friamente. É claro que sim. Meus olhos se acendem, e ele balança a cabeça.

— O pescoço dela não tem rastreador, — ele confirma. Eu acho que ela é uma boneca livre... por enquanto. — Nós precisamos ir ao clube. — as vozes persistentes continuam tocando no meu crânio para eu falar, para me encorajar a deixar a fúria sair, mas se eu fizer isso, eu vou me perder, e depois a perder por causa disso.

Eu quero machucar e matar todos os seres vivos nesta terra, então não haverá uma única ameaça para a minha boneca.

Minha maldita boneca.

— Se você estiver brincando comigo, não irei apenas te trancar na próxima vez, — grunho, minha voz baixa e mortal. — Eu vou fazer você sangrar e então, dividir sua Kami em duas com uma serra e pendurá-la na entrada do seu maldito clube para que todos vejam quão escrota ela é.

— Nós não somos amigos, Benjamin? — ele me pergunta, uma tristeza em seu tom que nunca ouvi antes.

— Eu não sei, *Tanner*, somos?

Sua feição fica tempestuosa. — Nós somos. E como somos amigos, sem mais segredos. Meu nome é Viktor. Era assim que meus amigos me chamavam em casa.

Uma voz suave chama de lado dele, e meus olhos se arrastam até a cadela policial que peguei mais cedo.

Ela está lutando, tentando se levantar. — Oh, merda, — ela geme. — Eu sabia que vocês dois eram estranhos. O detetive Scott vai acabar com minha bunda.

Ela é muito engraçadinha para alguém presa em uma maldita gaiola com um monstro rondando do lado de fora. Dois passos longos e eu estou na frente dela, minha respiração embaça o vidro.

— O que faz você pensar que o Detetive Merdinha vai chegar perto dessa bunda? Você não vê onde você está? — eu rujo.

Ela olha entre Viktor e eu antes de murmurar uma série de palavrões. Na verdade, eu realmente não lhe dou muita atenção, mas agora, de perto, a juventude de sua pele e sua posição insegura se tornam óbvias. Seu olhar cai para Kami na cela. Eu gosto dessa coisa de vidro. Elas podem ver a brutalidade da minha ira quando elas desobedecem e são bonecas más.

Kami parece que está à beira de desmaiar, e aprecio essa dor que ela deve ter sentido profundamente em sua alma quando seu precioso Viktor a traiu.

— Ela está morta? — a Boneca Policial sussurra, seus braços envolvendo sua cintura quando ela percebe onde ela está. — Porra, porra, porra, eu deveria ter escutado e mantido o meu nariz fora disso.

Martelo meu punho na gaiola. Eu não tenho tempo para uma cadela idiota tendo ataque de pânico pra cima de mim. Preciso chegar a Bethany. Eu poderia me acalmar um pouco batendo nessa cadela. Fazê-la sangrar, então despejar seu corpo aos pés de Dillon como um ‘foda-se’ no caminho para fora da cidade, uma vez que eu tiver a minha boneca de volta.

— Você não age como uma detetive, — diz Viktor, o olhar avaliador. Sempre avaliando, *meu amigo*.

Ela morde seu lábio e afasta um punhado de cabelo de seu rosto. — Eu não sou detetive. — ela balança a cabeça. — Ainda não, de

qualquer forma. — então, um encolher de ombros. Ela diz isso, como se houvesse uma chance de que ela fosse sair. Eu dou a ela que tipo de sensação? Algo como se esse lugar fosse umas malditas férias?

— Se você não explicar mais, eu vou perder a paciência e acabar usando sua cabeça como uma bola de basquete. Quantas vezes você acha que eu poderia bater em você antes de seu maldito cérebro sair? — eu rosno, minha paciência sumiu.

— Isso é horrível, — ela afirma com uma onda de lábio. — E nojento.

Mas que diabos? Eu deslizei na zona do crepúsculo.

— Dillon, — diz Viktor, interrompendo essa troca desagradável. — Quem é você pra ele?

Ela ainda está franzindo o cenho quando responde. — Ninguém. Bem... eu sou a responsabilidade do seu parceiro. Ele estava me mostrando como as coisas funcionam quando fui pega. Eu achei que poderia ajudar.

Eu bati minha palma para parar sua conversa irritante. — E olhe onde você parou. — eu sorrio, esperando que eu pareça maligno pra caralho fazendo isso.

Outro maldito detetive sendo treinado.

— Eu mandei a ele fotos de você. — ela levanta o rosto. Como se dissesse ‘foda-se’. Achei que a minha boneca suja tinha bolas. A desta é bem grande.

— Você está mentindo, — eu respondo.

Como ela teria feito isso? Ela não tinha como. Boneca estúpida.

— Quando eu estava no clube e vocês dois estavam discutindo. Ele saberá que você me pegou. Tudo ficará bem. — ela está tentando se tranquilizar, e ao fazer isso, está cutucando a besta gigante na frente dela.

Se Dillon sabe que estou vivo, minha vida ficou dez vezes mais complicada.

Bethany.

Porra, não tenho tempo para isso.

Pego as chaves e desbloqueio a porta da cela dela. Ela se afasta o máximo que pode.

— Nada a dizer agora? — eu murmuro quando me aproximo.

— Benjamin, ela poderia ser útil, — diz Viktor com seu tom calmo e baixo. — Vamos. Estamos perdendo tempo. — ele empurra a cabeça, gesticulando para irmos embora.

Poderia ser útil para mim?

Eu vou em direção a ela, e ela se inclina. A besta sob minha pele ruge com poder. Selvagememente, arranco suas roupas. Ela começa a chorar, triste e lamentável. É música para meus malditos ouvidos.

— Por favor, não. Por favor, não, — ela implora enquanto eu tiro sua calcinha de vovó. Ela não está usando sutiã, mas, em vez disso, tem os seus peitos envolvidos em uma bandagem. Por quê?

— Para que é isso?

Ela está olhando para mim, e quase quero que ela lute comigo.

— Eu não gosto de peitos, — ela murmura.

— Eu poderia arrancá-los se você quiser? — eu sorrio, puxando minha faca da minha bota.

— Monstro, Bethany está sofrendo enquanto estamos aqui. Vamos, — Viktor exige, e ele está certo. Isso terá que esperar.

Eu saio da gaiola e bato a porta, bloqueando-a de novo. — A roupa é um privilégio, Boneca Policial. Vou deixar você saber se você ganhar o direito de usá-las novamente.

Ela não responde. Eu não espero que ela faça.

Colocando sua camisa e agarrando sua jaqueta, os olhos de Victor se dirigem para Kami, que se moveu um pouco.

— Cassian, — ela sibila, seus olhos se alargam quando ele começa a se virar para a entrada. Ela já fodeu e falou o nome verdadeiro dele. Não precisa mentir agora. Estúpida.

— Não se atreva a me deixar aqui, Cass, — ela começa, lágrimas vazando de seus olhos. Eu quero gozar por todo o vidro na frente delas.

Ele é a porra do meu boneco, suas prostitutas usadas de merda.

— Viktor, — ela fala, mais uma vez usando seu nome verdadeiro, seus soluços a dominam. Mas ele já está liderando o caminho fora do bunker. Com tudo o que aconteceu entre nós, não tenho cem por cento de certeza se que eu deveria confiar nele. No entanto, não tenho escolha no momento. Não era assim que as coisas deveriam acontecer. Bethany e eu deveríamos ser os únicos na estrada juntos. Para começar uma nova vida.

Deslizando para dentro do carro, Viktor verifica sua aparência no espelho do quebra-sol, depois olha para mim. — Você perdeu um dente.

— Isso é tudo? — eu bufo. Ele é sortudo pra caralho.

Kami o chamando ainda ecoa ao redor dentro da minha cabeça, perguntas dançam por causa disso. Viktor. Nunca ouvi antes, e ela usou um sotaque forte ao chamá-lo.

— Então, Viktor, hein? — eu pergunto a ele. — Parece estranho.

Seu maxilar se aperta. O ar que nos rodeia fica mais grosso e espesso até ficar muito difícil respirar. Eu tenho que abrir a janela para aliviar a tensão.

— Meu nome de nascimento é Viktor Vasiliev, — ele diz, finalmente. — Quando me mudei para cá, me deram o nome de Cassian Harris. Um registro completo foi feito para mim. Para me fazer um cidadão dos Estados Unidos.

Um cidadão dos Estados Unidos?

— Você não é americano? De onde você é?

Ele parece refletir sobre minha pergunta, e eu o observo para pegá-lo em qualquer mentira. — Rússia, — ele finalmente anuncia em uma exalação. Como se ele estivesse levantando uma rocha gigante de seus ombros.

Que diabos?

Ele não parece russo. Nem um pouco.

— Eu sei o que você está pensando, e é porque um fonoaudiólogo nos ensinou desde muito novo a falar sem sotaque. *Pai* exigia. Eu vivo aqui há muito tempo, e o sotaque foi sumindo com o tempo. — ele grunhe e olha para as mãos, flexionando-as. Posso dizer que ele não gosta do pai dele. Posso entender essa porra.

— Ele sempre disse que seria uma fraqueza identificar um homem apenas com seu sotaque, então nós fomos ensinados a não ter um.

Meu coração dispara. Quem diabos é *nós*? A irmã de quem ele falou antes?

— E, — eu respondo com dureza, irritado por ele estar contando de pouco a pouco. Que provocador filho da puta.

Os olhos dele se fecham brevemente. Por que essa irmã evoca tanta dor nele? O que ela fez com ele?

— Meu irmão e irmã. Há tanta coisa sobre mim que eu não falei pra você, — diz ele em voz baixa. — É outra vida. Uma da qual não faço parte há muito tempo.

— Me conta por que você odeia sua irmã, — eu insisto. Posso ver a dor, a traição. Isso o esgota, drena toda sua cor.

Quão ruim foi, pra ter deixado uma cicatriz em sua alma?

— Ela me matou, — ele anuncia, seu tom duro e frio. — Ela me matou.

Capítulo quatro

Esmagado

VIKTOR

Não gosto de perguntas. Respostas trazem dor que eu trabalhei toda a vida para esconder. Lembranças de Vlad chocam e colidem em minha mente.

— *Isto é o que você queria, moyah, construir um império para rivalizar com o nosso pai.*

— *Mas eu queria isso para ele.*

— *Bem, você precisa fazer isso para você. Prove-se. Mostre a ele quem você é.*

Eu mostrei. E agora olhe para mim. À mercê de outro.

Meus olhos encaram as luzes que piscam quando nos dirigimos para o clube e passamos pela estrada.

Porra. Carros da polícia estão alinhados no estacionamento do meu clube. Minha vida de merda e tudo o que construí está lentamente desmoronando. Esse estúpido detetive que Benjamin odeia tanto deve ter mandado seus ‘minions’ pra cá quando eu o deixei fuçar o nariz por aí.

— Ela tirou uma foto, — assobia Benjamin, esfregando as mãos sobre o rosto maníaco.

— Acalme-se, — ordeno. — Fique no carro. Eu vou andando o resto do caminho.

Sua cabeça se vira na minha direção, mas eu não olho para ele. — Benjamin. Fique aqui até eu voltar.

Saindo do carro, eu ando em direção ao meu clube. As nuvens sobrepostas se fecham ao meu redor, convocando a tempestade dentro

de mim para a superfície. Tudo foi para merda. Tudo o que eu trabalhei está nadando em vermelho e azul.

Meu pai ficaria desapontado. Vlad ficaria furioso se soubesse o quão profundo eu permiti que Benny entrasse em mim.

— *A afeição é uma coisa, Viktor, mas anexar suas emoções a outra é um jogo perigoso. Quando você tem uma fraqueza, as pessoas vão explorá-la.*

E quão ele estava certo? Permiti que Kami se aproximasse e meu monstro a usasse contra mim. Fui atraído por ela e eu me apaixonei. Caminhamos até a armadilha do predador como se eu fosse a presa. No entanto, uma vez que eu cheguei lá, desesperado para a pessoa que eu achei que eu queria, ele me trancou, e a única coisa que importava era não me perder.

A chuva começa a escorrer do céu, e eu juro que minha pele chia quando as gotas tocam a carne. *Eu sou o maldito diabo, então é apropriado.* Tanta raiva nada no meu sangue ao testemunhar o desrespeito ao meu estabelecimento. Esse tipo de show é só isso - um show. Isso vai arruinar a confiança da minha clientela e me custar o negócio.

Se este for Dillon Scott jogando, ele ficará tão decepcionado com o resultado. Eu não quebro. Eu não hesito. Eu não perco. E uma coisa que Benjamin terá que aprender: eu não me curvo a ninguém. Eu sou um Vasiliev.

Chegando à entrada, sou parado com uma mão ao peito por um policial uniformizado. Surpreende-me que eles me permitiram aproximar tanto antes de me parar, o que me diz que eles não têm o direito de estar aqui. Eles estão apenas querendo assustar o se divertir.

— Senhor, este estabelecimento está fechado até novo aviso.

— Quem disse? — eu pergunto, minha voz calma, embora eu sinto qualquer coisa, menos calmo. O fogo arde dentro de mim, mal dá para controlar.

Ele parece momentaneamente surpreso com minhas palavras, e ao invés de olhar sobre mim como antes, ele traz seu olhar para o meu rosto. — O departamento do xerife do condado.

— Você tem um mandado? — eu estreito meu olhar sobre ele e vejo o brilho em seus traços.

Sim, você pode usar um uniforme, mas isso não o protegerá de animais como eu.

— Samuels, — ele ladra sem se afastar de mim. *Sim, você deve me manter em sua mira, filho da puta.* — Traga o mandado aqui.

— Uh, Dean tá com ele? — alguém grita de volta.

Apontando meu dedo em seu rosto, eu ladro, — Hmm, você não deve jogar jogos que você não pode ganhar. Vou te responsabilizar pessoalmente quando eu processar o departamento porque nós dois sabemos que você não tem um fodido mandado.

— Dez minutos, senhor, — alguém responde e esse idiota na minha frente sorri antes de se afastar.

— Aproveite seu tempo em The Vault, — ele zomba. — Aproveite ao máximo.

Passando por ele, entro. As garotas da recepção correm até mim, mas levanto uma mão para impedir que falem. Não tenho tempo para elas agora. Se os dez minutos que o idiota lá fora disse se referem sobre eles trazerem um mandado até aqui, então eu preciso trabalhar rápido.

Meu escritório está como eu deixei, e estou aliviado. O detetive Scott não pegou meu laptop. Ao ligar, o rosto de Kami enche a tela. Ela deve estar com tanta dor. Dor profunda, esmagadora na alma. Eu sou tudo o que ela já teve, e eu a cortei mais fundo do que qualquer lâmina poderia. Ela não vai perdoar facilmente por isso. Meus pensamentos voltam ao passado.

* * *

— *Por que eles estão sendo mantidos aqui?* — eu pergunto a Vlad enquanto ele me leva ao porão. As celas estão alinhadas à parede como celas de prisão.

— *Estes são pagamentos, demissões, dívidas,* — ele afirma com calma, tocando sua mão em cada porta enquanto passamos. *Eu vivi nesta casa toda minha vida, mas nunca soube que isso existia.*

— *E eles estão entrando no The V Games?* — eu pergunto.

— Eles serão sacrificados por prazer e entretenimento. — ele para de uma das celas e gesticula com a cabeça para que eu olhe através do espaço deixado na porta. Avançando, meus olhos examinam o lugar e caem sobre uma jovem sentada com as pernas cruzadas em uma cama. Cabelo loiro paira ao redor de seu rosto, bloqueando a sua vista. Ela é esbelta, e está usando um suéter, uma camisola e botas pesadas.

— Quem é ela?

— Ela não é ninguém agora, mas ela já foi a filha de um homem que devia muito dinheiro ao nosso pai e não podia pagar sua dívida, — afirma Vlad e, com suas palavras, a menina levanta a cabeça. Ela é bonita, mas torturada. Seus olhos são assombrados, e isso faz meu pau endurecer. Seus lábios cheios se abrem, e eu me inclino mais perto em antecipação ao que ela vai dizer. Apontando um dedo, ela o gira em um movimento para chegar mais perto.

— Por que você não entra e vem brincar? — ela diz em inglês, mas com um forte sotaque russo. Estou quase tentado a passar magicamente pelo aço da porta para chegar até ela quando o riso de Vlad ressoa ao meu redor.

— Não se deixe enganar pelo rosto lindo, meu caro. Ela é mais mortal do que parece.

O quê?

Levando minha atenção até meu irmão, enrugo a testa. — Como assim?

— Ela foi treinada desde muito jovem. Ela é uma lutadora. O nome dela é Klara Alla Mila Ivanov.

Meus olhos se alargam. — A menina da luta no Black Circle? — eu suspiro.

— Ela mesma.

Ela era conhecida por ter sido forçada a lutar por seu pai desde os dez anos de idade e ganhou uma reputação ao longo de anos por derrotar os oponentes no circuito de combate clandestino.

— Deixe-a sair. Eu quero ver o que ela tem. — energia selvagem zumba nas minhas veias com o pensamento de entrar em contato com ela.

— Você tem certeza? Se ela acabar com você, eu vou te zoar por toda a eternidade, — Vlad zomba.

— Se ela acabar comigo, seus métodos de treinamento precisam de melhorias, cara, — eu zombo de volta.

— Muito bem.

O ruído da porta se abrindo faz meu coração disparar. O sangue corre pelas minhas veias, me inundando com adrenalina.

A porta se abre e ela fica lá, seus olhos frios enquanto me examina. Suas mãos estão em punhos e há uma tatuagem fresca, ainda vermelha em seu pulso, que tem suas iniciais e um código de barras. **K.A.M.I - 15k000076.**

Kami.

Eu gosto muito mais desse nome.

Na verdade, é assim que eu vou chamá-la daqui pra frente.

— Jogue limpo. Não faça nenhum dano permanente, — Vlad a avisa e ela sorri para ele.

— Quantos anos você tem? — pergunto, examinando suas características juvenis. Sua pele macia não tem defeito. Seu nariz é torto onde ela recebeu vários socos, mas não tira sua beleza. Em vez disso, isso mostra seu caráter.

— Velha o suficiente para te machucar, — ela responde, seu tom frio e confiante.

Eu gosto dela.

Vlad estava certo.

Ele sempre está certo, embora eu jamais admitirei isso à sua bunda orgulhosa.

Ela corre até mim, seus braços rapidamente prontos para deferirem movimentos de artes marciais. Eu bloqueio seus movimentos, e ela adiciona alguns chutes, me pegando desprevenido. Ela pousa um golpe na minha boca. O sangue floresce e inunda minha língua e dente, perfurando a gengiva.

Ela sorri quando vê que ela me cortou.

Cuspindo o sangue no chão, eu sorrio de volta para ela antes de carregá-la e jogá-la no chão. Um baque soa quando sua cabeça atinge o concreto, fazendo com que ela grite de dor. É breve, e ela logo tenta me acertar com os punhos. Suas pernas se enrolam na minha cintura e ela tenta nos virar para que ela esteja em cima e com vantagem. Eu sou muito mais forte do que ela, no entanto, eu a prendo, torcendo-a e colocando seus braços embaixo dela.

Já perdeu.

Não há nada que ela possa fazer daqui.

Eu me inclino para sua orelha e sussurro, — Eu ganhei.

Ela baixa a cabeça, o que eu acho que é em derrota, mas então ela a levanta muito rápido, acertando a parte de trás da cabeça no meu nariz e me derrubando. Cadela.

Ela abre caminho livre enquanto minhas mãos agarraram meu nariz quebrado. O sangue escorre através das pontas dos meus dedos e meus olhos se levantam para encontrar Vlad olhando para mim.

— Não celebre uma vitória até que seu oponente esteja realmente derrotado, — ele argumenta.

— Eu ganhei, — ela se vangloria, vindo até a mim com a bota levantada.

Pego seu pé e a jogo de volta ao chão. Ela luta, mas um punho fechado em seu rosto e ela para.

— Eu te venci, — respondo, encarando meu irmão mais velho.

— Bom, — afirma Vlad. — Agora, coloque-a de volta na cela dela e vamos comer.

Todos os dias, repetimos este jogo até chegar a hora dos jogos reais.

** * **

Com uma sacudida da minha cabeça para limpar o passado, eu trago o software para os rastreadores que coloquei em todos meus funcionários mais próximos. Sou um homem de negócios e nada tolo. Todos os funcionários que lidam com as partes menos legais da minha

empresa são rastreados, então, se eles violarem minhas regras, eles não podem se esconder da minha fúria.

Maças ruins devem ser eliminadas para que elas não infectem as outras e estraguem o pacote inteiro.

Eu nunca tive que implementar isso antes. Eu sou um lobo mau quando se trata de quem eu permito na matilha, e minha equipe esteve comigo há décadas. Lucy tinha vinte anos quando a encontrei. Ela recebeu seu novo nome, Jessica, e tinha um fetiche insaciável para fazer com que as pessoas sangrassem, mas sua habilidade com uma lâmina precisava ser aperfeiçoada. Demorou cinco anos antes de movê-la do chão do clube para o outro lado das coisas. Aprendi tudo sobre ela. Ela era desta cidade. Uma estudante nota dez. Mas então, tudo para ela mudou. Ela abandonou a escola para fugir de casa aos dezesseis anos. Quando lhe perguntei sobre esse tempo em sua vida, ela me deu uma resposta vaga: — *A vida me empurrou, mas vou empurrar mais forte.*

Eu sempre achei sua resposta atraente. Vago é como eu sempre fui. É o que me mantém um passo à frente de todos os outros.

Os pais dela morreram há mais de uma década em um acidente de barco e Lucy nem piscou quando informei sobre a morte deles. Ela era fria, e eu a admirava por isso. Nunca acreditaria que ela era capaz de me trair. Ela me adorava. Fazia qualquer coisa que eu pedia. E eu a recompensava por sua idolatria, movendo-a na hierarquia.

A raiva penetrante corre em minha pele como mil escorpiões picando. Se eu não descarregar um pouco disso logo, vai me consumir e assumir o controle.

A deslealdade é o meu gatilho. Se houver algo que você pode fazer para me machucar, é trair minha confiança. Minha fachada invencível habitual fratura e quebra quando alguém banca o espertinho pra cima mim. Trabalhei toda a minha vida para construir minha fortaleza. Meu castelo de ferro é impenetrável, mas havia rachaduras o tempo todo.

— *Você não pode deixar isso derrotá-lo. Você se fortalece com isso. Aprenda, adapte e vença, Viktor.*

As palavras de Vlad antes de eu vir pra cá me ancoram, trazendo minha atenção de volta à tela na minha frente.

O localizador de GPS para o implante de Lucy é um ponto vermelho piscando na tela no ritmo correspondente do meu pulso.

— Pare o que você está fazendo e afaste-se da mesa, Sr. Harris. Agora, — o detetive Dillon Scott aparece na porta.

Filho da puta. Ele está acabando com o pouco que tenho de controle.

Capítulo cinco

Mutilado

DILLON

O filho da puta me encara na parte de trás do meu cruiser¹, seus olhos âmbar perfurando os meus no meu no espelho. Presunçoso. Frio. Calmo. Eu não tenho nada para prendê-lo, porque, francamente, eu não tenho merda nenhuma ainda, mas o idiota veio de bom grado quando eu disse que precisava levá-lo para interrogatório. E eu o levo. Ele conhece Benny, e eu preciso saber qual é o relacionamento deles.

Pedir um favor ao juiz para obter o mandado de busca para The Vault tão rápido não foi difícil considerando o que temos em nosso arsenal: ex-chefe da polícia, o pai de Benny, o brutal assassinato de Steve Stanton no celular recuperado no clube. Uma mulher presa e machucada no computador deste filho da puta. E o melhor de tudo, uma foto do querido Benny fodendo Stanton. Pra minha sorte, esses idiotas careciam de uma célula cerebral entre eles e o mandado os assustou o bastante para obedecerem.

Foi fácil demais.

Eu sinto que Harris não vai estar acessível. Ele é muito presunçoso para alguém sentado na parte de trás de um carro da polícia, e meus pelos já estão levantados em alerta, sabendo que Benny está espreitando lá fora.

Por que ele não veio até Jade, ou me atacou pelo menos?

Não gosto de nada disso.

Parece muito fácil.

Como se eu estivesse deixando passar alguma coisa.

No entanto, a única coisa que importa é que eu tenho o laptop de Harris ensacado como evidência e um dos caras levará de volta à

¹ Carro de polícia.

estação. Mais importante, eu tenho um jogador-chave nesta merda fodida sentado no meu banco traseiro. Antes de sairmos, verifiquei todo esse maldito clube atrás de Benny, mas é claro que ele não apareceu. Ele é escorregadio como o inferno. Cassian Harris é minha melhor alternativa agora.

Ele vai me levar para Benny. Ele precisa me levar até ele.

Eles se conhecem. De alguma forma. De alguma maneira. Eu tenho um palpite que este idiota é um grande jogador em um jogo que eu não tinha certeza de que estávamos jogando. Em sua presença, havia algo sobre ele que me incomodava. Uma energia estranha me assombrando. E agora eu *sei* que era Benny. O mal não morre tão facilmente, e seu cheiro deve estar por todo esse filho da puta, esperando que eu o sinta. Os cabelos na parte de trás do meu pescoço se levantam quando eu vislumbro ele me olhando no espelho retrovisor. Meu intestino me diz que algo espreita sob o seu exterior elegante.

Claro, nunca imaginei que esse cara estivesse na cama de Benny. Porra, como eles se conhecem? Benny é solitário. Eu preciso de respostas.

Pelas fotos que Josey enviou era definitivamente ele. Tatuado. Barbudo. Cabeça raspada. Mas ainda é o mesmo mal. E uma vez que vi aquelas fotos, imediatamente percebi que ele era o cara que eu tinha visto com Elizabeth naquele dia - apenas a parte de trás dele, mas era ele. O bastardo estava bem debaixo do meu nariz e na distância de tiro. Se beijando. Eu sei agora que esses dois estavam se beijando naquele dia, e ele provavelmente é quem cortou o pescoço dela, o que realmente me impressiona. Se ela está em algum relacionamento com Benny, as coisas ficaram muito mais estranhas. No entanto, faz sentido.

O fetiche dela por boneca.

As roupas estranhas.

Ela é como irmão nesse aspecto. Uma perversão para essa merda estranha. Eu deveria ter percebido isso muito antes. Eu deveria tê-la protegido. E agora, esse é apenas mais um problema na minha enorme lista de merda que está me dando úlceras.

Elizabeth se foi.

Pego o volante com tanta força que os nódulos dos meus dedos ficam brancos. Cassian Harris continua a olhar para mim como se ele

soubesse tudo e isso me dá raiva. Ele está prestes a contar um pouco disso.

— Como você conhece Benny? — eu exijo, minha voz fria enquanto eu dirijo.

Ele sorri no espelho. — Não tenho certeza se sei a quem você está se referindo.

Porra.

— Pare com essa merda, Harris. Você e eu sabemos que você é amigo desse psicopata. Ele machucou minha esposa, e eu receio que ele também machuque alguém com quem me importo. Faça um favor e me conte tudo.

Ele sorri para mim, um sorriso calculado. Isso me faz querer acertar meu soco em seus dentes brancos perfeitos. — Amigo. De um fantasma?

O meu telefone toca, me dando uma pausa desse idiota no meu banco traseiro. — Detetive Scott, — eu respondo.

— Porra, — Marcus assobia. — Isso é ruim.

Meu coração tropeça no meu peito. Se Benny pegou minhas meninas... não, eu as deixei seguras na estação cercadas por oficiais armados. — O quê? — eu grito, impaciente com suas gracinhas hoje.

— Uma testemunha ocular na casa de Josey descreveu Benny para T. Mostrou a ela uma foto que Josey nos enviou e ela confirmou que ele era o homem que a levou. *Levou*, Dillon. Ele *levou* Josey. Não foi um arrombamento. Foi um sequestro. — sua voz racha quando ele continua. — Ele está com as duas, porra. A irmã de Elise e Josey. Cristo. Sabemos o que ele pode fazer. O que ele fez com Jade... — ele para e Elise começa a soluçar no fundo. Eles estão juntos onde quer que estejam. Em circunstâncias normais, eu estaria brigando com ele por isso, mas agora eu tenho muito com que lidar.

Duas pessoas desaparecidas - pessoas que eu conheço e me importo.

E uma fodida pessoa encontrada. Benjamin Fodido Stanton.

— Porra! — eu olho para o Sr. Harris no banco de trás.

— As unidades estão processando a cena para provas. Eu estou indo para a casa de Elise para ver se eu posso coletar qualquer coisa

dessa cena. Detetive Rhodes e Sharpton já estão lá. Eu sinto que o maldito Benny está brincando com nossa cara, — ele ferve. — Encontrou alguma coisa no clube?

Eu volto meus olhos para Harris novamente. — Encontrei sim.

Ele percebe a imprecisão em minhas palavras. — Ahhh. Você pegou o chefe? Está trazendo ele para interrogatório?

— Eu vou buscar respostas, — confirmo.

— Ótimo, — ele ladra. — Eu vou deixar você saber se encontrarmos alguma evidência no Stanton.

Nós desligamos enquanto eu paro no estacionamento da estação. Eu desligo o carro e olho para Harris com veneno no mês olhos. — Eu não jogo jogos.

— Oh, mas *eu* sim. — outro sorriso mal.

Apertando meus dentes, eu corro meus dedos através do meu cabelo. — Você está protegendo esse fodido doente por algum motivo. Neste momento, estou mais preocupado com o paradeiro das minhas amigas. Existe algum lugar onde ele possa ter levado elas que você conhece? Eu não acho que eu preciso te dizer que, se você estiver em conluio com ele e descobrirmos, você será trancafiado por muito tempo. Cúmplice de sequestro... — falo, esperando que ele entenda o impacto da minha declaração.

— Isso é tudo? — sua sobrancelha escura se levanta em diversão. — Pelo que me disseram, esse personagem chamado Benjamin é bastante tirano. Ele não parece o tipo que simplesmente sequestra. Por que você o chama de doente? Existe uma cura para o que ele tem?

As celas antigas de Jade e Macy atravessam minha mente. Penso em todos os assassinatos que Benny cometeu. O tormento e a tortura e a insanidade. Este idiota está certo. Benny não sequestra apenas. Ele viola e mata, e não há cura para seu tipo de doença.

Benny é um monstro.

— Pelo que eu conheço do homem do qual você fala, ele tem ânsias vorazes.

— Você já fez o seu ponto de vista, — eu digo. — E é exatamente por isso que você precisa cooperar com a polícia.

Estou ansioso para entrar e verificar Jade e MJ. Uma vez que percebi que Benny estava de volta, queria minhas garotas estivessem seguras. A estação é o lugar mais seguro da cidade. Jade nem sabe sobre os aparentes sequestros de Josey e Elizabeth. Rhodes ligou mais cedo para me dizer que eles encontraram e empacotaram o celular de Elizabeth, mas não conseguiram rastrear o número que ela costumava usar com Benny em lugar nenhum. Outro beco sem saída. Mas ela definitivamente se foi e houve luta. A porta da frente estava aberta, as malas abandonadas na entrada e o sapato estava no alpendre.

Benny passou esse tempo inteiro em nosso espaço, despercebido. E se não a encontrarmos e ela ficar com ele por anos como Jade e Macy? A bile se arrasta até minha garganta e eu engasgo.

— Por que você acha que eu ajudaria? — ele começa, mas meu coração salta quando a porta traseira se abre atrás de mim.

Meu olhar ainda está fixo em Harris através do espelho quando uma lâmina cava no lado da minha garganta, tirando sangue.

Baque.

Baque.

Baque.

Não prestei atenção suficiente. Subestimei este filho da puta. Eu sei quem está segurando a faca antes de inclinar a cabeça ligeiramente para ver quem se juntou a nós. Quando meu olhar encontra os olhos castanhos frios de Benny, a raiva ameaça me consumir.

É ele mesmo. Saber e ver são duas coisas diferentes.

O ar engrossa e se fecha, condensando o pequeno espaço do carro. Meus órgãos se espremem e se contorcem, estrangulando meus pulmões, então não consigo respirar fundo.

Ele está no meu carro, a poucos metros da entrada do recinto onde está minha família.

— Porra! — o sangue desliza pelo lado da minha garganta, molhando a gola da minha camisa branca. A lâmina não está suficientemente profunda para doer, mas é o suficiente para fazer uma afirmação.

E, sabendo o estado de espírito de Benny, ele poderia aprofundar essa lâmina em qualquer ponto e fazer isso com prazer em seu coração. Não posso morrer por causa das minhas garotas.

— Onde ela está? — Benny bufa, seus olhos maníacos, as veias vermelhas explodindo com raiva, suas pupilas um abismo preto engolindo o marrom. Eu morreria e levaria ele comigo antes que eu o permitisse chegar perto da minha esposa novamente.

Minhas narinas inflam. — Você nunca voltará a olhar para Jade. Eu vou te matar...

Seus olhos se estreitam e sua testa enrugada. — Não *ela*, — ele rosna. — Bethany.

Pisco em confusão. Harris ri.

Bethany?

— Ele quer dizer Elizabeth Stanton, — Harris ri, inclinando a cabeça para o lado para estudar minha expressão. — A boneca bonita e nova dele, — ele acrescenta como uma provocação.

Meus punhos se enrolam quando o ódio furioso se arrasta sob minha pele como uma entidade. Ele corre pelas minhas veias como um jato de fúria. — Ela. Não. É. Sua. Boneca. — estou calculando se eu posso tirar minha arma do meu coldre e atirar em Benny bem olho quando Harris fala. Seu tom parece fazer Benny cavar a faca ainda mais no meu pescoço. Eles *são* amigos.

— Tecnicamente, ela *era* a boneca dele, então alguém a roubou, — Harris diz, enquanto aponta para o banco da frente. — Se você verificar o meu celular, você verá.

Alguém a roubou, como alguém além de Benny? O que diabos está acontecendo?

Tento me aproximar do assento do passageiro onde eu joguei seus pertences enquanto tento não mover minha cabeça, é mais difícil do que parece. Um suspiro involuntariamente empurra os meus lábios quando a lâmina corta mais fundo. Filho da puta. Pego o celular e Harris ergue os ombros para sinalizar que não pode se mover. Coloquei algemas nele para me proteger. O meu carro não tem uma barreira que nos separa, e não podia me arriscar se ele ficasse bravo e tentasse me controlar por trás.

— Chaves, — Benny rosna, seu cuspe acertando minha bochecha. Ele está tão perto que eu posso cheirar a loucura nele.

Puxando as chaves do meu bolso, eu as ofereço e aperto meu maxilar. Não foi assim que pensei que o meu dia ia ser. Os olhos de Benny se viram para Harris, que acena para que ele tire as algemas. Se eu for rápido, talvez eu possa sair do carro. É um risco, no entanto, e pode ser sangrento se Benny me cortar.

A minha tomada de decisão acaba mais cedo do que eu esperava quando Harris é solto e pega o celular e a atenção de Benny está totalmente voltada para mim.

Ótimo.

Ele abre o telefone e depois mostra a foto.

Baque.

Elizabeth, o que diabos aconteceu com você? Engasgo com horror ao ver as palavras esculpidas em seu corpo nu.

— Que merda é essa? — eu balbucio, a bile sobe na minha garganta de novo. Seus peitos minúsculos estão manchados de sangue. Inferno, tem sangue até na junção entre as coxas. Ela é apenas uma criança, não uma maldita boneca para esse fodido sádico cortar.

— Eu juro por Cristo, se você não usar essa faca para acabar comigo, vai estar no seu coração sombrio, seu filho da puta doente, — eu rujo. Eu sou rápido, me movendo para o lado, depois para frente, então a faca só me corta um pouco. Tudo se move em câmera lenta. Os olhos de Benny se expandem quando eu me viro para ele, arrancando minha arma do coldre enquanto me movo.

Baque.

Baque.

Baque.

Ruído, alto e distorcido, troveja em volta de nós como uma tempestade tropical entrando em erupção.

— Eu sei que Jade está aqui, — Benny grita sobre o caos, e o ar se endurece. Todos deixamos de nos mover. Inferno, talvez até de parar de respirar.

Benny gesticula com um aceno para o lado do edifício. Olhando rapidamente, um sorriso fodido me encara.

— Ele entrará e alertará todos para o que está acontecendo aqui e todos virão correndo, deixando sua pequena família sozinha e à sua mercê. Então pare de tentar ser um herói. Você nunca foi um, — ele rosna, seus olhos flutuando dentro de suas órbitas, as veias explodindo. Ele realmente é um monstro.

— Precisamos nos acalmar. Todos nós queremos o mesmo. — Harris arqueia uma sobrancelha e sorri. Ele está tão calmo, e isso é inquietante.

— Ela era a boneca de Benny, mas agora ela é a boneca *dela*. Um dos meus funcionários a levou. Meu colega aqui gostaria de sua preciosa boneca de volta, — Harris me diz antes de mostrar a horrível foto de Elizabeth.

Eles querem que eu acredite que ele não está com Elizabeth?

— Por que levar Josey então? — eu estalo, meu olhar duro encontrando o de Benny entre a abertura nos bancos da frente.

— Essa boneca policial burra estava no meu caminho. Ela meteu o nariz onde não deveria, — Benny se enfurece, a faca estendida em minha direção, meu próprio sangue escorrendo da ponta. Eu estremeço com a picada no meu pescoço. Jade vai enlouquecer quando ela vir. — Ela estava rondando e estragou tudo entre mim e minha Bethany. Levando você e os outros porcos da merda em minha direção. Ela precisa ser ensinada uma lição.

— Ela parecia tão assustada em sua gaiola, — Harris diz, me irritando.

— Chega! — Benny grita.

— Por que você está aqui então? — eu exijo. — Para trazer seu monstro de volta para casa, então vocês dois podem foder e matar minha amiga? — eu não estou entendendo nada aqui.

— Ela gosta de homens, não de garotos, — Harris canta, sorrindo.

Isso pararia Benny?

— Nós vamos *juntos*, — diz Benny. — E você vai usar seu distintivo da polícia para encontrar minha Bethany!

— Elizabeth Stanton, — Harris esclarece novamente e ri. — Apenas assegurando que você possa entender, detetive.

Meus olhos dançam de um lado para o outro entre esses dois monstros. Um é calculista e calmo. O outro é imprevisível e feroz. Juntos, são um pesadelo.

— E a garota no monitor? — pergunto, lembrando da mulher que estava ferida e parecia falar com Harris. — Ela está bem?

— Ela não é sua preocupação, — Harris se irrita, e é a primeira vez que eu vejo uma falha em sua armadura.

Eu procuro uma solução. — Josey. Você me traz Josey e encontraremos Elizabeth. Nós temos um interesse mútuo, com certeza. — eu não falo para ele que uma vez que eu encontrar Elizabeth, Benny jamais vai tocar em um cabelo nela. — Eu precisarei fazer perguntas a vocês dois...

— O tempo para perguntas terminou, detetive, — Harris diz, e se aproxima para pegar um dos meus cartões de visita do console. — Quando tivermos uma pista para você seguir como o bom cachorro que você é, eu vou ligar para você. Até então, vou precisar do meu maldito computador já que estamos indo embora daqui.

— Eu quero Josey. Antes mesmo de pensar em ajudar vocês a encontrarem Elizabeth ou lhes dar alguma coisa, eu quero Josey. Esse é o meu acordo. Josey, e vocês podem ficar com o laptop e a minha ajuda. — encontro seus olhos gelados. Eu não posso acreditar que estou negociando com esses filhos da puta.

— Esta noite.

Os olhos de Benny se estreitaram. — E eu estava ansioso para foder aquela buceta. Ela teria gritado tanto. — apesar de suas ameaças, vejo irritação em seus olhos. Ele não quer fodê-la. Ele quer Elizabeth. Por algum fodido motivo, ele se juntou a ela como se estivesse com Jade, e eu quero saber por quê. Ele nunca ficará com ela, mas ele não sabe disso.

— Por que Elizabeth? Ela é sua irmã. Irmã de sangue. Você sabe disso, certo?

— Não tente fazer com que isso seja errado ou pervertido. Você nunca poderia entender. *Ela* me entende, — Benny ferve, a faca torcendo um pouco mais na minha direção. Mais sangue escorre na minha garganta, quase em advertência. — Ela me ama. Ela é minha.

Que seja, psicótico.

— Daqui a duas horas. Quero Josey sob minha custódia, então a encontraremos. Até então, eu preciso encontrar alguém que poderia querer se vingar de você. Este não é um sequestro aleatório. Esta pessoa sabia onde Elizabeth morava. Eles claramente sabiam da sua conexão com ela com base naquela maldita foto. Eu quero tudo o que há para saber sobre esse cara.

Harris aperta o pulso de Benny, puxando-o suavemente, e fico chocado quando Benny obedece. Esses dois idiotas malditos são namorados ou alguma merda assim? Pressiono a palma no meu pescoço para segurar o sangramento.

— Mulher. Lucy Vandross é o apelido. Mas olhe, procure por Jessica Johnson. Ela é local, — diz Harris, sua voz calma e profissional. Eu odeio o quão calmo ele parece. Como se ele fosse o único mandando aqui. E o fato de ele ter Benny em uma fodida coleira me deixa louco.

— Duas horas, — eu repito.

— Até logo, detetive. Não foda com isso ou as coisas podem acabar mal para todos. E traga meu laptop, — Harris ameaça.

Benny abre a porta do carro, mas não antes de disparar um olhar ameaçador em minha direção. — Diga a Jade e MJ que eu mandei um oi.

Eles desapareceram no próximo instante entre os carros. Eu deveria ir atrás deles e ser o verdadeiro policial que eu sou, mas eu não faço isso.

Benny quer Elizabeth.

Ele está com Josey.

Este é a única barganha que tenho agora, e com certeza vou usar isso. Protocolo que se foda. Vou recuperar as meninas.

Então eu vou acabar com esses monstros e enviá-los de volta ao inferno, onde eles pertencem. Saindo do carro, eu ando até o cara ainda parado, sorrindo para mim, como se nós fôssemos amigos.

— Bom trabalho. Parecia totalmente convincente. — ele sorri.

— O quê? — eu lato, a irritação deixando meus nervos a flor da pele.

— A cena. Esse cara me pagou para ser figurante. Não consigo nem ver onde as câmeras estão filmando. É incrível.

— Você não o conhece ou está tentando intimidar um policial?

Seus olhos se arregalam e sua pele fica pálida. — O quê? Acabei de ser pago para ficar aqui como figurante.

Uma armadilha. Filho de puta estúpido.

Capítulo seis

Fragmentado

ELIZABETH

Frio.

Escuro.

Sozinha.

Não tenho certeza de quantas horas se passaram desde que essa mulher louca loira me levou da minha casa. Duas. Talvez três. O suficiente para cortar minhas roupas do meu corpo e arruinar o trabalho de Benny.

Ela me fez chorar.

Eu a odeio.

No momento em que ela cavou a faca no meu estômago e riscou o nome dele, eu quebrei. Não era doente. Eu finalmente encontrei algum tipo de felicidade e essa cadela estava roubando-a de mim. Arruinando a marca dele em mim. Tirando-me do meu mestre.

Eu estremeço quando tento sentar na cama. Ela me amarrou nos pulsos, mas eu estou de outra forma livre. Estamos em um antigo motel em ruínas que cheira a bunda e fumaça de cigarro. O único som que pode ser ouvido é o gotejamento constante do banheiro.

Pim.

Pim.

Pim.

Um rápido olhar ao redor do quarto diz que ela não está aqui. Lucy é o nome que ela disse que era dela. Mas foi tudo o que ela me disse. Ainda tenho que descobrir, apesar de todas as minhas exigências, por que ela me raptou.

Uma fã obsessiva do meu site?

Uma inimiga do Benny?

Não tenho certeza.

Meu olhar continua a escanear o espaço para algo que seja útil. O telefone está fora de...

Bam!

A porta do quarto do motel explode e bate contra a parede. Eu grito de surpresa. Muito para minha consternação, é ela, usando um par de jeans justos e uma camiseta branca apertada que mostra seus grandes seios. Depois que ela arruinou sua última roupa com meu sangue, ela foi tomar banho. Isso me faz a odiar mais. Seu cabelo loiro perfeito cai em ondas na frente de seus ombros e sua maquiagem está impecável, até o delineador gatinho que ela fez nos olhos. Ela é mais velha do que eu e há rugas suaves ao redor de seus olhos.

Enquanto isso, eu estou aqui sangrando, espancada, ferida e suja.

Pim.

Pim.

Pim.

— Por que estou aqui? — pergunto, meu olhar focado nela.

Ela sorri e para ao meu lado na cama. Eu não confio em seus sorrisos ou em seus movimentos lentos. Ela é como uma pantera. Mortal e violenta. Mas linda. Ela está esperando para atacar de novo. Posso ver isso cintilando em seus olhos. Sua palma corre na minha coxa nua e as pontas dos seus dedos se escovam contra minha buceta coberta de sangue.

— Posso ver por que ele adora você, — ela diz em um tom que parece remotamente ciumento. Um fogo de irritação floresce dentro de mim. Ela o quer? Ela quer meu mestre?

— Posso ver por que ele quer cortar seu coração, — eu lanço de volta para ela, minhas palavras são odiosas.

Ela ri, e é gutural. Sexy. Feminino. Sinto que sou uma garotinha suja na presença dela. Já fizeram sexo antes? Ela é uma ex-amante

ciumenta? Ansiedade dispara através das minhas veias. Não gosto da ideia dele com ninguém, especialmente de alguém bonita como ela.

— Doce boneca... — ela sorri e provoca meu clitóris com o dedo. Eu aperto minhas coxas para tentar impedir que ela toque o que não pertence a ela.

Meu corpo pertence ao meu irmão.

Benjamin.

Mestre.

— Tão adorável como você é, — ela ronrona, — você é apenas uma ferramenta útil. Eu vou usar você tanto para conseguir o que eu quero.

Eu grito quando ela empurra seu dedo com força dentro de mim. Estou seca e dolorida de quando Benny e eu fizemos sexo. Sua intrusão queima, mas eu me recuso a deixar as lágrimas caírem. Eu já deixei cair muitas antes na frente dela.

Ela puxa o telefone do bolso e tira uma foto do dedo dela dentro de mim. Quando ela está satisfeita, ela o desliza do meu corpo e chupa.

— Mmmm, sua buceta é doce. — seus olhos escurecem quando ela corre sua unha ao longo de um corte ainda sangrando no meu estômago. — Mas seu sangue é mais doce.

Quando Benny cortou e sugou, eu queria isso. Mas com ela, ela é como um maldito vampiro, me secando. É perturbador.

— Ele vai te matar, — eu ameaço. Com base em seu passado e quanto ele parece me adorar, espero que isso seja verdade.

Ela vira o olhar para a janela. — Ele vai tentar. — seus olhos voltam para os meus, odeio aparecer neles. — E é exatamente isso que eu espero.

Uma armadilha.

Esta cadela está me usando para armar para Benny.

— Se ele não te matar, eu vou, — eu respondo.

Ela para perto da cama e se aproxima do espelho. Usando seu dedo molhado, ainda ensanguentado, ela escreve algo no espelho. — Você não é capaz de tais coisas, boneca doce. Somente os monstros são. Você *não* é um monstro.

Aperto meus dentes e olho para a mensagem no espelho.

Vingança.

Ela não tem ideia. Benny vai me encontrar. Ele não vai deixar essa psicopata me levar... não quando acabamos de encontrar um ao outro. Eu sei disso com todas as partes do meu ser. Eu sinto isso no fundo da minha alma.

— Você não tem ideia do que sou capaz, — eu sussurro.

Eu também posso ser um monstro. Está no nosso DNA.

Capítulo sete

Rompido

BENNY

Eu prefiro o nome Viktor e me sinto mais perto dele agora sabendo o seu verdadeiro nome. Não sei por que isso importa, mas importa. Simplesmente importa.

Arriscar-me a liberá-lo das algemas de Dillon foi necessário para obter informações sobre seu sistema de rastreamento.

Continue dizendo isso a si mesmo.

— Viktor? — repito depois de perguntar o que ele conseguiu pegar antes que a polícia levasse tudo.

— Mostra a casa da sua irmã, mas ela não pode estar lá, e irmos lá é muito arriscado.

— Estamos indo, — declaro.

E se ela se escondeu em plena vista ou nos vizinhos? É uma ideia inteligente.

— A polícia estará lá. É uma cena de crime, — ele quase rosna, e meu pau se contrai só de pensar nele perdendo a calma.

Estaciono na rua e aponto para a casa. — Dois carros. Apenas um esquadrão. Eles estão todos muito ocupados no seu clube. — eu cutuco o urso irritado, desejando que ele morda de volta.

Sua postura se endurece com a menção de The Vault, mas ele não pega a isca.

— Lamento que essa merda acabou respingando em seu clube. Eu sei como você se sente sobre esse lugar. — eu contradigo minhas ações com uma desculpa para tentar restaurar seu equilíbrio. Parece sincero, mas é tudo menos isso. Na verdade, não me importo com o seu maldito clube ou com os idiotas que ele atende. Eles se domesticam -

escondem seus desejos, seus danos. O meu é usado como roupas. É quem eu sou.

— Eu conheço você melhor do que você pensa, amigo. E você não se importa. — Viktor sorri, puxando os punhos das mangas de sua camisa. Bem, maldição. — Eu preciso me trocar. — ele estremece. Sua aparência desganhada está escrita na testa dele. Se ao menos ele soubesse o quão bem ele fica assim, todo amarrotado e bagunçado. Às vezes, os monstros parecem melhores livres. Não tenho certeza por que ele sente a necessidade de se conter.

— Olha. Aquela viatura está indo embora, — ressalto quando os oficiais uniformizados se retiram em seu veículo. — Eu vou entrar.

Sua mão agarra meu antebraço. — Ainda há pessoas lá. — uma silhueta passa pela janela. O calor da mão de Viktor queima, e ainda não tenho certeza de como me sinto sobre tudo o que aconteceu entre nós. Está tudo nebuloso em minha mente e não posso me concentrar nisso agora. Preciso encontrar Bethany antes que a puta loira faça mais danos. Preciso entrar nesta casa porque pode haver pistas.

— É sua vez de me esperar e salvar minha bunda se eu tiver problemas, — eu brinco, abrindo a porta e descendo do carro.

Eu ouço sua porta abrir e seus passos caem ao lado dos meus quando eu atravesso a rua.

— Esperar me deixa ansioso, — ele responde.

Ele não fica ansioso.

Dando a volta no lado da casa, olho para a janela e não vejo nada.

— Vá por trás. Eu irei na frente.

— Não devemos nos separar, — ele sussurra atrás de mim.

— Deus, mais de vocês? — algum idiota grita do quintal do vizinho. — Vocês vão embora em algum momento esta noite? — ele está segurando um saco de lixo na mão e usando calções, meias e chinelos sem camisa.

— Volte para dentro, senhor, — instrui Viktor com autoridade em seu tom - um tom que ele usou comigo mais de uma vez. — Isso é coisa da polícia.

— Não me diga o que fazer. Nós tivemos vocês vindo e indo todo o dia e noite.

Sua voz está ficando mais alta e acabará chamando atenção de quem estiver lá dentro se ele não fechar a boca. Percebendo minha postura tensa e olhos brilhantes, Viktor se move em direção ao homem. Eu acho que ele o mandará entrar. Contudo, ele me surpreende e, em vez disso, desliza sua mão na jaqueta antes de se lançar em direção ao idiota.

As batidas de seus punhos soam rápidas e poderosas, o brilho do metal das chaves do carro em sua mão.

Um, dois, três, quatro, cinco, seis.

E então ele está caminhando ao redor dele e pegando seu corpo caído. O rio de sangue escorre de vários pequenos buracos do homem, um pulmão é perfurado tão fácil. Rápido. Lindo de ver.

As chaves do carro balançam nos dedos de Viktor, um pedaço de carne presa na ponta. A força que ele usou é surpreendente, mas ele pareceu quase não se esforçar.

Ele o arrasta atrás de um arbusto e o solta sem suar.

Quem é o monstro agora, Mestre?

Ele estala seu pescoço e ajeita as lapelas de seu terno quando o lado de sua boca se enrola. — Ele dá um novo significado à morte da moda, ou por causa disso, no caso dele. Ninguém deve usar meias com chinelos.

— Nenhum homem deve usar chinelos em geral, — retruco, um sorriso puxando meus lábios. Eu aceno para a casa. Por algum milagre, não fomos vistos. Ele desaparece na parte de trás enquanto eu vou pela frente.

Há vozes altas e o que parece choro. É familiar.

Bonequinha nova.

Meus pés se movem sem permissão, e a próxima coisa que sei, é que estou dentro. O calor da casa me envolve quando dois conjuntos de olhos se levam para os meus.

A irmã, não minha boneca, grita e corre do banco para o parceiro de Dillon.

— Não se mexa! — ele adverte, puxando uma arma e apontando para mim. Meus nervos estão tão desgastados por me preocupar com minha boneca, que eu estou me tornando imprudente.

Assim quando eu estou tentando contemplar como posso chegar até ele antes de levar um tiro, Viktor aparece na entrada atrás de Elise. Ele levanta a testa para mim e eu posso ler todas as palavras que ele não está falando, mas transmitido perfeitamente.

— *Feliz por eu ter vindo agora, Monstro?*

Maldito, eu estou. Nós fazemos uma equipe e tanto.

Ele envolve sua grande palma ao redor da boca da minha irmã por trás e puxa seu corpo contra o dele. Ela se contorce e retrocede, mas ele a domina facilmente. Ela não é páreo para Viktor.

O policial vira sua atenção para eles e eu avanço sobre ele.

— Não se mexa, — ele ladra novamente, balançando o olhar entre os dois animais na sala com ele.

— Largue a arma ou vou quebrar o pescoço bonito dela, — adverte Viktor, levando a mão da boca dela para o pescoço e apertando. Ela faz um som de lamentação estranho. É novidade para meus ouvidos e divertido. Os olhos dela se alargam e lágrimas rolam.

— Por favor, não me machuque. Estou grávida, — ela grita, e o idiota segurando a arma vacila, me dando uma chance de atacá-lo. Meu punho colide com sua mandíbula quando meu braço se aproxima dele, prendendo-o e tirando a arma dele. Eu acerto ele com a coronha e ele cai como um saco de merda, mantendo seu olhar desfocado na irmã da minha bonequinha - *minha* irmã.

Viktor a solta e aponta para uma cadeira. — Sente-se e não se mova. Se você tentar alguma coisa, não haverá um coração vivo dentro dessas paredes, e muito menos o pequeno em seu útero.

Ela está tremendo, com medo de mim - de nós dois - e é excitante. Se eu fechar os olhos, ela quase poderia se passar pela minha bonequinha. — Você está aqui para mim? — ela ofega, fungando seu nariz escorrendo.

Oh, você não gostaria disso? Escolher você à minha bonequinha nova? Nunca, puta.

— Não. Estou aqui para encontrar Bethany.

Suas sobrançelas se juntam em confusão. Usando a palma da mão, ela limpa o nariz, espalhando lágrimas por toda parte. Não era suposta ser a perfeita? Todas essas pessoas estavam cegas. Eles

estavam muito focados nesta fraude quando tinham algo bonito e real bem na frente de seus narizes. Minha bela Bethany.

— Quem? — ela resmunga novamente.

Viktor exala com força e passa a mão por seus cabelos. Ele está todo amassado como se tivesse passado o dia no inferno. Muito diferente dele, mas eu gosto assim. Ele está rasgando, e eu quero ser o único que remendá-lo. Isso é o que eu faço com as minhas bonecas. Eu as remendo exatamente da maneira como eu gosto.

— Ele quer dizer Elizabeth. — ele anda até o filho de puta sangrando no chão. Se agachando, ele puxa um lenço de papel de uma caixa na mesa ao lado e passa no lábio do policial. — Você está sangrando, — ele provoca.

— Que evidências você encontrou aqui?

— Vá se ferrar, — o idiota cuspe de volta.

Mexendo o dedo dele e apertando, Viktor fica parado. — Você deve estar enganado sobre a dinâmica apresentada diante de você, detetive Marcus James. Vou te dizer uma coisa, eu sei que o feto que se contorce dentro dela é seu, e se você não quiser que eu foda ele pra fora dela, substituindo-o por um meu, você mostrará um maldito respeito. Você não tem poder aqui.

A raiva borbulha dentro dos ossos de Viktor, implorando para ser libertada, e Deus, eu quero estar aqui para esse show.

— Ok, — o policial exala em uma respiração rápida. — O que você quer?

— Que evidências foram encontradas aqui sobre o desaparecimento de Elizabeth?

Ele fica em uma posição sentada, arrancando o tecido da mão que Viktor oferece para ele e se limpa. — Se você quiser esconder evidências, você está muito atrasado. Tudo foi fotografado, ensacado e marcado. — ele flexiona a mandíbula, e eu debato sobre matá-lo se ele não for útil rapidinho. — Por que você a pegou, seu doente? — ele cuspe em minha direção.

Por que todos acham que eu a peguei? Eles não têm ideia de quão dedicada a mim que ela foi - é. Eu não precisaria levá-la.

Aponto a arma e disparo. O som ricocheteia através da sala quando a bala pousa com um barulho seco em sua coxa. O coro de seu choro de dor e o gemido de medo da minha irmã, misturado com o rugido de aborrecimento de Viktor, alimenta a besta nadando sob a pele que eu uso para contê-la.

— Nós não levamos Bethany, idiota, — eu grunho. — Agora, que evidências você conseguiu aqui? Esta é a última vez que eu vou te perguntar. A próxima bala vai ser *nela*.

O suspiro dele ecoa através dos soluços dela. Não vou matá-la, mas uma bala no braço nunca matou ninguém. Ou matou? Não.

— Não Elizabeth. Josey. — ele balança a cabeça. — Você a pegou. Por quê?

Oh, a boneca policial parece ser tão popular.

— Porque eu sou o maldito vilão, — eu zombo.

Indo até ele, eu me inclino, então fico cara a cara com ele.

— Rawwww, — eu rosno, imitando algo feroz como um urso ou um maldito dragão. Isso está ficando tedioso. Estou ficando entediado com esses jogos. Os fodidos círculos constantes. Eles sabem quem eu sou, mas todos eles ficam chocados e consternados quando faço coisas ruins. Bem, fodam-se.

— Quem é esse que segura a arma, idiota? — eu pergunto, meu tom mortal. — É minha vez de perguntar, não sua. — eu toco a arma contra sua testa, depois me afasto dele.

— Meu querido amigo acabou de fazer uma pergunta. — Viktor se move, lembrando ao policial idiota que é melhor começar a falar rápido.

Seus olhos olham entre nós e ficam brilhantes, o sangue criando uma piscina carmesim no tapete debaixo da perna. A bala entrou profundamente. Isso vai deixar uma cicatriz. Ótimo.

— Nada útil, — ele responde, com a voz aguda. — Alguns traços de sangue perto da porta da frente. Uma luta ocorreu. Havia um dispositivo de rastreamento na área da varanda com uma nota.

— O que a nota dizia? — exijo.

— A vingança é melhor servida no sangue. Ou algo parecido, — ele sibila, suas pálpebras caindo. *Fique com a gente, idiota.*

— Algo parecido ou foi isso o que dizia?!

— Isso é o que dizia, — ele gralha, e balança, a dor claramente deixando-o tonto.

O que diabos isso quer dizer?

De quem ela está se vingando?

Ela está usando minha boneca para chegar a Viktor? Mas por quê? Talvez me vire contra ele.

— Ela quer vingança por tudo o que você fez? — eu pergunto a Viktor, de repente estou nervoso ao pensar que eu sou apenas um peão em um jogo maior.

Viktor se ergue a toda a altura. A atmosfera na sala se aquece, lambendo sobre nós como a respiração de um dragão esperando para voar e destruir tudo.

— Fui leal à Lucy e dei para ela mais do que dei a qualquer outra pessoa. Não há absolutamente nada com que ela tenha que se vingar de mim, então pare de me encarar esse seu olhar acusador e se olhe no espelho. — Seu tom é frio, mortal. Dolorido.

Luzes vermelhas e azuis iluminam a janela. Meus pensamentos paranoicos me fizeram de refém. Eu deixei a situação tomar meu controle e agi erráticamente, disparando uma arma para todos os vizinhos ouvirem.

Viktor olha através das cortinas e amaldiçoa.

— Nós não temos tempo para isso, — ele diz. — Vamos.

Sigo-o até a entrada dos fundos e paro na entrada. — Talvez devêssemos levá-la conosco para termos algo depois de dar a Dillon a boneca policial, — sugiro.

Um barulho ressoa e dois policiais explodem pela porta da frente, armas levantadas.

— Atire! — o parceiro de Dillon ordena, e antes que eu possa sair do caminho, o som de suas armas descarregando soam no ar. Estou me movendo, arrastando-me para fora da linha de fogo e pela casa em direção ao nosso carro. Eu disparo alguns tiros de volta para eles, o que os faz parar e se cobrirem, dando-nos tempo suficiente para entrar no carro e acelerar. A derrapagem dos pneus contra asfalto envia fumaça para cima - como se estivéssemos em algum filme antigo, ladrões de

bancos em uma fuga. Minha adrenalina corre e eu estou vibrando de emoção. Viver no limite é emocionante, e onde eu deveria estar.

— O que agora? — eu sorrio para Viktor, e meu sorriso desaparece. Suas características estão comprimidas. Meus olhos caem no braço ao seu lado. O sangue floresce sobre sua camisa.

Ele foi baleado, porra.

Não. Não posso perdê-lo.

Minha garganta trava só de pensar. Uma tristeza se infiltra através de mim e de repente percebo que me importo mais com ele do que imaginei.

Eu sentiria falta dele.

Porra.

Capítulo oito

Dividido

DILLON

— O que aconteceu com você? — Jade assobia no momento em que eu caio em uma cadeira na sala de interrogatório onde ela está acampada.

Eu evito olhar para seus olhos castanhos e olho para MJ brincando com a boneca no chão. Ela está tentando alimentá-la com uma laranja, bagunçando todo o tapete. Jade, sempre uma boa mãe, deixará essa sala arrumada e melhor do que antes, quando ela sair.

— Dillon. Responda-me agora.

Levanto a cabeça e encontro seu olhar. O meu peito dói porque tenho que dizer a ela. Tenho que lhe dizer que ele está vivo. Ele é real. Ele ainda nos assombra, mas em carne e osso.

Minha pobre e brava garota.

Ela vai ficar louca por isso.

— Babe... — eu puxo a ponte do meu nariz e exalo alto.

— Fique aqui com o papai, — Jade instrui a MJ com uma voz alegre e falsa.

Ela desaparece da sala sem mais uma palavra, e eu posso olhar minha filha. Hoje, Jade a vestiu com um vestido amarelo que parece estar provavelmente irritando minha pequena garota. A tiara amarela combinando foi arrancada. Seus cachos escuros e sedosos se aglomeraram no rosto enquanto fala suavemente com a boneca.

Ela nunca estará segura.

Enquanto Benny existir, minha família viverá com medo.

— Bem, se não é a MJ fofa em seu vestido bonito, — Edna do despacho murmura. — Tia Edna trouxe biscoito para sua garota favorita.

A velha mulher se dirige para minha filha, e MJ abandona a boneca para abraçar uma das figuras mais grandiosas de sua vida. Ainda estou olhando para elas quando Jade assobia pra mim.

— Lá pra cima. Agora. Vamos.

Eu gemo enquanto levanto. Jade caminha com propósito e com uma força que apenas uma mulher que passou pelo que ela passou poderia possuir. Sua bunda está bem grande agora que ela está grávida do segundo bebê. Eu quero colocar muitos bebês nela, o que significa que eu preciso consertar toda essa maldição com Benny.

Ela me guia para o banheiro dos homens onde um kit de primeiros socorros está no balcão e tranco a porta atrás de mim. A última coisa que eu preciso é que alguém do departamento saiba sobre o que acabou de acontecer com Benny e Harris. Preciso descobrir um plano de ação. O protocolo deve ter um plano b desta vez.

— Eu posso dizer pelo olhar em seu rosto que seja o que for, é ruim. Estou pronta. Apenas me diga. — ela começa a limpar o sangue do meu pescoço enquanto aguarda.

— Eu acabei de ter uma briga com... ele, — eu digo em um suspiro. — Benny.

Ela fica tensa e suas sobrancelhas se juntam. — Ele está morto. — mesmo que ela esteja falando as palavras de negação, ela sabe disso no fundo. Eu contei a ela que tinha suspeita de que ele não estava morto, mas agora temos confirmação visual real. Como se minhas palavras finalmente se afundassem, ela amaldiçoa. — Porra!

— Ele quer Elizabeth, — eu resmungo.

Lágrimas enchem os olhos dela enquanto ela limpa meu pescoço. Eu estremeço, mas não digo a ela que ela não está sendo gentil. Sua cabeça está em outro lugar no momento.

— Ele não pode pegá-la, — ela responde enquanto uma lágrima rola pela sua bochecha. — Ele não pegar nenhum de nós.

Eu me aproximo e pego a lágrima com meu polegar. — Ele pegou Josey.

As narinas dele inflam e ela bufa. — O-o quê?

— E agora ele quer negociar com ela. — eu digo por entre dentes.
— Ele vai dar Josey de volta, se nós o ajudarmos a pegar Elizabeth.

— Eu pensei que ele foi quem pegou Elizabeth, — ela grita, deixando cair a gaze suja.

Segurei seu maxilar e plantei um beijo em seus lábios trêmulos.
— Eu vou consertar tudo. Vou pegá-las e ter certeza de que o fodido morra de verdade desta vez.

— Quem a pegou então? — ela questiona, aumentando a voz enquanto desenrolar ataduras.

— Eles acham que uma mulher chamada Lucy, um apelido para Jessica Johnson, que trabalhou com Harris, o proprietário do The Vault, que eu fui buscar para interrogatório.

Os olhos dela se alargam com a palavra ‘eles’ e depois novamente na última parte da minha declaração. Minha esposa detetive é inteligente. Ela também pode juntar peças de um quebra-cabeça rapidamente.

— Benny e Harris estão trabalhando juntos. — não é uma pergunta de sua voz suave, é uma declaração. — Ele esteve sob nossos narizes esse tempo todo. — ela franze a testa e olha para mim. — Por que ele não veio atrás de nós?

— Honestamente, eu não sei. Mas agora, ele parece estar mirando em uma nova obsessão, — eu digo e minha cabeça começa a doer.

— Elizabeth. — ela solta um soluço engasgado. — Oh, Dillon, o que vamos fazer? Não podemos o deixar levá-la, mas ele já está com Josey. Ele é um monstro. Ele vai machucá-las.

Inclino-me para frente e beijo a pele perto da orelha dela. — É por isso que eu tenho que bolar um plano. Um que o departamento não precisará passar por toda a burocracia. Tudo isso deve ser feito rapidamente e por nossas próprias regras.

Ela acaba o curativo e pega minhas bochechas nas palmas das mãos. — Faça o que for preciso para acabar com ele e pegar essas garotas. — seus olhos escureceram. — Qualquer coisa, Dillon. Não podemos deixar que ele nos destrua de novo.

Eu a viro em meus braços e a paro em direção ao espelho enquanto pressiono contra ela por trás. Meus olhos são ferais. Maníacos quase. Os dela estão tristes, mas ferozes. Somos uma equipe. Nós passaremos por isso.

Ela passa a mão atrás dela e passa através do meu cabelo. Nossas bocas se encontram em desespero. Através de um beijo, asseguro-lhe que ela é minha. Não vou deixar que esse filho da puta machuque ela ou a nossa menina. Minhas mãos encontram seus peitos gigantes e eu devoro os gemidos que derramam de sua boca.

Jade precisa ser mais quieta.

— Você é minha, baby, — eu grunho, depois pego seus lábios. — Isso é meu. — eu esfrego a barriga inchada.

— Dillon, — ela geme. — Eu preciso...

Eu sei exatamente o que ela precisa. Benny morto. Eu a reivindicando. Nosso mundo ser simples novamente. Posso pelo menos dar a ela uma dessas coisas agora. Ela não protesta quando começo a subir o vestido até os quadris. Suas mãos voem para a borda do assento para que ela possa se firmar, e eu empurro suas calcinhas pelas coxas dela. No nosso próximo suspiro, estou dentro dela.

Seus olhos de avelã se encontram com os meus no espelho - frenéticos, carentes e aterrorizados - e sua boca se separa. Eu empurro forte na minha esposa enquanto aperto seus seios e a puxo contra meu peito.

— Minha, — eu lembro a ela quando pressiono beijos do lado do rosto até o pescoço dela. Eu mordo a carne lá e me deleito com a forma como sua buceta aperta quando eu a mordo.

— Sua. — ela revira os olhos quando eu localizo seu clitóris. Assalto seu corpo com prazer - de todas as direções. Não demora muito para que ela goze fortemente em torno do meu pau, e eu dreno meu próprio sêmen em um resmungo esfarrapado.

Eu ainda estou dentro dela, meu pau amolecendo e soltando minha semente, quando ela fala novamente.

— Eu o quero morto.

Eu beijo seu lóbulo da orelha. — Eu vou ser o único a matá-lo por você.

* * *

— Você o quê? — grito no telefone para Marcus.

— Levei um tiro. O filho da puta me acertou. — sua voz é fraca e preocupada.

— Onde você está? — eu exijo. Parte de mim quer correr para ajudar meu parceiro, mas isso é maior do que nós. Vidas estão em jogo agora. Tempo é essencial.

— Broughton chamou uma ambulância. Nós iremos ao hospital em breve. — ele grunhe com dor. — Mas ele e o fodido do Harris apareceram. Assustaram minha garota...

— Quem?

— Elise. De qualquer forma, ela está bem, apenas um pouco abalada. Alguma coisa sobre Josey ou Elizabeth?

Aqui é onde devo contar ao meu parceiro o que aconteceu. Mas eu não posso foder isso.

— Trabalhando nisso, — eu resmungo enquanto eu atravesso a cidade na minha missão.

— Isso não parece reconfortante.

— Eu vou lidar com isso.

Ele fica em silêncio por um momento, então ele fala, — O que você está fazendo, cara, tenha cuidado. — sua respiração sai afiada. — Precisamos acabar com esses psicopatas. — no linguajar de Marcus: a qualquer custo.

Entendo a mensagem alto e claro.

— Mantenha-me informado sobre qualquer coisa que você ouvir, — respondo enquanto paro no estacionamento atrás de uma velha mercearia abandonada. Eu desligo o telefone e o coloco no bolso do meu paletó. Todas as minhas armas estão carregadas e prontas para serem usadas. Com Benny, você nunca pode ter muita certeza.

Eu não vejo nenhum outro carro e estou satisfeito por saber que cheguei primeiro. Isso significa que eu posso olhar um pouco antes de

chegarem. As ataduras no meu pescoço puxam minha carne e ardem, mas depois de uma foda de banheiro rápido com Jade, estou me sentindo energizado e pronto para lidar com esses fodidos.

Saindo do carro, faço uma varredura superficial, procurando algo estranho ou fora de lugar. Está escuro agora, e tudo o que pode ser ouvido é o vento enquanto associa pelas árvores. As folhas secas rolam pelo pavimento, dando a essa localização um sentimento ainda mais estranho.

Eu mantenho minha Glock pronta na mão com uma bala na câmara. Se eu precisar acertar Benny na cabeça, eu não hesitarei. Ele respirou muito o ar de Jade por muito tempo. O idiota deveria estar grato por cada respiração que ele tomou nos últimos anos. Logo, ele não vai conseguir mais.

— Ah, então o bom detetive pode realmente fazer algo certo pelo menos uma vez na vida. — a voz de Benny ecoa para fora do prédio e eu congelo. Meus olhos vão para as sombras, mas eu não o vejo.

Eu ranjo meus dentes antes de ladrar, — Onde está Josey?

Um choramigo ressoa na minha frente enquanto ela cambaleia para fora da porta aberta do prédio. As mãos de Josey estão amarradas na frente dela e há um pano sobre os olhos. Sua boca tem uma tira de fita adesiva e ela está usando apenas calcinha com o que se parece com ataduras nos peitos dela. Por que diabos ele fez com ela?

— Está tudo bem, — eu grito. — Você vai para casa.

Ela começa a correr em direção ao som da minha voz, mas então, como se Deus a atingisse, ela cambaleia para trás e pousa em sua bunda com um grito que quase não é abafado pela fita. Por trás dela, Benny sai segurando a extremidade de uma corda que agora percebo estar amarrada à cintura de Josey.

— Cachorra má, — grita Benny.

— Chega de jogos, — rosno. — Você queria o laptop e a minha ajuda em troca dela. Essa era uma estratégia para me pegar sozinho?

Benny se aproxima de Josey e pisa nos cabelos dela. — Se eu quisesse te matar, eu teria feito isso hoje mais cedo, — ele grunhe. — Assim como se eu quisesse afugentar essa cadela e arrastar suas entranhas por este estacionamento, eu faria. Mas eu preciso que você encontre Bethany. — ele franze o cenho à menção de Bethany, e a

vulnerabilidade que ele não pode mascarar sangra, só por um momento.

— Eu não estou renegando minha parte do negócio. Agora, me dê a mulher, — eu grito e estalo meu pescoço, meu dedo pairando sobre o gatilho da minha Glock.

Ele a empurra e ela tropeça para frente. Eu não me mexo para pegá-la caso seja uma armadilha, mas eu falo para que ela siga minha voz. — Por aqui, querida. — Josey pode ter sido uma dor na minha bunda, mas agora ela é uma vítima. Assim como Jade. Assim como Macy. Assim como minha sobrinha, Jasmin. Assim como Elizabeth. Seu dom em aterrorizar mulheres é incompreensível.

— Onde está Harris? — exijo o momento em que Josey arranca contra mim. Ela soluça e treme. — Entre no carro, — eu murmuro enquanto eu rapidamente solto a corda em seus pulsos e cintura, mantendo meus olhos em Benny o tempo todo.

Ela arranca a cobertura sobre os olhos e arranca a fita, soltando um grito. — Eles estão com outra garota, — ela grita.

— Está bem. Só entre no carro, — eu ordeno novamente. Sabiamente, ela entra no carro como se quisesse estar longe de Benny. Não posso dizer que eu a culpo.

Benny se aproxima do estacionamento carregando uma lanterna e cruza os braços sobre o peito. Sob o brilho amarelo com insetos zumbindo ao redor, ele parece um demônio recentemente convocado do inferno. Eu poderia colocar uma bala bem entre seus olhos se eu quisesse. Agora mesmo. Estou tentado. Eu poderia tentar encontrar Elizabeth sozinho.

Harris sai da mercearia abandonada segurando uma arma voltada para mim. Que diabos?

— Apenas no caso de você tentar alguma coisa, — ele provoca. Este filho da puta é um leitor de mentes.

Eu ranjo meus dentes. — Não vou voltar atrás com nosso acordo.

Ele aparece ao lado de Benny sob a luz como se fossem uma frente unida. Mas eu vejo o desagrado escrito em todas as características de Benny enquanto ele olha para mim. Ele me odeia. Se eu não tivesse o laptop de Harris e os meios para ajudar Elizabeth a ser encontrada, ele ficaria mais do que feliz em me matar agora.

— Devemos encerrar isso e começar a nos mexer, — Harris fala para Benny. E Benny realmente o ouve.

Ele está tocando Benny.

O monstro de todos os monstros está deixando um cara presunçoso em um terno o controlar.

Bem, isso é interessante.

— Onde está a outra mulher?

— O acordo era a boneca policial. Ninguém mais, — Benny cuspe na minha direção.

— Pelo menos me dê um nome.

— Por quê? — Benny rosna.

— Kami Long, — Harris diz. — Eu acredito que ambos seus tornozelos estejam quebrados e seu pulso também. Ela tem lacerações em todo o corpo. Não é, Benjamin? — ele vira a cabeça ligeiramente, como se ele não fosse se mover outra polegada até Benny concordar. E para minha enorme admiração, Benny assente com um sorriso.

— Eu espero que ela nunca ande de novo, — Benny murmura em voz baixa.

O maxilar de Harris torce, mas, exceto por esse pequeno gesto ele parece tranquilo. Talvez eu possa usar essa mulher para eliminar Benny afinal de contas. Claramente, Harris se importa com ela de alguma forma e Benny a machucou por algum motivo. Vou descobrir o porquê.

— Deixe-me ajudá-la, — ordeno.

Benny começa a se aproximar, mas Harris agarra sua jaqueta. Seu olhar odioso é virado de mim para Harris.

— Você não precisa mais dela. Deixe ela ser ajudada. Ela morrerá de outra forma, — Harris tenta argumentar.

Benny encontra o olhar do homem psicótico sem se encolher. — Não me importo se ela morrer.

— Você não precisa dela para provar um ponto. Você tem minha atenção. Você sempre teve minha atenção, — Harris murmura suavemente, apenas para os ouvidos de Benny, embora eu ouça. Claro que eu ouço. — Sempre. Eu acho que tenho mais do que provado isso.

Benny parece relaxar. Desta vez, seus olhos se acendem em resignação, e ousa dizer, confiança.

— Vou pensar sobre isso, — diz Benny.

Harris anda devagar. As sombras o engolfam quando ele deixa o seu amigo infernal pra trás.

— Cuide bem dela e você será recompensado, — Harris murmura para mim uma vez que ele está perto.

Eu me arrepio com suas palavras, mas isso confirma minhas suspeitas anteriores. Benny feriu essa mulher tentando chegar a Harris. Por que ele ainda está trabalhando com Benny está além do meu entendimento.

Ele abre a porta de trás do meu carro e se aproxima de Josey. Eu não quero ser pego com a guarda baixada, então eu me viro e seguro a porta do carro aberta para vê-lo e fico de olho em Benny.

— Até nos encontrarmos novamente, Detetive, — ele diz com um sorriso de lobo, voltando para trás do carro. O pequeno bastardo sorrateiro já tem o laptop na mão quando ele fecha a porta.

Afastando-se de mim, ele volta para Benny. Eles parecem satisfeitos com a troca, mas Benny está nervoso. Não pensei que o psicopata tivesse sentimentos, mas, aparentemente, ele tem algum pela sua irmã. E eu me sinto como um idiota por me alegrar que sua atenção na minha esposa parece ter desaparecido completamente. Eu não ousa trazer essa merda à tona novamente.

— Como eu entro em contato com vocês se eu tiver informações? — pergunto.

Harris sorri. De um jeito mau. — Oh, vamos te encontrar. Nós sempre te encontraremos. Você pode ter certeza disso.

Se essa não é uma ameaça do caralho, não sei o que é.

— Vá fazer sua ronda e encontre minha boneca, — Benny rosna.

Não respondo. Simplesmente entro no meu carro e levo meu traseiro para fora de lá.

— Ele pôs isso na minha mão, — Josey sussurra do banco de trás enquanto ela se inclina para frente e me entrega um pedaço de papel.

— Ele te machucou? — pergunto, embora eu não tenha certeza se eu quero saber a resposta.

— Não.

Desdobrando o papel, descubro as instruções escritas sob o nome de Kami. Eu ligo para o pessoal e mando uma equipe pra lá.

— Eu posso levá-la ao hospital ou podemos ir buscar essa Kami, — eu digo, meus olhos localizando Josey no espelho. — Estamos muito perto.

Quero tirar Josey daqui, mas deixar essa mulher à mercê de Benny vai contra tudo o que sou. Eles não devem voltar, caso contrário, Harris não nos teria dado a nota com a localização dela.

— Não, vamos buscá-la, — diz Josey, sua voz inflexível.

* * *

Há um teclado na porta, mas Harris já pensou nisso e anotou o código. Este lugar é um bunker. Construído no chão, eu temo o que vou encontrar lá e me pergunto quanto tempo ele teve isso. Além disso, quem ele manteve aqui embaixo. Foram três anos, e eu pensei que ele estava morto. Ele poderia ter feito uma grande quantidade de dano em três anos.

Eu faço com que Josey fique no carro para que ela possa me avisar se alguém aparecer. Quando chego no fundo da escada dentro do bunker, eu me encontro em uma cozinha. Este lugar tem prateleira após prateleira com produtos enlatados e outras merdas de fim de mundo. Eu navego através do pequeno espaço, a minha Glock em mãos apenas no caso. Eventualmente, eu entro em um quarto e encontro uma sala assustadora, que é a cara de Benny.

Meu olhar para nas celas de vidro ao longo da parede de trás. Três delas. Em uma extremidade, uma mulher está dentro de uma, sangue em todos os lugares. Ela não está consciente e parece muito pálida. Com a arma na minha mão, me apresso para abrir a porta dela. Está trancada, mas depois de alguns chutes fortes, eu abro. Uma vez que eu abro a porta, eu entro para verificar seu pulso em seu pescoço úmido. Está fraco, mas está lá.

— O reforço chegou. — a voz de Josey vem através do rádio, e eu solto um suspiro em alívio. Movendo o cabelo da mulher de seu rosto, uma carranca aperta minhas feições. Ela é a garota do The Vault quando fomos visitar Harris.

— O que você conseguiu? — eu a ouvi gritar.

— Precisamos de um paramédico o mais rápido possível, — respondo.

— Eles estão aqui, — asseguro a ela. — Você está segura agora.

Uma enxurrada de atividade consome o espaço, e Kami finalmente é levada para a segurança e ao hospital. Eu envio Josey com ela.

— Eu quero tudo empacotado e marcado, — eu ordeno. — Eu quero que este lugar passe por um pente fino.

— Há câmeras de vigilância escondidas em todos os lugares neste lugar, — anuncia um oficial, puxando um fio do gesso e perseguindo-o ao redor da sala.

— Eu quero saber para onde vai. Traga o pessoal da tecnologia agora.

Era o que ele planejava para Elizabeth?

Mantê-la aqui em seu bunker?

Não no meu maldito turno.

Capítulo nove

Mutilado

VIKTOR

Eu puxo os rastreadores para Lucy e ignoro a hostilidade que irradia de Benny.

Ele realmente odeia meu carinho por Kami, mas em vez de questionar por que ele se sente tão puto sobre isso, ele se esquia.

Dar a Dillon Scott a localização do bunker era um risco, mas Kami não duraria mais do que a ira de Benny e ela teria morrido antes dele concordar em libertá-la.

Ele ficará zangado quando souber da liberdade dela, mas, a menos que Dillon lhe diga, ele não saberá que tenho algo a ver com isso. Josey poderia ter rastreado a nossa viagem até lá. Era apenas uma curta viagem de carro, e até com os olhos vendados, ela podia contar quanto tempo passou, já que eram apenas duas voltas à direita.

— E aí? — Benjamin rosna, seu tom impaciente.

Toco nas teclas e aponto para a luz vermelha piscando ainda ativa na tela. — O rastreador no carro dela ainda está funcionando, mas temo que possa ser uma armadilha.

— Vamos ver.

Seu coração agora está dominando sua cabeça. Entrar em uma armadilha pode nos matar. Eu sei que não há raciocínio com ele quando se trata disso, no entanto.

— Você consegue pensar em qualquer motivo para que ela tenha algum rancor contra você? — pergunto. Nada disso faz sentido. A menos que Lucy simplesmente tenha se tornado obcecada com o monstro abusivo que mora ali na superfície de quem ele é, as coisas não se

somam. E se há uma coisa que eu não gosto, é não saber a razão por trás da loucura de alguém.

— Ela é apenas uma filha da puta, — Benjamin zomba.

— Tanto quanto eu concordo com essa terminologia, tem que haver alguma coisa. Ela falou sobre vingança. Vingança para o quê? Pense, Monstro, — eu exijo.

Ele se agacha no seu assento e me olha pelo canto do olho. — Eu não tenho inimigos... bem, a menos que você conte Dillon fodido Scott.

— E as suas bonecas no passado?

Seu corpo se solidifica e ele permanece em silêncio. O congelamento de ar e é quase insuportável. Meus olhos lentamente se arrastam para os deles e meu estômago se torce com o olhar e seu rosto. Tanto dano assombra seus olhos. Eu nunca o vi tão humano, tão quebrado, tão vulnerável.

— Eu procurei toda a minha vida por Bethany. Somente ela. Quando minhas bonecas estavam erradas, elas precisavam morrer. Eu vivi minha vida em paz até Jade e Macy, então minha Bethany finalmente voltou para casa, para mim. — ele bate o punho no volante e assobia. — Lucy nunca seria uma delas. — um som irritado sai da sua garganta. — Isso não pode ser sobre mim. Não pode ser. Isso não é minha culpa. Ela não pode tirá-la de mim novamente. Não vou sobreviver novamente. Por que as pessoas continuam tirando minha boneca de mim? Por que não consigo ser feliz, ser deixado em paz com o que é meu? — ele murmura. Sua cabeça se curva e ele para o carro antes de abrir a porta e sair.

Ele corre, maníaco e em pânico.

Eu assisto com confusão, e meu interior se desmorona quando ele começa a gritar. É torturante e doloroso. Os tendões em seu pescoço saltam enquanto ele ruga mais e mais. Todo o seu corpo está rígido e tenso.

Eventualmente, ele cai de joelhos e, como se fosse convocado por sua dor, o trovão nasce de cima e a chuva pesada desce, caindo ao redor dele, acertando o carro, criando uma melodia para mascarar seu sofrimento.

Saindo do carro, eu grito: — Você está ficando encharcado. Entre no carro, — mas ele me ignora e percebo que seu corpo treme suavemente.

Vou até ele e para na frente dele antes de voltar a empurrar seus ombros. Sua cabeça se inclina para encontrar a minha. Meu coração se constrange ao vê-lo chorando. Olhos castanhos escuros cheios de lágrimas e angústia. Ele está destroçado, todas as emoções dentro dele se colidindo e, finalmente, explodindo de uma vez.

Ele me agarra e põe seu rosto no meu ombro.

Eu não posso respirar ou me mover ou falar. Eu apenas o abraço enquanto ele se despedaça em meus braços. Ele está gritando contra minha pele, uma agonia em cada grito. Lágrimas aparecem em meus próprios olhos, sua tristeza contagia. Sua emoção é tangível e consumidora. Enrolo meus braços ao redor de seus ombros e mantenho-o apertado contra mim. Eu não ousa falar. Não abraço o homem, nem o monstro. Abraço o menino de quem tiraram tudo. Ele chora enquanto seus demônios o torturam, sufocando e apertando o laço. Ele se culpa por Bethany, não Elizabeth, a Bethany verdadeira que ele perdeu há muito tempo.

Eu não sei quanto tempo ficamos abraçados ao lado da estrada, mas, de repente, Benny se afasta de mim. Seus passos acertam o asfalto úmido. Quando ele alcança o carro, ele volta para dentro e bate a porta. Estou encharcado até os ossos. A chuva ganha velocidade, martelando em cima de mim. Fico atordoado por alguns segundos, e quando ele toca a buzina, impaciente, eu volto para o carro. Estamos gotejando e tremendo. Benny nem espera até que minha porta esteja completamente fechada antes de decolar, voando na rua molhada. Depois de dez minutos dirigindo em silêncio, chegamos em minha casa.

— Vamos nos trocar, então conferir o rastreio, — ele anuncia.

Nós dois sabemos que Lucy não vai estar com o carro. Se ela tirou o rastreador em seu pescoço, ela saberá que o carro também está rastreado. Mas onde quer que ela tenha deixado, foi deliberado, uma mensagem ou uma pista.

Benny sai do carro e vai tirando a roupa pela casa todo o caminho até o chuveiro. A porta do banheiro bate na minha cara enquanto eu sigo atrás dele. Ele está com raiva de si mesmo por mostrar emoção. Pego algumas roupas para nós dois e aguardo. Minhas roupas começam a me incomodar, me fazendo tremer até o osso. Tirando-as, eu permaneço nu quando a porta do banheiro se abre e Benny aparece, o vapor sobe atrás dele como se ele tivesse saído do próprio inferno.

Uma toalha pende em seus quadris e seu peito se ergue e cai em respirações rápidas. Seus músculos se esticam e a água desliza para

baixo. Ele ainda está em estado de emoção elevada - algo com o qual ele não está acostumado a lidar.

— Está tudo bem, — eu digo enquanto vou até ele. Quando eu alcanço para tocar seu rosto, ele se afasta, um brilho no rosto. — Tudo bem, — repito.

Eu duvido que ele tenha mostrado emoção assim a outro ser vivo, e ao seus olhos, é uma fraqueza. Ele está lutando com o animal lá dentro para não me matar apenas para provar para mim – e para ele – que ele ainda é o monstro e o mestre. Eu sei disso porque é o que aconteceria dentro de mim.

Todo o seu torso se infla com energia e quase espero que ele ataque e me acerte – que me bata até que eu esteja tremendo e implorando por misericórdia.

Eu aceitarei isso se for o que ele precisa para obter controle novamente. Se é o que ele precisa para se sentir inteiro.

— Não é uma fraqueza ter esse tipo de sentimento, — aplaco.

Os olhos dele se acendem e ele bufa. — Você acha que eu sou fraco agora?

— Não, — respondo rápido e reconfortante, mas minha voz soa suave para meus próprios ouvidos. Como se eu estivesse confortando uma criança.

— Você acha que eu sou uma cadela agora porque eu permiti que você visse esse meu lado? — ele rosna.

— Não, — repito mais firme, esticando meus ombros enquanto ele avança em minha direção.

— Você acha que eu vou deixar você ser meu mestre? Seu fantoche?

Seu temperamento é quase palpável. Ele é impressionante em sua raiva. Poder. Agressão. Meu pau endurece ao ver isso, e seus olhos caem para meu corpo nu. Ele sorri, cruel e zombador. — Você quer que eu seja sua puta agora? Que te deixe foder minha bunda porque me viu chorar. Você me *forçou* a sentir, — ele grita. — Você ficou bisbilhotando e bisbilhotando, como se fosse minha culpa que Bethany se foi.

— Não, isso é mentira. Eu me importo com você e quero encontrá-la, então saber por que ela foi levada.

— Você não se importa com o porquê. Você está feliz que ela foi embora para que você possa me ter para si mesmo, para que você possa tentar me fazer a *sua* boneca. — seus olhos são selvagens, suas pupilas expandindo rapidamente como se ele estivesse tão drogado que não pode se controlar.

— Você sabe que isso não é verdade. Eu quero encontrá-la. Para você.

— Mentiroso, — ele ruge, quase chocando no peito comigo agora, sua pele quente, acenando para que eu o prove.

— Você me quer, não é? — ele provoca.

— Pare, — eu avisto.

— Você me quer por você mesmo.

— Pare com isso.

— Você acha que pode me tomar, *Viktor*?

Eu empurro em seus ombros, fazendo com que ele tropece para trás. É de leve e ele está de volta ao controle de seu corpo em segundos.

— Você mente para si mesmo e ignora a sua atração por mim, — eu digo, encontrando seu olhar. Eu o empurro novamente. — Você quer que eu o tome. Que te foda. Que te possua, — eu provoco, fazendo quase explodir de raiva.

— Eu nunca deixaria você me *tomar* ou me foder, — ele prospera. — *eu* sou o mestre aqui. Você é *minha* boneca! — ele grita mais alto, quase quebrando o vidro das janelas.

Rasgando a toalha da cintura, ele a atira do chão, o pau grosso salta. Duro. Carente. Com um rugido de raiva, ele me põe de costas na cama. Então, com o poder de uma besta, ele me vira no meu estômago e rosna, — Ninguém me possui. Eu sou o fodido mestre aqui. *Eu* sou o mestre. Eu sou o maldito mestre. Eu possuo *você*.

Capítulo dez

Esmagado

DILLON

O monitor está fazendo meus olhos lacrimejarem. Estou cansado e com fome. Meus olhos vão para o escritório onde eu coloquei uma cama para MJ.

— Ela está bem, — Jade me assegura. — É como uma aventura para ela. Ela está cercada pela família.

Não consigo suportar o fato de que minha filha está presa na estação, porque não posso arriscar Benny ter qualquer chance de levar minhas meninas.

— Eu odeio isso. Eu não quero que minha filha tenha que olhar pelo ombro dela toda a vida. O que acontece se não recuperarmos Beth? — eu suspiro e Jade esfrega meus ombros.

— Você vai. Você vai encontrá-la e matá-lo.

Porra, espero que ela esteja certa. Este trabalho me custou muito. Eu me sinto velho. Eu me sinto derrotado.

— O voo de Maryann chega hoje à noite. A gente tem que ir buscá-la no aeroporto. Ela já passou por muita coisa. Ela não deveria ter que continuar lidando com os fodidos Stanton, — murmura Jade.

Eu grunho. — Nós também não deveríamos ter que lidar com os fodidos Stanton, mesmo assim, aqui estamos. Apenas sentados esperando o próximo golpe. — eu não posso aguentar muito mais disso. Todo dia, esse trabalho tira uma parte da minha alma.

— Aqui, — anuncia Jacob, tocando na tela. — Eu encontrei para onde vai e baixei tudo que está gravado desde que foi instalado.

O endereço IP é de Harris. Claro que sim. — Você vai me liberar agora?

Eu sinalizo para Reeves levar Jacob de volta à sala de espera.

— Você prometeu que você deixaria ir pra casa depois de ajudar, — ele diz.

— E eu vou, — respondo, — mas talvez eu precise de você de novo e não quero procurar por você se eu precisar. Então, até eu saber com certeza, você pode ficar onde posso localizá-lo. Reeves vai trazer comida.

Jacob é um hacker muito inteligente para ficar na prisão. No momento em que essa merda começou a ficar ruim com Harris, eu fiz com que o buscassem e o levassem até a estação para que pudéssemos fazer um acordo. Ele é um trunfo para nós, porque ele tem uma competência valiosa. E no momento em que este caso estiver encerrado, ele pode ir embora como nós negociamos.

Jade se move ao meu redor, tomando o assento que Jacob acabou de liberar. — Deixe-me ver isso. Você disse que tinha um nome para procurar.

Sim. Lucy. Nome verdadeiro - Jessica Johnson. Eu busco seu nome no banco de dados e na internet. É surpreendente a quantidade de informações que encontramos simplesmente usando o Google ou o Facebook. Um artigo sobre um casal, Fred e Marla Johnson, mortos em um acidente de barco surge. Apenas uma filha sobreviveu, Jessica Johnson.

O relatório de uma pessoa desaparecida publicado em nosso banco de dados aparece, listado com os fugitivos.

— Se ela fosse mesmo filha única e eles fossem ricos o suficiente para possuir esse barco... — diz Jade enquanto tira o dedo na minha tela, — ...então eles devem ter deixado dinheiro.

— Você deveria estar vendo aquela coisa sobre alimentação, sem se preocupar com o que estou fazendo, — provoco.

— Está chato, — ela mente. — Nada de interessante.

Eu procuro informações sobre o dinheiro dos Johnsons, e Jade está certa. Eles deixaram dinheiro e propriedades. — Eles possuíam uma pequena cadeia de motéis, — resmungo para ela. Tudo foi deixado para sua filha. — Se ela é uma fugitiva, ela não teria reivindicado sua herança?

— Ou o sistema não foi atualizado quando ela atingiu a maioridade. Ela deixa de ser uma criança fugitiva depois que ela atinge os dezoito anos, — lembra Jade. — Ah, aqui vamos nós.

Jade assobia, olhando para a tela.

Benny aparece no monitor e Jade aperta minha mão, apertando tão forte que o sangue deixa de bombear nos meus dedos e eles ficam dormentes. — Deixa que eu assumo a partir daqui, — eu digo a ela, esfregando suas costas.

— Não, está bem.

Ele não está sozinho. Elizabeth está com ele. Não preciso ver isso. Eu quero desviar o olhar, mas é como um acidente de trem que você não pode deixar de olhar diretamente para ele.

Momentos passam em silêncio e Jade quase relaxa na cadeira. — Ele é tão diferente com ela. — ela suspira, o alívio evidente em seu tom.

— O que você quer dizer?

Ela inclina a cabeça, estudando a tela. — Como se ele se importasse com o que ela pensa e como ela se sente.

— E? — eu rosno.

— Ele não era assim comigo. Era sobre o que ele precisava e me punia. Dominação. Com ela, ele não está punindo. Mais como adorando-a. E ela não está lutando, — diz ela, atônita. — Ela é completamente compatível.

— Houve uma lavagem cerebral, — eu bufo.

— Ou ela está tão confusa quanto ele. Benny, o policial, agora Beth. Está no sangue deles. A loucura corre em suas veias, poluindo suas mentes.

— Você realmente acredita nisso? — uma pequena e tensa voz questiona atrás de nós, nos surpreendendo.

— Elise, — Jade geme, levantando.

— Você realmente acha que a loucura corre nas nossas veias? — ela pergunta.

— Não, não nas suas, — Jade assegura. — Não quis dizer...

— E os nossos filhos? — lágrimas enchem os olhos de Elise enquanto ela agarra seu estômago.

Que diabos?

— Não, ela não quis dizer isso. O que você está fazendo aqui? — eu pergunto, preocupado.

— Marcus queria que eu viesse pra cá e ficasse com Jade e MJ até ele sair. — ela se aproxima. — O que você estão vendo? — ela pergunta, e a boca dela abre ao ver a tela com seus dois irmãos.

Jade rapidamente vira e clica para o próximo vídeo. Benny está com a mulher chamada Kami. Ele está batendo nela.

— Oh, meu Deus, — Elise grita.

Jade tenta parar o vídeo, mas acaba aumentando o volume, e os gritos de Kami ressoa na sala silenciosa. — Pare, pare. — Jade entra pânico, e eu me apresso para ajudá-la, abrindo tudo quanto é programa. Jade está ofegante, sua angústia evidente em seus olhos. Ver Benny machucar Kami traz memórias de seu tempo com ele. Testemunhando sua brutalidade sobre os outros. — Dillon, — ela suspira, seus olhos se arregalando. Ela está agarrando o estômago.

— O que é? — pergunto, temendo tanto por ela quanto por nosso bebê.

Meu coração bate erráticamente no meu peito.

— Minha bolsa acabou de estourar, — ela ofega.

Oh, merda.

— É muito cedo. — seu lábio inferior treme.

Porra. Porra.

— Tudo vai ficar bem, — asseguro a ela. — O bebê é grande o suficiente. As pessoas dão luz cedo o tempo todo.

Ela concorda com a cabeça quando eu a pego. Seu vestido está molhado e no chão há uma pequena poça. Meu coração quase para quando vejo sangue misturado com o líquido transparente. — Elise, fique com MJ.

— Claro.

Andar pelo corredor do hospital é familiar. Eu odeio essa porra de lugar. Marcus está sentado em sua cadeira de rodas girando os polegares, e vê-lo fazer isso está me deixando mais nervoso. Ele desceu para ajudar a me acalmar e está tendo o efeito oposto. Ele está nervoso e está aumentando minha própria ansiedade.

— Sr. Scott? — um médico chama e quase pulo.

— Sim, sou eu.

Seus olhos caem para Marcus, que quase acertou os dedos do médico. — Está bem. Ele pode ouvir o que você tem a dizer. Apenas me diga.

— Houve algum sangramento interno e tivemos que trazer a criança através de uma cesariana de emergência. Seu bebê está na UTI neonatal recebendo oxigênio e sendo monitorado. Ele precisará de remédio para ajudar seus pulmões a terminarem de se formar, mas parece tudo bem.

— Ele? — eu engasgo. Um menino.

— Sim. Parabéns.

— E Jade? — Marcus exige.

— A mãe ainda está muito sedada, mas esperamos que ela faça uma recuperação completa.

— Oh, graças a Deus, — suspiro, levando o médico relutante para um abraço. — Posso vê-la? — eu imploro quando o solto.

— Ela está sendo transferida para a sala de recuperação. Quando ela estiver pronta, eu enviarei a enfermeira para você.

— Obrigado, — eu digo. — Obrigado.

Ele acena com a cabeça e se retira.

— Parabéns. — Marcus sorri para mim. — Um menino.

— Sim, um menino.

— Elise está grávida, — Marcus anuncia, e meu sorriso cai.

— Eu tive essa impressão. — eu olho para ele. Seja como for, esse susto com nosso filho e Jade me ensinou que a vida é imprevisível e muito curta para negarmos o amor. — Se você a ama, então você deve fazer um bocado de coisas, — eu digo a ele.

Ele para. Chocado. — Ela mentiu para mim.

— Às vezes nós mentimos para conseguir o que queremos.

— Você não está bravo?

— Oh, estou bravo, mas vou superar isso, e inferno... — eu provoco enquanto acerto seu pé. Ele estremece. — Poderia ser pior.

Quero dizer, afinal, sua irmã se juntou à Benny, o psicótico de todas as pessoas. Marcus é um dos bons.

— Porra.

Sim. Porra.

Capítulo onze

Desintegrado

BENNY

MEU. MEU. MEU.

O canto na minha cabeça não para.

A raiva nublou minha visão e me transformei na besta que mal consigo conter. O monstro.

— Benjamin.

A voz dele. Calma. Tranquilizante. Reconfortante. Parte a névoa vermelha e me encontra. Salpica água fria na minha alma ardente. Lembra-me que não estou sozinho.

Mas ele te traiu.

Traiu mesmo?

Ele está aqui, inclinado sobre sua cama, em completa submissão. O mestre se arqueia pra mim. Ele se inclina para mim. Minha mão treme e eu aperto. O desejo de golpeá-lo uma e outra vez é esmagador. Suas costas poderosas decoradas com belas tatuagens gritam histórias que não foram ditas. Histórias que estou desesperado para ouvir.

Por quê?

Por que eu me importo tanto?

— Benjamin, — ele diz, — somos um time.

Um time.

O pensamento ainda é estranho, mesmo depois de todo esse tempo.

Solto minha mão no meio de sua espinha, mas eu não bato nele. Em vez disso, encontro minha palma se movendo para tocar a carne tatuada.

— Benjamin. Nós somos uma *família*. Você. Eu. Bethany.

Agora, suas palavras encontram o lugar pretendido. Meu coração bate no meu peito. Sempre quis um irmão. Como isso seria? Alguém sempre preocupado com você? Alguém que aparentemente te ama, não importa o tipo de merda que você faz?

— Ele os levou. Ele levou minha família para longe. — eu pisco, tapando o lado da minha cabeça para afastar os pensamentos de meu pai. A maneira como ele destruiu tudo - todos que eu amava. Como ele fodeu com a minha cabeça uma e outra vez.

— Benjamin. — a voz é dura. Exigente.

Abro os olhos para encontrá-lo mais adiante na cama, deitado de costas, com os braços abertos como Cristo na cruz. Como se ele se oferecesse a mim. Um sacrifício para a besta.

Eu rondo a cama, meus instintos selvagens assumindo o controle. Estou intrigado pra caralho sobre o uso da palavra família. O poderoso corpo de Viktor poderia levar o meu em um segundo se ele realmente tentasse, mas não. Seu pau, pesado e excitado, pende contra sua parte inferior do abdômen. Cada respiração que ele toma é medida e controlada.

Olhando para suas coxas musculosas que têm quase tanto pelo como as minhas, encontro-me fascinado pelo fato de meu pau estar ereto também. Quero cheirá-lo e ver se ele tem cheiro de família. Quero prová-lo para ver se ele tem gosto de família.

Seus olhos escuros se fecham quando eu me inclino para frente. Meu pau esfrega contra ele e um som estrangulado me escapa. Odeio esse desespero. Vergonha ondula através de mim, me puxando de volta para o passado para meu pai psicopata, mas é Viktor - meu irmão - que me traz de volta para ele.

— Benjamin.

Isso é tudo o que ele diz. O meu nome. Assim como Bethany diria isso. A velha. A nova. Amorosa. Preocupada. Doce.

— Você é minha boneca, — eu grunho. — Eu te *fiz*.

Ele sorri e empurra um pouco seus quadris para mim. Seu pau esfrega contra o meu novamente, enviando prazer até minha coluna vertebral. — Nós pertencemos um ao outro, sim.

— Ela é minha *boneca*, — eu desafio. Não entendo. Não entendo a dinâmica ou o meu cérebro fodido. Por que eu quero duas coisas diferentes.

— Uma família pode ser composta por mais de duas pessoas, — diz ele. — De onde eu venho... — ele diz, seus traços se escurecem. — Família é tudo. É o mais importante. Você cuida do seu irmão até o fim.

Um baixo grunhido ressoa na minha garganta e eu fecho os olhos. Meu corpo parece se mover por vontade própria. Eu afundo contra o peito duro de Viktor e busco os batimentos do seu coração com a orelha pressionada em sua carne.

Thump! Thump! Thump!

Ele está calmo. Ele está quieto. Ele está no controle.

No entanto, seu coração está furioso, combinando com o meu. Quando empurro meus quadris contra ele, nós dois gememos. Nossas bolas estão pressionadas entre nós e a fricção é atordoante.

— Nós vamos recuperar o resto da nossa família. Você deve confiar em mim, Benjamin. Sempre, — ele afirma, sua palma agarrando a parte de trás do meu pescoço. Possessivo. Com propriedade. Ávido. — Você não pode estar sempre no controle. É cansativo. É por isso que precisamos um do outro. Quando alguém está fraco, o outro pode ser forte.

— Eu não sou fraco, — eu digo, mas é uma mentira.

Aqui estou eu esfregando meu pau contra meu melhor amigo enquanto minha Bethany está lá nas mãos de uma cadela doente. Não sei o que fazer com essa merda. Até que eu tenha mais informações, não posso.

— Você pertence a mim, — ele diz simplesmente. — E eu pertenço a você. Vamos achar sua boneca desaparecida. Então, podemos voltar a ser felizes.

Felizes?

É um conceito tão estranho, mas os últimos três anos com Viktor foram os mais próximos disso, com certeza. Ele me deu amizade e

fraternidade. Amor não pronunciado. Diferente do que eu sinto por Bethany, mas de alguma forma tão profunda.

— Eu não entendo, — eu rosno.

— Você não precisa, — ele murmura. — Você só tem que seguir em frente.

A ponta dos seus dedos corre ao longo do meu couro cabeludo, e eu gemo. Eu quero foder. Foder e reivindicar e possuir. Virando o rosto em direção ao seu peito, eu raspo meus dentes ao longo de sua pele. O silvo vindo dele faz meu pau encontrar sua coxa. Com raiva, aperto seu abdômen duro. Não forte o suficiente para rasgar a pele, mas forte o suficiente para avisá-lo.

Se você estiver jogando comigo, eu vou te abrir ao meio.

— Pare de pensar, Benjamin, e faça o que nós dois sabemos que deve acontecer. O que *vai* acontecer. O que vai nos ligar como não apenas amigos e parceiros, mas como *família*.

Suas palavras gritam para minha alma quebrada sombria, ensanguentada e maldita.

Você é meu.

Sou seu.

Vamos recuperá-la.

Eu o ataco como se eu pudesse roubar as palavras de sua boca. Eu pelo menos tento. Eu mordo seu lábio inferior, desafiando-o a dizer mais. Mas ele apenas grunhe e ajeita a cabeça para me beijar. Também não é um beijo gay doce.

Ele está roubando minha alma.

O filho da puta é o diabo.

Lanço minha língua em sua boca quente e mostro a ele mesmo o diabo que corresponde com o dele. A minha boca possui a sua enquanto nossos corpos se amassam um contra o outro. Ele é tão forte quanto eu, então quando ele começa a manipular nossos corpos de uma certa maneira, eu não posso nem lutar contra isso. Seu aperto em meus quadris é doloroso - machucando até - mas faz meu pau engrossar com necessidade. E então, sua grande mão está enrolada em torno do meu pau latejante, nossas bocas nunca se soltam em duelo um com o outro.

— Deixe seu pau molhado, Benjamin, — ele ordena contra minha boca.

Eu me afasto dele, meu peito tremendo e brilhando. Com um sorriso malvado, coloco meus dedos na sua boca, forçando-os até a parte de trás da garganta e o fodo até que os olhos dele ficam vermelhos e ele engasgue. Então molho meu pau.

— Faça que isso se torne real, — ele incita com um fogo selvagem queimando em seus olhos. A máscara de controle escorrega e ele está tão bestial como eu neste momento. Não há mestres. Somente monstros. Irmãos.

Nunca fodi um cara. Eu nunca pensei nisso. No entanto, Viktor nem parece como uma preferência sexual. Ele é apenas Viktor. O salvador que cuidou de mim desde que eu rastejei da minha casa em chamas, quase sem vida.

— Porra! — Eu grito. Minha saliva acerta seu rosto, mas ele nem sequer pisca. Ele range os dentes em desafio. A veia em sua garganta avança e vibra.

— Faça. Isso. Real.

Com os meus olhos fixos nos dele, agarro meu pau e começo a empurrar a ponta contra sua bunda peluda. Ele abre as coxas para que ele possa me aceitar. No começo, encontro resistência contra a entrada, mas, com um pouco de força, eu entro até o final.

Eu quero vê-lo. Ver seu rosto se contrair em dor. Mas puta que pariu, isso é tão intenso que meus olhos se fecham. Minhas bolas se contraem como se eu pudesse soltar minha carga imediatamente. Ao invés de gozar como um perdedor adolescente, eu ranjo meus dentes e abro meus olhos novamente.

Seus olhos estão nadando com luxúria e fogo e raiva. As emoções que ele manteve bem escondidas, não apenas nadam na superfície, mas eles dançam lá. Eles se tornam conhecidos. Eu o tenho. Eu sempre o tive.

Ele aperta minha garganta e me puxa para ele. Meu pau desliza mais fundo dentro dele, fazendo com que ambos gemam. O bastardo guloso chupa minha língua em sua boca enquanto ele espreme meu pescoço. Agarrando seu pulso livre, prendo-o na cama e começo a empurrar nele sem pedir licença. Não sei se dói, e não me importo. Eu só quero que ele saiba que eu sou o filho da puta no comando aqui. Ele

sempre quis ser responsável - governar sobre mim - mas você não pode dominar algo que você não criou. Você certamente não pode dominar ao que você deseja se submeter.

Estrelas dançam na minha visão quanto mais forte ele me aperta. Eu soco nele com mais força, como se eu pudesse abri-lo e substituir todas as partes dele comigo. Nossos dentes cortam a boca um do outro.

Dois monstros querendo governar um ao outro.

— Porra, — eu silvo, meu orgasmo se aproximando novamente.

— Me faça gozar, Benjamin, — ele ordena, sua voz dura e cheia de necessidade.

Eu mordo seu lábio com bastante força que sinto gosto de sangue, mas me encontro obedecendo. Soltando seu pulso, coloco minha mão entre nós e pego seu pau. Está quente e grosso na minha mão. Eu o acaricio como eu gosto de ser acariciado - duro e rápido - até que ele goza com um gemido gutural. O som animalesco me envia ao limite. Meu pau está frenético e meu sêmen explode.

Quente. Violento. Intenso.

Eu o preencho. Marcando-o.

Ele esfrega seu gozo na barriga antes de fazer um V sobre meu coração.

O fodido me marca também.

Quando nossos olhos se encontram novamente, eu finalmente entendo.

Não somos dois monstros mortos querendo governar um ao outro.

Nós vamos governar juntos.

* * *

— Você tem certeza de que este é o lugar? — pergunto, meus dedos batendo contra o volante em um ritmo que só existe na minha cabeça. É um lugar para o qual eu já fui muitas vezes para comprar artigos de higiene pessoal e outros itens quando era mais jovem, e

então, quando eu tinha minhas bonecas, Jade e Macy. Algo me incomoda. Talvez Lucy tenha algo contra mim.

Viktor, tomado banho e usando um dos seus terríveis ternos, olha para o aplicativo do telefone e acena com a cabeça. — Está rastreando para cá. Uma farmácia abandonada. Por que aqui, no entanto?

O ar está carregado entre nós, mas não é mais algo estranho. É poderoso. Uma energia criada apenas por duas pessoas como nós. Viktor estava certo. Nós somos melhores quando operamos juntos. Quando nos *tornamos* um. Meu pau pula no meu jeans só de lembrar, mas eu ignoro por agora. Estou zumbindo com uma brisa que não entendo – uma droga que Viktor injetou. E em breve, eu terei Bethany de volta para completar nossa família. Eu vou ter as minhas bonecas e seremos felizes como Viktor afirma.

Tenho que limpar a casa primeiro.

Livrar-me dessa besta psicopata.

— Lá, — diz Viktor enquanto aponta o para-brisa. — Tá vendo?

Lucy sai de trás de uma lixeira em um de seus trajes de látex preto que ela costumava usar no The Vault. Seu cabelo loiro cai em ondas sedosas na frente de seus peitos, que estão quase saindo. Ela pintou seus lábios - a cor do sangue - e é melhor que seja batom e não o sangue da minha boneca. Uma de suas facas está agarrada firmemente em sua mão direita e seu celular está à sua esquerda. Esta merda está ficando estranha pra cacete. Eu mordo o interior da minha bochecha para ter certeza de que não entrei em algum tipo de coma e estou fazendo tudo isso dentro da minha cabeça. Ela parece algo vindo de um filme de vilão. Uma risada quase ameaça sair, mas minha raiva encharca meu humor, e logo estou novamente querendo apenas cortá-la, membro a membro para que eu possa ver todo o vermelho dentro dela.

— Eu poderia quebrar o pescoço dela antes que ela pudesse acertar uma facada, — rosno.

Viktor se aproxima e aperta minha coxa. Um toque simples e minha cabeça está girando com perguntas. O que somos agora? O que eu sou? É normal se unir de forma que vá além dos títulos e do gênero? Além do amor e do ódio? Além do que se espera, mesmo de nós? — Vamos ouvir o que ela tem a dizer primeiro. Bethany poderia estar com problemas.

Viktor. Sempre pensando três passos à frente.

— Certo, — grunho em acordo.

Ele acaricia minha coxa e sai do veículo. Saio bem atrás dele, observando-a por cima dos ombros dele.

— Noite, meninos, — Lucy incita, seu sorriso perverso. Como se estivéssemos nos encontrando para beber. Como se ela não tivesse meu mundo inteiro em suas garras.

Viktor faz um som de decepção para ela, e isso me lembra que ela não tem *todo* o meu mundo. Apenas uma parte muito importante. — Chega de besteiras, *Jessica*.

Eu sorrio quando seu rosto endurece com a menção de seu nome verdadeiro.

— É Lucy agora, — ela cuspe.

Viktor encolhe os ombros. — Todos nós temos nossos apelidos, mas você ainda é Jessica Johnson de acordo com o estado do Arkansas. Não é?

— Tanto faz. Eu não vou jogar seus jogos, — ela diz pra ele. — Eu sabia que você seguiria meu rastreador.

Viktor olha por cima de seu ombro para mim antes de olhar para ela. — Atrair-nos aqui através do seu rastreador é de fato um jogo, quer você admita ou não. — ele cruza os braços sobre o peito. — E eu sou muito bom em jogos.

O rosto dela se comprime com raiva. — Chega! Eu não quero conversa. Eu quero troca.

Isso chama meu interesse. — O que você quer? — eu rosno.

Ela ri de forma escandalosa. — Oh, você ainda não entendeu.

Viktor endurece. Definitivamente é sobre mim, então. No entanto, não estou entendendo nada. Ela era parente de uma das bonecas que eu raptei? Ela não se parece com nenhuma delas. Eu lembro de seus rostos perfeitamente. Todas elas.

— Eu quero Benny. — ela aponta sua faca no ar para mim. Nossos olhos se encontram e ela bate suas sobrancelhas pra mim. — Eu quero *você*.

Não é o que todos querem, vadia?

— Por quê? — pergunta Viktor. — O que há de tão especial para você sobre Benjamin? — seu tom é possessivo e protetor. Isso faz com que meu peito aperte em resposta.

Irmãos cuidam um do outro.

O meu está de pé na minha frente, falando com esta cadela psicopata, porque ele acha que ele está me protegendo.

Confiança.

Eu poderia passar por ele e cortar a garganta dela, mas ele quer que eu confie nele. Inferno, eu quero confiar nele. Então, por enquanto, eu fico parado. Eu permaneço atrás dele. Esperando por sua sugestão.

— Você realmente não se lembra de mim? — ela exige, sua voz aguda. — Que maldito idiota! Você era um idiota, e ainda continua sendo um. — sua voz racha. — Pense, Benjamin. Este lugar não parece familiar para você? Que tal Ace Roller Shack? Soa algum sino?

Este lugar era apenas uma fodida loja, vadia. Uma que eu vinha comprar suprimentos quando meu pai idiota nos deixou. Ace Roller Shack era um ponto de encontro para drogados.

O nome não revela algo no meu cérebro, no entanto.

Espera.

Eu estudo seu rosto, limpo minha mente, voltando nos anos. O cabelo loiro. Jessica, Jessica, Jess, Jess. — *Jess, vamos lá.* — uma voz irritante surge na minha mente. Eu lembro dela. Meus pensamentos se expandem e sou empurrado para o passado.

* * *

As pessoas me irritam. Mesmo passando por mim. Se seu corpo chega muito perto, sua existência mundana me toca, isso me deixa louco. Mantenho distância e não faço contato visual com as duas meninas rindo umas das outras enquanto continuam a olhar para mim. Tudo o que posso pensar é pintar seus rostos corretamente em vez da tentativa terrível que elas fizeram. Parece que elas têm lesmas nas sobrancelhas.

Elas acham isso bonito?

— *Diga a ela para tomar pílula,* — a loira fala pra mim.

Giro minha cabeça em sua direção, visões de esfregar seu rosto e corpo até ela sangrar e sua pele se renovar passa como um sonho vívido na minha cabeça.

— Oh Deus, ele está olhando para você. Talvez ele não tenha uma namorada, — diz a ruiva antes de rir.

— Ele está comprando preservativos, — argumenta a loira.

A ruiva encolhe os ombros. — E daí?

— Eu estou tomando pílula, — a loira pisca, ignorando sua amiga. — Ai não precisa usar essas coisas desagradáveis. — ela morde o lábio, e eu espero que seus dentes perfurem a pele.

Mas não acontece.

Ela vem em minha direção, e os cabelos do meu pescoço se levantam. Ela fede a perfume barato e ela está no meu espaço. Meu corpo endurece enquanto ela se inclina e sussurra, — Venha para o Ace Roller Shack algum dia.

Seu cabelo cai sob o peso do spray que ela usou para fazer cachos. Ansiedade inunda meu corpo. Insistente, forte e impensável, atravessando minhas veias. Eu quero lavá-la em seu próprio rio de lágrimas e sangue.

— Jess, vamos lá, — diz a ruiva. — Ele está me assustando. — seu tom é gentil, mas há um toque zombeteiro por trás.

Afastando-se de mim, elas deixam o corredor, e tudo o que eu quero fazer é sair daqui.

** * **

— Porque eu te ignorei? — pergunto, meu tom incrédulo à medida que a memória desaparece. Estou surpreso por eu me lembrar disso. É só por causa dos eventos que aconteceram depois disso. Que vingança insignificante, irritante e sem valor. — Tudo isso porque eu não dei mole pra você? — isso é estúpido. — Cadela.

Ela grita e avança um passo. Viktor grita para ela. — Fique aí.

— Sim, *Jess*, fique aí mesmo, — eu zombo. — Eu sabia que deveria ter esmurrado seu rosto feio no corredor de preservativos naquele dia.

— Benjamin, — adverte Viktor.

Mas estou mais do que enojado agora. Eu não vou me sentar e deixar essa psicopata tentar arruinar minha vida sobre algo tão estúpido.

— Você deveria! — ela grita comigo, lágrimas brotando em seus olhos. — Você deveria ter feito seu pior aqui atrás dessa farmácia. Teria sido melhor do que o que *ele* fez comigo.

O jeito que ela diz *ele* me faz arrepiar.

— Quem? — diz Viktor suavemente. — O que *ele* fez com você?

Ela solta um soluço engasgado e, então, suga suas emoções para dentro, com uma respiração profunda antes de zombar. — Ele me seguiu. Depois de levar minha amiga para casa, ele me seguiu. Quando ele piscou as luzes vermelhas e azuis atrás de mim, parei para falar com o oficial. — seu corpo treme, mas não está claro se é medo ou raiva. — Ele disse que havia um predador solto - que eu deveria ir com ele. Que ele me levaria para casa. — uma lágrima rola em sua bochecha, mas ela é rápida para limpar. — Por algum motivo estúpido, minha mente foi para você. O maldito estranho da farmácia. — outro soluço. — Eu pensei que ele estava me salvando de *você*.

Ha! Que estúpida, patética e mundana. Ninguém pode *salvá-la* de *mim*.

Eu ranjo meus dentes. — Eu não tocaria em você naquela época, e certamente não vou te tocar agora. — um grunhido ressoa de mim. — Mas eu gostaria de cortar seu rosto. Sempre foi um sonho meu.

— Chega, — diz Viktor.

Ela abaixa o zíper da frente de seu traje até sua buceta, e eu encaro, não impressionado quando ela revela seu estômago e seios. Palavras estão esculpidas em cicatrizes por toda sua carne. As palavras me fazem sorrir.

— Que pena. Junte-se à lista de todas as pessoas que meu pai psicótico torturou, — eu grunho. — Eu não me importo se você tem cicatrizes dele. Todos nós não temos? Bethany não tem nada a ver com isso. Onde ela está?

— Oh, — ela grita. — Seu pai doente não escreveu isso. Não, estas são as palavras que ele cantou ao me violar. As palavras que ele te chamou.

Meus tendões ficam tensos e todos os desejos dentro de mim me dizem para dar um soco na boca dela para impedir que sua boca se mova.

— Ele tinha tanto a dizer sobre a decepção que seu filho era. — seu tom goteja ódio. — Ele odiava você e juntou todo esse ódio e afundou em mim.

— Quem se importa com essa merda? — eu grito, esperando que ela termine sua estúpida de história. — Onde está Bethany?

Ela aponta a faca para mim. — Ela está morta, sua fodido.

A respiração dos meus pulmões sai e eu acho que vou desmaiar.

Não.

Não.

Não.

Ela está mentindo.

— Mas *Elizabeth* está viva, por agora.

Tum. Tum. Tum.

A cadela *está* jogando jogos.

— Pare com os jogos agora mesmo, você não é muito bom com eles, — adverte Viktor, e fico sugando ar para preencher meus pulmões.

— Lamento que você tenha que estar envolvido nisso, — ela diz a Viktor com tristeza real em sua voz. — Mas você o *escolheu* no momento em que ele apareceu no The Vault. Eu vi. O enigma. A conexão instantânea. Eu sabia que o perdi.

Ela lança o telefone para ele, e ele o pega facilmente.

— Você nunca me teve. Eu ajudei você porque eu poderia usá-la. Nada mais. E você cometeu um erro me traindo. Do jeito que esse jogo funciona, você vai viver para se arrepender, — diz Viktor antes de olhar para a tela.

Um silvo escapa dele quando arranco o telefone. O que eu vejo suga a respiração diretamente do meu peito. Um vídeo. Ao vivo, talvez. Bethany está nua, o rosto para baixo na banheira, seu sangue manchando a banheira branca com os pulsos presos atrás dela. Seus joelhos estão dobrados e seus tornozelos amarrados estão presos por uma corda em seus pulsos. A água paira na metade inferior da banheira e seu pescoço está inclinado para trás enquanto ela tenta desesperadamente manter sua cabeça acima dela. De vez em quando, ela suga uma respiração profunda, então seu rosto cai abaixo da superfície. Toalhas foram enroladas e recheadas de cada lado dela entre a banheira e seu corpo para que ela não possa se mover em nenhuma direção.

Minha frequência cardíaca dispara. — Onde ela está? — eu grito.

— Não tão rápido, idiota, — ela responde. — Se você quer a menina ilesa, então você tem que vir comigo. — ela aponta pra mim novamente com a faca enquanto ela fecha seu traje. — Eu estive esperando por esse momento toda a minha vida. Desde o momento em que seu pai me fez seu brinquedo. Ele me disse que estava te observando. Seguindo você. E então, eu saí daquela loja e ganhei seu interesse. É tudo culpa sua!

— Diga-me onde está a garota, — diz Viktor. — Ela se afogará se não chegarmos a ela.

— Você não se importa com ela. Você está apaixonado por ele, — ela gagueja, seu batom vermelho mancha os dentes de cima. — Mas ele ama você? Essa é a questão. Quão leal é o seu monstro? Você fez a escolha certa?

Ela puxa algo de seu bolso traseiro. — Benny, você tem uma escolha. Você pode sair com a localização e ir resgatar sua boneca. Mas se você escolher isso, vou matar seu mestre e eu o matarei devagar.

Imagens passam pela minha mente, dele sofrendo em sua mão. Morrendo sabendo que é minha culpa, mas não pela minha mão. Não. Não posso perdê-lo. Não posso perder nenhum deles. Por que não consigo apenas ter minhas bonecas e ser deixado em paz por esses loucos e ciumentos que desejam se libertar de suas cordas? Eles gostam de suas cordas. Eles adoram seu criador, seu mestre, seu maldito monstro.

— Tique-taque, — ela cuspe, movendo a ponta de sua lâmina na direção de Viktor.

Dói loucamente pensar em perder Viktor. A perda me perseguiria e me quebraria. Estou muito apegado.

Ele é meu.

Meu.

Meu.

E ela não pode ter nenhum deles.

— Qual é a outra opção? — eu rosno.

— Ou, você toma isso. — ela joga uma pílula contra mim, mas olha para ele. — Então, eu dou a ele o local para ele encontrar sua boneca e você tem que confiar que ele a procurará. Mas *eu* fico com *você*. É assim que vai ser, — ela diz para Viktor e para mim.

Olho de volta para Bethany na tela. Ela não vai durar mais vinte minutos. Ela se cansará e, eventualmente, se afogará. Pego o ombro de Viktor e aperto.

— Eu preciso que você a encontre, — eu sussurro. — Eu *confio* em você.

Seus olhos de âmbar se alargam e cintilam como se as chamas se acendessem dentro dele. Ele aponta a cabeça para ela. — Não, — Viktor grita, seu comportamento tranquilo desapareceu oficialmente. — Ele não vai com você. Eu irei.

Ela ri. — Decisões, decisões. Posso aguardar vocês. Ela se afogará. Eu vou cortar os dois pedaços antes que a noite chegue de qualquer maneira. Eu não tenho nada a perder.

— Eu vou ficar, — eu rosno, então murmuro para Viktor, — Eu preciso que *você* confie em *mim* também. Encontre-a. Cuide dela.

Eu vou matar essa puta, digo a ele com um olhar duro. Eu vou fazer com que ela sofra.

Pego a pílula e engulo. Viktor range os dentes, mas me dá um aceno duro. Tempo é essencial.

— Localização. Agora, — eu grito pra ela.

— Entre no carro primeiro, — ela ordena. — Eu não quero ter que arrastar sua bunda mais do que o necessário.

Vou para o carro dela e ela faz questão de puxar o rastreador debaixo do capô e jogá-lo no chão. Ela desliza no assento ao meu lado. Meus membros estão pesados e eu não posso levantar meu braço para estrangulá-la.

— Crystalline Hotel na rodovia catorze. Quarto vinte e seis. A chave está debaixo do tapete da porta, — ela diz friamente pela janela para Viktor. — Melhor se apressar. É uma viagem de pelo menos quinze minutos daqui. Você acha que ainda tem quinze minutos em sua vida patética?

Viktor me dispara mais um olhar determinado antes de correr. O som do chiado de pneus é música para meus ouvidos.

Minhas pálpebras começam a ficar pesadas, e eu balanço de um lado ao outro no assento.

— Agora durma, — ela ronrona. — Não acorde. Temos uma pequena mudança de planos. Vamos. Você estará pronto em breve, então precisamos fazer isso rápido.

Estou confuso quando ela sai do carro. Por que diabos ela está fazendo isso? Tudo gira ao meu redor. Ela vem para me ajudar e eu me inclino sobre ela para levantar. Minha mente está devagar e o mundo se distorce ao meu redor.

Eu tropeço enquanto ela me conduz ao lado do prédio onde outro carro está estacionado. Ela abre a porta de trás e me joga. Meus planos para quebrar seu pescoço enquanto nós dirigimos, se afastam enquanto a escuridão se fecha ao meu redor. A porta do carro bate, e depois nós vamos embora.

Desmaio, esperando que Viktor salve minha boneca.

Mas não me preocupo com ele me salvando.

Eu vou me salvar.

Piscar.

Piscar.

Piscar.

Escuridão.

Capítulo doze

Rasgado

VIKTOR

Ir embora com essa puta psicótica é a coisa mais difícil que eu já tive que fazer.

Minhas mãos apertam o volante tanto que quase se tornam um só. O GPS me diz que ainda estou a cinco minutos de distância. Tocar a buzina no trânsito na minha frente não está ajudando a me manter calmo. Eu preciso me concentrar. Esfriar meu sangue e limpar minha mente.

Uma mente caótica é uma mente perigosa, Moy.

Meu irmão sabia do que ele estava falando e cada lição que ele me ensinou foi concretizada de uma forma ou de outra. Eu verifico o relógio pela milésima vez e entro no tráfego próximo, passando pelo semáforo vermelho e voltando para minha própria pista. Buzinas soam ao meu redor, mas isso é questão de vida e morte, então todo mundo pode se foder.

Eu pego a rua à direita e paro em um motel degradado. As luzes estão apagadas e o pátio está coberto de mato. As janelas estão quebradas e as paredes e as portas estão pichadas. Que diabos Jessica - Lucy não combinada com ela de qualquer jeito - estava fazendo aqui? Eu desligo o carro assim que eu paro no estacionamento e saio do veículo. Meus pés correm, pois percebo que estou no térreo e preciso estar no número 26. Em segundos, chego no local.

Eu arrebento a porta, não me incomodando com uma chave, e ela se abre facilmente, praticamente se desintegrando no impacto. — Elizabeth? — eu grito, escaneando a sala e encontrando o banheiro. Seu corpo está boiando e sua cabeça está completamente submersa em água rosa. Eu caio de joelhos e a puxo da água pelo cabelo, estremeendo com a temperatura da sua pele gelada. Aquela idiota

deixou que a água fria pingar em torno dela, congelando Elizabeth antes de afogá-la.

Puxo-a nos meus braços, ensopando meu terno e afasto os fios de cabelo molhados do seu rosto. Rapidamente, eu a levo para uma velha cama e sento com ela no meu colo. Uma vez que ela está amarrada e não tenho tempo para desatá-la, eu a abraço e verifico seu pulso, mas não há nenhum.

Porra. Por quanto tempo ela ficou afogada?

Inclinando o queixo, aperto seu nariz e sopro em sua boca. Um. Dois. Parando e colocando uma palma em cima da minha mão, eu começo as compressões. De um lado para outro, tento bombear seu coração e soprar ar em seus pulmões. Seu corpo treme, e enquanto eu estou soprando sua boca pela quarta vez, água corre da sua boca para dentro da minha e afasto-me para que ela possa tossir.

— Está tudo bem, — asseguro a ela, meu tom calmo.

Ajudo a incliná-la para o lado. Suas mãos e pés ainda estão amarrados atrás dela, contorcendo seu corpo em um ângulo incomum. Os sons de seus suspiros são música para meus ouvidos.

— Obrigada, — ela suspira, seus lábios com uma sombra escura de azul. — Obrigada.

Tiro meu terno e coloco-o sobre seu corpo nu antes de desatá-la e ajudá-la a se sentar ao meu lado na cama. Ela entra no meu terno e a envolve bem no corpo dela.

— Onde ele está? — pergunta ela, olhando atrás de mim.

Não quero responder a ela. Sinto-me quase culpado, como se eu falhasse com ele. Critiquei Lucy. Não tinha ideia de nenhum ataque contra ela. No entanto, faz sentido. Depois de ter sido abusada pelo pai de Benny, ela ficou instável e fugiu.

Mas por que motivo guardar essa raiva por tanto tempo?

As pessoas tentam me dizer que o destino não existe - que controlamos nossos próprios caminhos, mas como pode Jessica e Benjamin virem até mim e ambos se conhecem, desencadeando uma cadeia de eventos infelizes?

Meu celular vibra contra minha perna e eu uso isso como uma desculpa para não responder a ela imediatamente. Levanto minha mão, sinalizando que preciso atender e saio.

— O que é? — eu atendo, assumindo que é alguém do clube. O clube parece tão insignificante agora. Meu pai ficaria tão desapontado comigo por deixar tudo isso acontecer. Mas decepcioná-lo é algo que eu estou acostumado.

— Harris, — uma voz grunhe. — É o detetive Scott.

Bem, um pouco tarde demais, idiota. Não é de admirar que Benjamin o detesta. Ele é inútil.

— Sim?

— Eu encontrei algumas coisas pessoais, mas queria deixar você saber que eu estou com a garota.

Meu coração martela no meu peito e fúria, selvagem e cruel, surge através de mim. Ele está mentindo. Ele está dizendo que ele está com Elizabeth, para que fim? Para atrair Benjamin?

— Harris, você ainda está aí? O sinal não é muito bom no hospital.

— Por que você está no hospital?

— Foi pra cá que eu trouxe aquela menina Kami. Ela está mal, mas ela é dura - uma lutadora. Quem é ela para você?

Kami. Kami. Kami.

Eu tinha esquecido sobre ela.

Deixei o endereço do bunker na mão daquela policial, mas não pensei nela nem uma vez depois. Eu não sabia se Dillon iria lá para salvar Kami ou não. Ele poderia ter pensado que era uma armadilha e não ir atrás dela, então ela teria sangrado até morrer em uma pequena caixa de vidro. Sangrando e morrendo enquanto Benjamin e eu - bem, eu pelo menos - estava satisfazendo um desejo desde o dia em que nos encontramos. No dia em que ele pediu ajuda. No dia em que ele precisava de mim. Enquanto ela estava morrendo potencialmente, meu Benjamin, meu monstro, estava se perdendo dentro de mim.

O que isso significa?

Uma coisa é certa: a merda mudou irrevogavelmente.

Meus olhos se abrem para ver Elizabeth na porta, me observando. Alguma cor apareceu em suas bochechas e seus lábios não parecem tão azuis.

— Ela é apenas uma empregada, — eu minto.

— Bem, eu diria que era mais do que isso, mas ela logo vai me contar, — Dillon resmunga. Ele soa como eu me sinto. Esgotado.

Eu nem calculei o risco de deixar Dillon levar Kami. Ela é leal, mas caramba, ela está brava. Eu também pensei que Lucy-ah-Jessica nunca me trairia, e ela me traiu. Kami sabe muito sobre mim. Quem eu realmente sou. Não posso arriscar deixá-la onde ele pode interrogá-la.

Dillon limpa a garganta e quero passar pelo telefone e arrancá-lo para que ele não possa perguntar nada a ela.

— De qualquer forma, eu fiz algumas pesquisas e descobri que Jessica herdou propriedades de seus pais. Mandeí oficiais para cada local, mas pode levar algum tempo. Muitos dos edifícios são motéis e não estão em uso. Estamos aumentando os recursos e os mandatos estão sendo emitidos, então é um processo mais demorado.

Se eu lhe disser que estou com ela, ele parará de procurar? Mas e se Jessica tiver levado Benjamin para outro de seus motéis ou propriedades? Eu não sei o que é pior, Dillon procurar Benjamin ou cancelar a busca e arriscar Jessica matá-lo. Posso me juntar à busca, mas ter seus recursos acelerará o processo. Porra.

Pelo menos se Dillon o pegar, então ele estaria respirando e eu poderia encontrar uma maneira de negociar com ele. Poderia pegar todo mundo que Dillon ama, se necessário.

— Eu preciso de uma certa garantia, — ele resmunga, — e tanto quanto eu acho que você é um cara insano, Benny ainda é pior que você, ele é louco mesmo, então eu estou contanto com você para mantê-lo são. Se ele andar por aí procurando por ela e atirando nas pessoas, vou retirar meus recursos e vou me voltar a caçar ele e você.

Minha espinha se estica e minhas mãos se apertam. Eu não aceito ameaças gentilmente. Isso deve ser sobre Benjamin atirando em seu parceiro. — Seu parceiro vai sobreviver, — eu digo.

— Não é isso, — ele grita.

— Tudo bem, vou manter Benjamin tranquilo. Apenas se apresse e faça sua busca.

A ligação cai e meus olhos encontram Elizabeth. — Quem é Kami? — ela pergunta.

— Por que você perguntaria isso?

— Eu ouvi você falar com ele sobre ela.

— Kami não é importante, — eu minto suavemente. A facada de culpa por não dizer a verdade é suportável, no entanto. — Eu preciso levá-la para algum lugar seguro e limpo.

— *Ela* está com ele, não é? A loira psicopata que me pegou?

Eu ofereço um rápido aceno de cabeça. Falar as palavras em voz alta só traria desamparo com elas.

— Foi meu pai. Ele fez coisas. — ela balança a cabeça, seu corpo treme. Preciso levá-la de volta à minha casa, limpá-la, então bolar um plano. Conheço Jessica. Sua personagem, Lucy, é uma sádica e faz isso com prazer por dias. Temos algum tempo, e Benjamin é mais forte do que ela.

— Eu vou te carregar até meu carro, — eu digo a ela suavemente. Ela pisca rapidamente. Ela sofreu um trauma emocional, mas, como Benjamin, é uma sobrevivente.

Minhas mãos deslizam sob suas pernas, minha pele quente se arrepia com a sensação de frio. Não estou preparado quando ela descansa a cabeça contra meu ombro e coloca sua pequena mão no meu peito. Algo dentro de mim aperta e não solta. Conheço muito bem o sentimento possessivo. Como Benjamin, sou também colecionador de pessoas.

Meu terno é grande para sua pequena estrutura. Os cortes em seu peitos são profundos e estão sangrando. Ela vai precisar de cirurgia plástica se ela não quiser cicatrizes horríveis. O cabelo dela está molhado e gruda em seu rosto. Olhos tristes encontram os meus. Ela chora mesmo sabendo que ele está vivo, mas sei exatamente o que está sentindo. O pensamento dele não estar aqui conosco é um pensamento insuportável.

Com a *gente*.

Eu vou rever esse pensamento quando eu não estiver enlouquecendo com preocupação.

— Vamos trazê-lo de volta, — ela sussurra em compreensão, olhando diretamente para mim, como se ela visse algo familiar.

O que ela vê?

Ela mesma?

* * *

Eu mergulho a esponja na banheira e passo em sua cabeça, apertando a água, então ela escorre pelo seu cabelo e costas. Ela não fica tímida na minha frente. Seu corpo está exposto aos meus olhos se eu desejasse estudá-lo. E eu faço. Descaradamente. Sua pele é delicada, como porcelana. Não é de admirar que Benjamin esteja tão ocupado com ela. Ela realmente é como uma boneca viva. Seus cílios longos e escuros flutuam como asas de morcego sobre seus olhos. Ela é hipnotizante.

— Eu posso tratar suas feridas, mas uma vez que tivermos Benjamin em segurança, sugiro que vejamos um cirurgião para esses cortes, — eu ofereço, deixando cair a esponja e aplicando shampoo em seus cabelos. Meus dedos massageiam seu couro cabeludo, e ela suspira em meu toque.

— Obrigada por me encontrar.

— Foi Benjamin quem se entregou para isso ser possível.

Seu corpo fica tenso e o brilho nos olhos está longe de ser inocente. Ela está ligeiramente desequilibrada. Furiosa. Louca. Eu me admiro com o quanto ela se parece com seu irmão neste momento. Ele também me olhou uma vez dessa banheira, machucado e precisando de mim.

Bonita.

— Vou matá-la por isso, — ela murmura, sombria e determinada.

Isso envia uma emoção através do meu corpo e minha pele começa a zumbir.

As suas narinas inflam quando ela parece se perder em pensamentos. Uma mania familiar - uma que eu vi não só nos olhos de Benjamin, mas nos meus próprios - dançando nos dela. — Vou fazê-la

sangrar e gritar e implorar. Vou fazê-la desejar que seus olhos nunca tivessem caído sobre ele ou sobre mim. — sua cabeça se inclina para que ela possa olhar diretamente para mim novamente. Seus dentes cavam o lábio inferior antes de dizer: — Você pode assistir.

Meu estômago revira, e sinto uma mudança dentro de mim. Eu pensei que ela fosse causar ciúmes, acordar o demônio dentro de mim, fazendo com que ele erradicasse e se alimentasse dela até ela não ser mais nada. Porque Benjamin só precisa de mim. No entanto, ela tem a mesma beleza dentro dela. A escuridão cresce e floresce dentro dela. Multiplicando exponencialmente com cada respiração que dá.

Eu quero pegar e esculpir isso, assim como eu fiz com ele.

Eu quero outro monstro.

Eu a quero.

Lutando pelo sorriso que puxa meus lábios, acaricio sua bochecha com o polegar e corro-o através de seus lábios grossos. Ela se aproxima do meu toque afetuoso. — Eu tomei a liberdade de mandar alguém buscar suas roupas, — eu digo a ela suavemente. Eu a enxaguo bem e lhe dou uma toalha. Ela se ergue e deixa a água descer pelo seu corpo como se fosse feita de água - uma deusa - em uma fonte. Além dos ferimentos em seu peito, ela é perfeita. Sua pele é lisa e cremosa, seus cabelos castanhos longos e escuros o suficiente para fazer seus olhos realçarem.

Enrolando-se na toalha, ela envolve o corpo e mais uma vez coloca a mão no meu peito e no meu coração. — Obrigada.

O órgão bate em seus limites ao seu toque e eu me pergunto se ela vai notar que ela me deixou ligado com um toque simples.

— Suas roupas estão em uma bolsa na cama. Estou indo tomar um banho.

— Ok. — ela sorri e segura meu olhar como se ela pudesse ver ou sentir as emoções me queimando pela pessoa que ela ama. Em vez de ficar ciumenta ou zangada, ela está quase agradecida. Ou melhor ainda, com fome para dissecá-lo. Ela é um monstro também, afinal.

Eu a observo se sentar na cama desfeita ainda em desordem pela foda que Benjamin e eu tivemos mais cedo. Estou hipnotizado por ela enquanto ela acaricia uma palma sobre o colchão, juntando o lençol e trazendo-o até o nariz antes de envolvê-lo em seus ombros e se deitar dentro dele.

Ela pode sentir o cheiro dele?

Ela pode sentir nosso cheiro e o que fizemos?

Ela sabe que eu também o amo?

Que também temos algo poderoso e emocionante?

Meus olhos se fecham por um breve momento para obter algum controle de volta. Todas as emoções se agarrando dentro de mim são muito difíceis de transmitir com pensamentos ou palavras.

— Como eu chamo de você? — ela se afasta da cama e percebo que não me mexi do lugar.

— Como você quer me chamar? — essa resposta é uma que eu dou à maioria das pessoas, mas ela não é a maioria das pessoas.

— Como *ele* te chama?

Todos os nomes que eu recebi ao longo dos anos dançam na ponta da minha língua, então me surpreende quando falo meu nome verdadeiro para ela. — Viktor. Ele me chama pelo meu nome, Viktor.

Ela rola o nome em volta da boca antes de se sentar. — Eu gosto de Viktor. É forte e sedutor.

— É? — minha voz está rouca, e eu me pergunto por que eu me encontro pendurado em cada palavra dela. Suas palavras são finas e infantis. Musicais. Eles acalmam essa queimação dentro de mim. Talvez faça o mesmo com Benjamin.

— Vá tomar banho, Viktor, — ela diz, suas bochechas ficando ligeiramente rosas. — Temos o nosso homem para resgatar.

Afasto meu deslumbramento e entro no banheiro. Uma vez que estou nu, eu ligo o chuveiro e coloco no mais quente. Entrando sob o spray, eu deixo a água quente escorrer esses pensamentos atormentados e loucos correndo em minha mente. Vê-la, a boneca preciosa dele, deitada no nosso rescaldo, foi algo de outro mundo. O zumbido nas minhas veias me faz balançar em meus pés. Ao pegar meu pau na mão, acaricio-me com a imagem, espremendo o suficiente para causar dor, depois solto. Não consigo segurar o que estou sentindo, mas preciso apagar minha mente para que eu possa encontrá-lo e trazê-lo para casa.

Quando finalmente saio do banheiro, o quarto está vazio. Secando-me, visto um terno limpo, depois encontro Elizabeth na cozinha comendo sanduíche de carne diretamente do pacote.

— Com fome?

Ela encolhe os ombros delicados. — Ela não me alimentou.

— Que sequestradora vergonhosa, — eu represo em brincadeira.

— Amadora, com certeza. — ela está brincando de novo. — Terno bonito. Designer? — seus movimentos são graciosos e fluidos enquanto ela caminha até mim. Com um sorriso que faz meu ritmo cardíaco acelerar, ela acaricia seus dedos pelas lapelas. O calor de seu corpo - e graças a Deus por isso, já que ela quase não sobreviveu hoje - aquece a meu peito. Meu pau se endurece nas minhas calças.

Sua resiliência e apenas o simples fato de que ela é a boneca do meu monstro é excitante.

— Tom Ford. — eu levanto a sobrancelha, ignorando a maneira como meu corpo responde a dela. — E o seu? — ela está usando um vestido bonito que para logo acima do joelho com meias e um sapato Mary Janes².

— Eu faço minhas próprias roupas. Você terá que me deixar fazer algo quando tudo isso acabar. — suas sobrancelhas batem enquanto suas bochechas que se tornam rosas.

Boneca bonita.

Espero que ela tenha a chance de fazer exatamente isso. — Eu gostaria, — eu digo com sinceridade. Meus dedos tocam na boca dela por vontade própria. Ela não se afasta. — Mas primeiro, vamos encontrar essa cadela.

Ela sorri contra meus dedos e seus olhos se iluminam como se fosse a melhor coisa que ela já ouviu.



Meus pensamentos vão para as propriedades que Dillon Scott me contou. Jessica levou nossa boneca para um daqueles motéis degradados, então faz sentido que ela levaria Benjamin para outra propriedade dela. Embora Dillon diga que ele tem oficiais verificando, se eu aprendi com algo dele, é que ele é inútil. Eu vou ter uma melhor chance de encontrar Benjamin antes dele e não terei que arriscar Benjamin sendo levando preso... *se ele ainda estiver vivo.*

Ele está. Eu sentiria na minha alma se alguma coisa tivesse acontecido com ele. Nós somos partes de um todo, e quando uma parte desaparece, as outras partes sentem a partida. Eu sentiria isso. *Ela* iria sentir.

Puxando meu celular do bolso, eu ligo para Luke. Ele pode me dar a mesma informação que Dillon tem.

— Eu preciso de todas as propriedades listadas para Jessica Johnson e de seus pais também, por favor, — eu digo a ele antes de terminar a ligação. Encontro a boneca do monstro parada olhando para mim, apenas esperando pela direção. — Eu preciso ir ao hospital buscar Kami.

Sua testa lisa se enrugando com minha declaração.

— Quem é Kami para você?

A mesma pergunta que Dillon fez, e é uma pergunta tão carregada que eu não sei mais a resposta. Mas aparentemente, sua curiosidade não vai simplesmente desaparecer. Esta boneca quer respostas – respostas que nem sei como explicar. Meus pensamentos voltam ao passado.

Seu sangue está quente em meus dedos e parece tão perfeito manchado em seus lábios. Vlad ficará puto que tirei sangue, e ela ficará com um lábio inchado, mas quanto menos ela valer, mais provável irá sobreviver. Eu quero que ela sobreviva. Mais do que isso, quero reivindicá-la como minha recompensa. Ela será meu animal de estimação perfeito. Sua sede de violência é a coisa mais doce que eu já provei. Sua respiração dura é alta, enquanto seu corpo exausto permanece apertado contra a parede. O lugar apertado torna a disputa muito mais divertida. Sem nenhum lugar para correr ou esconder - quatro paredes para prendê-la.

— *Eu ganhei.* — eu mostro a ela um sorriso e ela passa a mão através de seu lábio sangrando. — *Desta vez,* — *ela cutuca.*

— Toda vez, — corrijo, avançando e puxando-a para o meu colo.

— Eu vou caçar você no The V Games. — seu corpo fica mole em meus braços, como se ela quisesse isso tanto quanto eu.

— Não, se eu te encontrar primeiro.

Pontas de dedos suaves tocam meu rosto, me trazendo de volta ao presente. A boneca do monstro está na ponta dos pés, alisando minha sobrançelha franzida com sua delicada carícia.

— Você não precisa me dizer se isso te perturba, — ela murmura.

Ao tomar suas mãos nas minhas, eu ofereço um pequeno sorriso. — É só que não tenho mais certeza, bonequinha. Ela me salvou uma vez.

— De quem?

Eu só estive na arena por uma hora e duas pessoas já tentaram me matar. Não faz sentido. Normalmente, as pessoas estavam apenas encontrando seu lugar e mapeando sua rota, os quartos que eles desejavam visitar, as lutas que pagaram para lutar, as salas de abate onde eles podem descarregar suas fantasias mais sombrias, mas eu me tornei um alvo. E o preço pela minha cabeça deve ser substancial para as pessoas ignorarem os principais eventos no The V Games e, em vez disso, estão procurando por sua recompensa. Normalmente, sexo e voyeurismo eram os jogos iniciais de escolha, mas agora tenho uma noite para tentar me defender.

Vlad, Vika e meu pai perderão a cabeça por isso.

A pior parte é que tudo que acontece aqui não pode ser vingado fora do The V Games. Agora eu sou uma carne livre para ser esculpida por quem tem a maior faca, e pior, é pela pessoa que tem a maior pilha de dinheiro. Eu não tenho inimigos, então o risco de uma recompensa pela minha cabeça deve ser pequeno. Mas não é inédito.

Os planos de caçar Kami e irmos para uma disputa de matança antes de fodê-la e bater nela na frente dos espectadores agora é um pensamento distante.

O jogo mudou.

— Alguém que eu amei muito, — eu digo à boneca, que me estuda com os olhos bem longe enquanto me lembro. Eu continuo saltando para o passado, como uma bola de borracha no chão.

Pula e volta. Pula e volta.

— Outra mulher? — pergunta ela. Meus pensamentos me fazem refém com sua pergunta.

Cheguei à contagem regressiva final do relógio. A saída está ao alcance e a noite de prazer e caos está quase acabada. O tempo para provar ao meu pai que eu posso defender sua honra, sobreviver, e desfrutar dos resquícios do jogo que ele criou para os homens sinistros como nós, está chegando ao fim. A noite do inferno prova que nossos inimigos estão tentando nos derrubar. Também mostra aos nossos espectadores que há um conflito de grande magnitude. Por que mais haveria um preço pela minha cabeça e tantos concorrentes para reivindicá-lo? Mas eu chegar ao fim, também prova que você não pode derrubar o clã Vasiliev.

Somos monstros.

Somos bestas.

Nós somos inquebráveis.

O sangue escorre pela minha pele como um casaco. Meu abdome dói e há alguns ferimentos profundos o suficiente para deixar cicatrizes. A luta interna, no entanto, é o que está me quebrando mais do que a luta do lado de fora. Isso é pessoal. Consegui sobreviver a vinte e três tentativas de assassinato e uma delas veio de um membro da equipe do meu pai. O homem deve ter pagado para entrar no The V Games com o único propósito de fazer o trabalho de outra pessoa.

E eu acabei com todos eles.

Nossa família criou esses jogos sombrios, portanto, nós os interpretamos melhor.

Minha alma se desinflará com a percepção de quem poderia estar por trás dessa tentativa. Eu o vi. Na noite anterior aos The V Games em nossa casa, deixando o quarto de Vika, sem dúvida inventando um plano para me trair.

Todo treinamento que recebi nos meus dezoito anos, por ser um Vasiliev foram colocados em ação para lutar contra essa enxurrada de novos inimigos colocados sobre mim por aqueles que eu amei. Por aqueles que eu confiei.

Nada.

Nenhuma quantidade de treinamento e preparação poderia ter me preparado por tal traição ou o sentimento estranho de tristeza intensa que agora se apega à minha alma. Vinte e três mortes para adicionar ao meu currículo - nenhuma por prazer. E se não fosse proibido, a dela seria a vigésima quarta.

Minha juventude me deu rapidez e me deu força sobre os meus adversários. A lâmina que Vlad recomendou era precisa e mortal. Cada sessão que eu tive com Kami me preparou para o combate brutal mano-a-mano, e eu me tornei o erro deles. Quando eles vieram até mim, eles morreram.

— Me desculpe, — ouço um sussurro no meu ouvido por trás, uma voz profunda de arrependimento. Meus olhos se fecham em resignação. Não ouvi ninguém se aproximar. Baixei minha guarda tão perto do final. Eu reconheço essa voz. Niko.

— Ela sabe sobre nós. — arrependimento aperta sua voz. — Ela vai contar ao seu pai e ao meu. Nós dois não podemos ter isso, Viktor. Se não for eu, será outro. Desculpe-me, — Niko respira, a dor evidente na sua voz trêmula.

Um humph ressoa atrás de mim enquanto espero para sentir a lâmina perfurar minha pele, mas nada vem.

Virando, estou chocado ao encontrar Niko no chão, sua lâmina ao seu lado e Kami de pé ali com um bastão. — Se divertindo sem mim, pelo que vi. — ela arqueia uma sobrancelha. Ela está sem roupas. Sangue e hematomas decoram sua pele nua, e eu olho para ela estupefato. Ela sobreviveu, e mais do que isso, ela me salvou.

— Eu só o nocauteei, — ela diz com um sorriso. — Você quer matá-lo?

Olho para o relógio e sorrio. Seus olhos sigam os meus.

— Parece que nós dois ganhamos, — ela fala, seus olhos caindo para as portas agora se levantando para sinalizar o fim do The V Games e a saída. Outros se movem além de nós - uma série de jogadores carregando com eles o resultado de sua noite.

Aproximando-me, eu a puxo para mim e levanto-a, jogando-a sobre meu ombro. — Não, eu ganhei, e você é meu prêmio, — eu rosno.

Vlad e Vika estão me esperando quando eu saio. Vlad corre para mim e puxa Kami do meu ombro antes de colocá-la em seus pés. — Traga um médico para vê-la, — ele ordena à equipe esperando para ajudar os

vencedores. — Digitalize o código dela. Ela é a recompensa de Viktor Vasiliev. — sua atenção vira em minha direção. — Você está ferido? — ele me pergunta, mas ele já sabe a resposta. Ele teria pirado com a necessidade de se juntar a mim na luta pela minha vida, caso contrário.

— Eu não esperava ter que me defender de tantos ataques. Como é que o Pai não viu o preço na minha cabeça de antemão? — exijo, com raiva, eu não fui informado de que minha recompensa seria tão alta.

— Não foi o conselho, — ele me assegura, e confirma o que eu já assumi. — Foi uma proposta externa enviada diretamente a todos os assassinos na lista. Nós não sabíamos sobre nada disso, Viktor.

Eu ranjo meus dentes e aponto com a cabeça atrás dele. — Por que não perguntamos ao seu querido amigo e ao namorado da nossa irmã que colocaram uma recompensa na minha cabeça?

Vika sai das sombras como um gato rastejante. — Regras do The V Games, pirralho. Não são permitidos contratos de dentro da arena. A Vingança após a conclusão dos The V Games não é permitida. É onde toda a base é construída. — ela sorri, seus olhos tortuosos e sombrios. — V não é para vingança.

— Você quebrou meu coração, moya sestra, — eu respondo, meu corpo querendo explodir.

— O que está acontecendo? — Vlad exige, lançando seu olhar interrogativo para a nossa irmã por respostas que ela claramente possui.

— Nosso irmão está fodendo o que me pertence, — ela assobia, então me olha. — Achou que eu não sabia? Que eu não posso sentir seu cheiro nele quando ele vem para mim depois. Você é uma desgraça ao nome de nosso pai.

— Então você tenta me matar e, pior, deixa Niko tentar fazer isso? Eu tenho más notícias para você. Ele falhou. Vocês falharam. Ainda estou aqui. E agora? Você vai deixá-lo viver e ter uma família feliz, sabendo que sou eu que ele anseia quando ele está dentro de você? — eu provoço minha irmã gêmea.

Seu rosto se contorce, arruinando suas lindas feições com desgosto. — Você me conhece melhor que isso, pirralho.

O quê?

Ela move seus olhos para algo atrás de mim. Virando, vejo Niko se levantar, agarrando suas costelas. Ele está ladeado por dois homens que

usam couro da cabeça aos pés, incluindo máscaras, cada polegada coberta de pontas afiadas. Eles parecem fodidos ouriços humanos.

Os monstros gigantes se aproximam de Niko antes que ele possa se mover ou escapar, prendendo-o entre eles. Como um castigo entre companheiros de futebol. Rude. Brutal. Entusiasmado. Os dois caras riem, de um jeito doentio e alto, enquanto Niko é esmagado entre eles. Seus olhos se alargam e o sangue escorre da sua boca. Os gêmeos o soltam e têm que usar a força para afastá-los de seus corpos. A carne e o sangue carmesim grudam em seus espinhos. Niko solta um gemido dolorido antes de cair no chão. Seus olhos estão abertos e olhando de forma vazia para mim.

— Eu queria que ele me visse enquanto eles o matassem. — Vika sorri, acenando para o namorado moribundo.

Meu sangue ferve. Se não fosse pelas regras, eu empurraria minha faca diretamente em sua garganta e a abriria.

— O pai não vai gostar disso, Vika. — Vlad agarra os ombros dela, agitando-a com fúria desenfreada. Vlad está sempre calmo. Agora, ele é qualquer coisa menos calmo. — O que você fez? — ele ruge, suas narinas inflando de raiva.

— Ele não está aqui, está, pirralho?

Ela está certa. Por que o Pai não está aqui para me parabenizar?

— Você contou a ele? — eu engasgo.

Isso é ruim. Porra, isso é ruim.

Ser gay ou bissexual, não só na Rússia, mas em nossa família, é uma desgraça. Pai conhecendo meus interesses sexuais é o pior cenário possível.

— Que seu filho fode homens? — ela sussurra. — Sim, Vik, não podemos te deixar arruinar tudo para o resto de nós. Você o desonrou.

Afasto o passado e engulo a bile na garganta.

Minha irmã quebrou meu coração quando ela me traiu.

Pai disse que eu estava arruinando o mundo que ele criou para nós. Um veneno nas veias de seu império. Fui banido, despojado do meu nome e recebi um novo.

Uma nova vida.

Um novo país.

Um monstro criado a partir da traição.

Um mestre construído a partir de minha própria vontade de provar que meu pai cometeu um erro ao me abandonar.

Pressiono um beijo na testa bonita da boneca e passo os dedos pelos seus cabelos castanhos sedosos enquanto busco conforto, as lembranças assustadoras ainda persistindo. — Teremos tempo para eu contar a história outro dia. Neste momento, temos coisas a fazer.

* * *

O hospital está cheio com atividade. Enfermeiras e médicos se vêm e vão como abelhas operárias enquanto os pacientes enchem a sala de espera e os corredores. A boneca do monstro recusou quando tentei fazê-la esperar no carro por mim. Ela agarrou minha mão tão forte que suas pequenas unhas marcaram a carne. — Por favor, não me deixe sozinha. Eu não quero ficar sozinha de novo. — seus expressivos olhos transmitiram sua convicção.

Eu concordei e trouxe-a comigo sabendo que era um grande risco. Mas ela tem mais de dezoito anos e é livre para fazer suas próprias escolhas. Mesmo que Dillon descubra que ela está livre, ele não pode levá-la. Ela tem vontade própria e ela não gostaria de deixar seu monstro.

Ou eu.

O pensamento faz meu peito doer.

Eu também não quero que ela me deixe.

Monstro e Mestre é um pacote agora.

Nós fomos desde o momento em que levei seu grande traseiro para minha casa e cuidei dele. Eu coloquei o ar de volta na besta que eles tentaram destruir com armas e fogo.

Você não pode destruir homens como Benjamin Stanton.

Eles te destroem.

— Eu preciso saber para onde um paciente é levado quando trazido pela polícia, — eu digo diretamente para a mulher magrinha em um jaleco azul atrás do posto de enfermagem no departamento de PS.

Ela ergue as duas sobrancelhas e apenas olha para mim como se eu fosse um idiota.

Quando não digo mais nada, ela exala alto. — Não posso te passar essa informação.

Porra. Escavando no meu bolso, retiro uma pilha de dinheiro e empurro-o pelo balcão.

Sua boca se abre e ela a empurra de volta para mim. — Tá brincando, né? Isso é um hospital. Agora, saia ou ligarei para a segurança.

Ela vai precisar disso se ela continuar sendo difícil. Eu vou torcer o pescoço dela.

— Viktor, vem, — minha doce Elizabeth fala enquanto me leva para um corredor e entra em um escritório. — Eu conheço o código de entrada e o número de identificação da minha mãe. Posso verificar a lista de pacientes daqui. — ela sorri, suas bochechas ficando rosa brilhante. Sentada na mesa e cutucando o computador, ela parece tão pequena. Isso me faz querer arrancá-la do assento e por ela sentada no meu colo. Nua. Moendo contra meu pau enquanto eu marco sua carne pálida com meus dentes. — Mantenha seus olhos na porta, — ela instrui, seu tom feroz, apesar de não ser mais que um murmurar.

Um sorriso aparece em meus lábios enquanto obedeço à boneca exigente. Guardando a porta, meus olhos cintilam entre a entrada e as mãos pequenas enquanto ela clica no teclado. Mãos minúsculas que pareceriam tão boas envolvidas em torno do meu pau.

— Ela tem um nome que seria conhecido?

— Kami é tudo que Dillon sabe, — eu digo a ela, minha voz rude. — E ele a trouxe.

Passam alguns minutos silenciosos, então ela olha para mim. — Não há nada de Kami ou mesmo uma paciente trazida por um detetive.

— Verifique se há alguma paciente com tornozelos quebrados, pulso ou laceração, — eu respondo.

Meu coração trava com o relógio acima da linda cabeça da boneca. Benjamin não tem tempo para que a gente fique aqui caçando a fodida Kami. Eu deveria fazer Dillon trazê-la para mim. Talvez ele a levou para um hospital diferente.

— Ela não está no banco de dados. Tem certeza de que é esse hospital?

— Verifique uma Josey, também trazida por um detetive.

Ela mais uma vez bate os dedos sobre as teclas.

— Sim. Josey Manuel. Ela tem cortes e hematomas, mas já recebeu alta.

— Vamos, vamos sair daqui, — eu grunho.

Ela se aproxima de mim, e quando saímos, quase colidimos com um médico.

— Elise, como você está? Você mudou. Que roupa legal. — a mulher sorri desajeitadamente. Eu estou debatendo sobre estrangulá-la e colocá-la no armário de arquivo dentro do escritório que acabamos de sair quando Elizabeth fala.

— Oh, não é? Eu só vim visitar as crianças doentes. Parece bom para o meu currículo fazer trabalho de caridade. — ela esmaga os lábios como se estivesse mastigando chiclete e torce um fio de cabelo.

— Tão altruísta. — a mulher levanta os olhos e se apressa sem dizer adeus.

— Que atriz, — eu brinco com ela. Uma imagem dela atuando em seu site passa pela minha cabeça.

Naquele lindo vestido.

Com sua linda mão em sua calcinha.

Gemidos que imploram se tornam gritos.

Porra, essa é uma bela imagem.

Capítulo treze

Esmagado

BENNY

Faz muito tempo desde que dormi tão profundamente. Meus olhos lentamente se abrem e eu me encontro arreganhado em cima de uma mesa de bilhar em algum armazém. Está frio e úmido e estou nu.

A vadia vai sofrer por isso.

Ela não entende com quem está mexendo? Ela pode fazer o que quiser e continuarei vivendo. Depois, vou fazer seus cortes de prazer parecerem cortes de papel em comparação com o que eu vou infligir a ela. Vou fazê-la sangrar e bombear o sangue de volta para fazê-la sangrar de novo e de novo e de novo.

— Jess, — eu rujo.

Meus olhos examinam os paletes que me cercam. Caixas de sapato. Não, caixas para skatistas.

— É um plano sólido, você deve admitir isso, — ela diz fora da vista.

Ela quer minha aprovação. Minha fodida admiração.

É mais provável que ela tire lágrimas de mim do que isso. E as lágrimas nunca acontecerão. Viktor é a única alma viva que já viu isso.

— Eu pensei que seria poético se terminássemos onde tudo poderia ter começado, — diz ela de uma forma sonhadora. — Por que você não queria vir naquele dia?

Ela tem mais problemas do que meu pai abusando dela. Quem guarda algo tão insignificante? Ela é medíocre na melhor das hipóteses. Sua vingança é patética, como seus peitos falsos. — Eu pedi a Cassian para matar seu pai, — ela divulga. — Contei a ele detalhes de como ele deveria fazer também.

Eu duvido disso. Viktor não assumiria a liderança por ninguém, e muito menos para ela.

— Pare de tentar fingir que você tem poder quando você não tem, — eu bufo, zombando dela.

Ela sai das sombras como uma cobra deslizando ao meu lado, a faca na mão. Meu pau é maior. Arrastando a lâmina na minha garganta, onde as cicatrizes de queimaduras antigas se espalham pela extensão da pele, ela escava, abrindo a carne.

Eu sorrio para ela, sabendo que ela estava esperando por uma queixa.

Vá se foder.

— Eu sabia que você teria um alto limite para a dor, — ela suspira, a voz baixa quando seus olhos se reviram. — Por que você teve que voltar para o meu mundo? Não era algo que planejei, até que eu vi você e me lembrei de quem você era.

Eu já estou entediado e espero que ela comece a causar danos de verdade para que eu possa, pelo menos, desmaiar com dor e conseguir algum descanso da sua maldita boca.

— Era como se, — diz ela suavemente, — como se você quisesse vir e tirar tudo de mim novamente.

— Do que diabos você está falando? Não me importo com você. Você nem está no meu radar. Você é um pedaço de poeira no deserto para mim. Irritante quando entra em seus olhos. E só.

A lâmina corre através do meu peito e tronco. Ela corta e sussurra a palavra que está criando. — Vadia.

Ah, diga-me algo que eu não sei, piranha.

— Levei anos, anos para encontrar um lugar no coração dele.

No coração de quem? Jesus Cristo. Ela quer dizer Viktor. Ela está apaixonada por Viktor. Meus pulmões inflam e desinflam com o conhecimento. A dor ardente oferece uma diversão para a fúria explodindo dentro de mim ao pensar nela e Viktor juntos.

— Você realmente está iludida. Você acha que é digna dele? — eu zombo.

Ela corta mais pra baixo em meu estômago. Arde como um filho da puta.

— Mentiroso, — ela murmura ao esculpe a palavra, ignorando minha pergunta.

— Você achou que ele estaria interessado em uma prostituta falsa e usada como você? — eu falo mais alto.

Ela levanta a lâmina e grita enquanto mergulha na minha coxa.

Jesus Cristo!

Eu grito internamente, segurando minha respiração para tentar lidar com a agonia. Minhas narinas inflam enquanto eu seguro o ar.

— É por sua causa! — ela grita. — Uma vez que você veio, ele não conseguiu ver nada ou qualquer outra pessoa. Você levou ele de mim, assim como fez quando eu era criança.

O meu fodido pai tem muito a responder. Se ele ainda não estivesse morto, eu o escapelaria por essa merda.

O silêncio vem, tornando-se mais violento do que raiva. É quando a verdadeira fúria se esconde e tem medo do rumo das consequências.

— Você acredita no destino, Monstro? — ela murmura. — Como você pode não acreditar, quando nossos mundos novamente se chocaram assim?

Eu olho para ela. — Então, deixe-me apenas esclarecer o que está acontecendo, — digo, respirando profundamente. Está congelando aqui e estou lutando para impedir que meus ossos tremam. — Você está puta porque eu dispensei você anos atrás, então Cassian preferiu idolatrar meu pau à sua buceta? Então, é a rejeição que é a verdadeira questão - nada a ver com algum homem velho encontrando algum prazer milagroso nesse buraco que você chama de buceta?

— Filho da puta, — ela grita, pulando na mesa e empurrando-me. Seus olhos são selvagens, suas narinas inflam. Seus peitos falsos se projetam de seu traje de couro. — Oh, você não gosta da minha buceta, Monstro? — ela grita como um animal. Feral e enlouquecido. Indo entre suas pernas, ela agarra meu pau flácido. Se ela pegar a faca, eu vou comer sua cara. Suas mãos estão frias, e ela começa a me acariciar. Uma risada sai do meu peito.

— Você está tentando fazê-lo cair?

Inclinando para frente, ela segura a faca na minha garganta. — Oh, isso fará exatamente o contrário na verdade. Vamos ver o quanto você gosta disso.

Se aproximando do lado da mesa de bilhar, ela coloca a lâmina na borda e desata sua roupa ridícula. Por que diabos ela está fazendo isso? Seus peitos parecem dois picos de montanha seguido por uma cintura estreita. Sua buceta é depilada e tatuada com uma flor de algum tipo.

— Eu deveria me sentir atraído por isso, aberração? — eu pergunto com um tom entediado. Meu sangue está congelado na minha pele. Eu quero acabar com isso.

Aproximando das minhas coxas, ela leva meu pau na boca e aperta. Ela é literalmente uma profissional nisso. Passou muitos dias trabalhando na frente do The Vault. Sempre teve paus e bolas de clientes em sua boca feia, então ela sabe como conseguir uma reação desejada. Quando sinto o sangue bombeando para lá, puxo contra as restrições, tentando me libertar. — Tire sua boca nojenta de mim, — eu rosno.

— Com prazer, — ela ronrona.

Ela pega algo que ela colocou perto de meus pés. É o celular dela. Ela arranha minhas pernas e para acima do meu pau que ela acordou com suas táticas. Segurando o telefone com uma mão e tomando meu pau na outra, ela abaixa sua buceta nojenta ao redor do meu eixo.

— Não faça isso, sua vadia, — grito, tentando me soltar.

— Droga, — ela suspira, sentada completamente no meu pau. Seus olhos rolam quando ela começa a balançar os quadris. — Eu sabia que isso seria bom.

— Eu vou cortar sua garganta, — eu rujo.

Seus gemidos são mais loucos do que prazer, enquanto ela continua a se mover e se filmar. — O que a sua boneca e Cassian vão pensar quando eu lhes enviar este vídeo de você me fodendo?

Ela é louca.

— Eles iriam adorar ver meu gozo em cima das suas entranhas quando você estiver morta, — eu silvo.

Odeio como meu maldito corpo reage. Esta cadela deixou meu pau duro e não tenho controle. Não é meu corpo excitado por ela; é puramente manipulação.

— Oh, — ela geme quando se inclina para frente, seus cabelos loiros nos cerca. — Isso...

Seus olhos estão me encarando enquanto ela me fode. Meu corpo endurece e pulsa com a necessidade de gozar. Não tenho nenhuma atração por essa mulher. Eu nunca tive. Tudo o que queima através de mim é ódio por ela. Seus quadris giram e balançam. Embora sua boceta seja larga, eu sei que vou gozar logo.

Eu não finjo que estou com Viktor ou Bethany para escapar.

Em vez disso, mantenho-os seguros e me acendo pelo meu ódio por essa cadela. Meu pau fica incrivelmente duro com a ideia de seu sangue espalhado por todo este quarto. Eu quero arrancar a pele dela e guardar seu cabelo sujo para fazer uma peruca para minha boneca, e depois mandá-la queimar.

— Você gosta disso também, — ela geme.

Eu empurro meus quadris nela, mas não pelos motivos que ela acha. Com cada puxar dos meus braços e pernas, as cordas se afrouxam. O celular em sua mão bate na mesa quando ela encontra seus peitos falsos e os toca.

Seu corpo começa a tremer enquanto seu orgasmo se aproxima. Com um rugido, puxo meu braço direito da corda e agarro seu pescoço. Um som estranho escapa dela quando eu a arranco de mim. Minha mão esmaga sua garganta e ela balança seus braços ao redor dela.

Seu rosto se torna roxo.

Mais bonita que nunca.

Quando seus olhos parecem que estourariam do crânio, eu gozo. Porra, eu gozo. O pensamento de sua morte é delicioso. Minha semente a enche quente e furioso. Ela está quase desmaiando.

Slash!

O fogo corre através do meu antebraço, e meu controle sobre ela diminui. É suficiente para ela se livrar de mim. Seu corpo faz um som de estalo quando sai do meu pau.

— Você quase me matou! — ela grita, acenando sua faca sangrenta na frente dela enquanto ela desce da mesa e fora do meu alcance.

— Venha aqui e vou terminar o trabalho, puta suja! — eu respondo.

Seu corpo treme enquanto procura freneticamente por algo. Com o meu braço livre, tento desatar meu esquerdo. Ainda estou puxando quando ela se esgueira atrás de mim, aperta meu nariz e joga um comprimido na minha garganta. Eu engasgo enquanto ele desce, mas consigo acertar a porra do lado da cabeça dela enquanto mordo seus dedos.

A faca bate no chão e seu corpo cai em algumas caixas.

Então, silêncio.

Eu grunho enquanto puxo um pouco mais na corda. A sala já está começando a girar. Uma vez que eu consigo liberar meu outro braço, o que leva tempo - muito tempo - eu me sento e forço um dedo na minha garganta. Bile volta, mas a pílula já começou a fazer efeito.

Desesperado por fugir daqui, trabalho rapidamente nos meus tornozelos. Eu me viro para soltar um, mas depois tudo gira e fecha em torno de mim. Meu braço se torna pesado enquanto meus dedos deslizam na corda, mas eu perco o foco e não consigo me mexer. Minha visão desaparece e o ar pesado começa a ceder sobre mim.

Não!

As nuvens de tempestade estão entrando.

Trevas.

Ok, Viktor, então retiro o que eu disse. Preciso que você venha, salve minha bunda. Esta cadela é louca...

Escuridão.

Capítulo quatorze

Despedaçado

DILLON

— Você só pode estar me zoando, — eu estalo, passando os dedos pelos meus cabelos gordurosos. Eu não tomei banho hoje, mas é porque eu estive no hospital. Quando não estou tentando confortar minha esposa e curtir o nosso filho recém nascido, Mason, estou tentando localizar Elizabeth e acabar com psicopatas.

Eu preciso de umas malditas férias.

Maryann foi direto ao hospital do aeroporto e não foi embora desde então. Ela salta de volta entre ver sua filha no quarto de Jade e fazer seu trabalho para manter sua mente longe do fato de que uma de suas filhas foi levada.

Marcus endurece, mas não faz movimentos para remover a mão da coxa nua de Elise. O vestido que ela colocou subiu, já que ela está enrolada contra o lado dele, adormecida. Jade também está dormindo enquanto Mason está no berçário por algumas horas.

Ele estica suas longas pernas e geme, o buraco que a bala fez, sem dúvida dói. Seu polegar corre um círculo reconfortante na pele dela. — Tivemos uma longa conversa mais cedo. Ela errou em mentir, mas nossos sentimentos um pelo outro são reais. — ele suspira. — Eu a amo.

Eu ranjo meus dentes. Marcus poderia ser seu pai. Provavelmente seria mais adequado namorar a mãe dela. Elise tem apenas dezenove anos. Uma maldita garota. E agora ela está carregando um filho dele. Sempre pensei em mim mesmo como um grande irmão mais velho das meninas. Irmãos mais velhos podem chutar a bunda do namorado da irmãzinha, certo? E matar?

Meus pensamentos vão para Elizabeth.

Eles estavam juntos. Benny e Elizabeth. Irmãos. Doente pra cacete.

Deus, eu tenho que encontrá-la e salvá-la daquele monstro.

— Enquanto você estava dormindo, — eu digo, mudando o assunto de seu amor inapropriado para Elise, — liguei para Swanson. O vizinho de Stanton, Phil Lawrence, foi encontrado em uma fossa.

Os olhos de Marcus se alargam. — Ainda não consigo acreditar que eles não nos mataram. Eu acho que eles mataram Phil Lawrence, então?

— Múltiplas feridas no abdômen atingindo cada órgão vital com precisão. Não parece ser trabalho de Benny... — eu me afasto, esfregando minha barba. Eu ainda tenho que lhe contar a merda que eu estou fazendo para conseguir Elizabeth de volta. Ele é meu parceiro e eu deveria, mas não conto. — Definitivamente um profissional.

— Cassian Harris. Muito frio e calmo. Eu sabia que o idiota tinha uma história por trás. Nós já conseguimos alguma coisa sobre ele? — ele pergunta.

Elise se agita, suspira, mas depois se acalma quando ele acaricia seus cabelos. Ok, então talvez ele seja bom para ela. Elise precisa amadurecer pra se cuidar. Tanto quanto Maryann tentou, essas garotas foram condenadas no momento em que seu pai botou sua semente no ventre dela.

— Nada. Ele é muito limpo. Não conseguimos encontrar merda nele.

— Além de abrigar um criminoso procurado, — Marcus acrescenta, mas ele sabe, assim como eu, que um homem da riqueza de Harris terá um advogado ótimo para encontrar algo e ficar livre. Mesmo a morte do outro proprietário do clube, Sr. Law. Tudo aponta para Harris, mas a evidência é muito circunstancial.

Meus olhos se dirigem para Jade. Ela é angelical quando dorme. Ainda bem que nosso filho está bem. Meu coração está triste porque eu não vi MJ desde esta manhã, quando minha mãe a trouxe. Mamãe odeia o fato de que eu coloquei dois policiais seguindo ela, minha sobrinha, Jazzy e MJ de todas as pessoas, são as que eu não posso arriscar.

— E quanto a Jessica Johnson? Alguma novidade?

Além do que eu já disse a ele – que seus pais possuíam um monte de propriedades que estamos investigando - nada. — Não. Você conversou com Josey?

— Ela enviou mensagens mais cedo para falar sobre a casa segura onde a colocamos. Aparentemente Duncan está dando em cima dela, — ele resmunga. — Esse idiota não tem noção. Ela gosta de meninas, não de meninos.

Eu sorrio. — Você tem certeza de que Duncan tem um pau? Quero dizer, isso foi confirmado?

Nós dois rimos, uma pausa momentânea do estresse.

Ele finalmente boceja e Elise acorda. Seus olhos se encontram, ambos sorriem. Eu não posso ficar irritado quando eles estão assim - como Jade olha para mim. Além disso, eu tenho peixes maiores para físgar.

— Você acha que pode ficar de olho em minha esposa enquanto estiver fora? Você está fora de combate de qualquer maneira, — eu provoco enquanto me levanto e me estico. Eu me sinto péssimo e posso dormir por uma semana. Em vez disso, eu me dopo com mais café até que tenha todos esses psicopatas trancafiados e Elizabeth de volta.

— Pode deixar. — ele puxa uma folha emitida pelo departamento e a ergue. — Se você acha que pode ter uma vantagem, vai em frente.

Eu dou um aceno rápido. Eu sou tão transparente para o meu parceiro? Pelo menos ele apoia meu desejo de fazer o que for preciso para que Elizabeth volte. Agora que ele está com Elise, posso ver como ele veria isso como uma questão familiar.

Você cuida da família, não importa o que.

* * *

Vazio. Vazio. Vazio.

Toda vez que um detetive liga para me dizer que verificaram uma nova propriedade e está limpa, eu morro um pouco por dentro.

Onde eles estão?

Andando pelo corredor do hospital, o cheiro da perda e da miséria se espalham por minha volta. Maryann provou o que aprendi com Jade, e é que as mães têm mais força do que qualquer coisa que já conheci.

Como ela ainda pode se manter inteira e trabalhar, está além de mim, mas ela está cuidando de Kami em uma parte isolada, protegida pela polícia do hospital. Qualquer coisa para manter sua mente longe do desaparecimento de sua filha.

Benny fez isso com Kami, e embora Harris tenha alguma influência sobre ele, não foi suficiente para Benny soltá-la. Quando ele descobrir que ela se foi, ele pode vir buscá-la. Esse fodido não deixa pontas soltas.

Jade era uma ponta solta.

O meu coração aperta e eu afasto esse pensamento. Ele mudou para outra merda. Ela já não está em seu radar.

Assim espero.

No entanto, não importa. Não permitirei que ele machuque outra mulher. Nem Jade. Nem Elizabeth. Nem Kami. Não mesmo. Eu já me sinto sujo apenas em ajudá-lo. Na realidade, eu não estou ajudando ele, estou procurando Elizabeth, o que eu faria de qualquer maneira.

Esfregando minhas mãos pelo meu rosto, ignoro a agitação no meu estômago me dizendo que estou com fome. O tempo está passando, e por tudo o que sabemos é o que as estatísticas me dizem, o tempo para encontrá-la viva está acabando.

— Dillon? — Maryann chama gentilmente por trás de mim.

— Ei, — eu a cumprimento. — Eu vim ver se Kami está pronta para conversar.

Ela acena com a cabeça em confirmação e me conduz ao quarto dela. — Ela está com analgésicos pesados, então fale devagar e dê tempo para ela formular e transmitir uma resposta.

— Obrigado. Eu vou.

Ao abrir a porta, percebo que o quarto é grande e escuro, além de uma leve luz sobre a cama de Kami. Tubos correm em suas veias em seu braço, alimentando sua medicação. Ambos os pés estão engessados e elevados. O gesso também se estende do pulso para o cotovelo, e seu rosto é uma miríade de hematomas azuis e roxos. Quero perguntar

como ela está se sentindo, mas é uma pergunta boba e estúpida – uma que Jade odeia que lhe perguntem.

— Você está confortável? — eu opto por isso.

A água enche seus olhos, e ela faz um som estridente. Seus olhos se desviam para longe de mim, mas sua boca se abre. — Eu nunca pensei que ele poderia fazer isso comigo. Conosco, — ela engasga.

De quem ela está falando?

— Você pode me contar o que aconteceu?

Seu corpo treme. — Eu fui traída.

— Por Benjamin Stanton?

Seu nariz se enrugando e as lágrimas descem para suas bochechas. — Viktor, — ela sussurra, seus traços são pura dor, como se apenas dizer o nome dói fisicamente. Seu peito levanta com a força de seu sofrimento. — Viktor o escolheu. — ela parece tão quebrada, nada como a garota que eu vi pela primeira vez no The Vault.

— Quem é Viktor?

Seus olhos se arregalam com essa pergunta, e ela desenruga a testa. — Preciso de um telefone, — diz ela, tentando se sentar na cama.

— Não se mova. Você vai se machucar. Aqui, — eu digo, oferecendo meu celular. Ela para e olha para a porta.

Tudo bem, entendi.

Afastando-me do quarto e fechando a porta atrás de mim, aperto meu ouvido na madeira fina que nos separa para tentar ouvir qualquer conversa. Quando ela expira fortemente, eu a ouço claramente. Maryann se junta a mim por curiosidade, e ela também puxa sua cabeça para a porta. Há silêncio, depois palavras.

— Vlad, eto Klara. U Viktora nepriyatnosti. Em Poteryal svoy razum. Eto ne chelovek, eto monstr. Ele precisa de você.

— Isso é russo? — eu sussurro, e Maryann acena com a cabeça.

A conversa fica quieta. Maryann se afasta primeiro e corre para a enfermaria. Rapidamente rabisca algo, então me entrega.

Vlad, é Klara. Viktor está com problemas. Ele perdeu para outro. Um homem, um monstro.

— Eu falo russo, — ela anuncia, e o fato de que minha boca se encontra em choque a faz revirar os olhos de uma maneira que me faz lembrar de Elise.

— Eu falo cinco idiomas. É importante com todas as conferências médicas que tenho que participar em todo o mundo.

Então, quem diabos é Viktor? Deve ser Harris. Ele tem muitos nomes. Não tem sotaque. Porra. Por que tudo é tão enigmático e complicado?

Com um suspiro pesado, bato na porta antes de entrar.

— Kami, deixe-me ajudá-la e mantê-la segura. Você pode me dizer quem é Viktor? Posso protegê-la de Benjamin Stanton.

Ela me entrega meu celular e sorri fracamente. — Ele não será mais um problema.

— O que isso significa?

A raiva brilha em seus olhos, mas depois some, como se estivesse escondendo. — Estou cansada. Quero dormir.

Perfeito. Mais do que perfeito.

Deixando-a descansar, eu ligo para Reeves ao longo do caminho.

— Senhor? — ele atende no primeiro toque.

— Diga-me que você ainda está com Jacob. Se não, traga-o de volta. Preciso dele.

Eu desligo depois que ele confirma e descubro Maryann anotando informações em um arquivo médico quando eu me aproximo dela. — Eu preciso sair do hospital por um tempo.

Ela franze a testa. — Ok. Você tem alguma novidade sobre minha filha? — esperança, embora breve, cintila em seus olhos.

— Possivelmente, — eu minto. — Eu vou mandar Jade vir para cá. Somente você tem permissão para tratá-la.

— Claro. Vá encontrar minha garota e eu vou cuidar da sua.

* * *

Entrando na delegacia, o pessoal me pergunta sobre Jade e me dá os parabéns. Tanto quanto eu quero revelar o fato de eu ter um filho, não posso. Benny está novamente arruinando tudo para nós.

— Reeves, — eu chamo e ele corre para mim.

— Senhor, Jacob está na sala de interrogatório um.

Trouxe a nota que Harris deu a Josey. Eu tinha colocado em um saquinho quando tirei dela. — Preciso que você leve isso para o laboratório. Precisamos de dermatoglíficos. Quero as impressões digitais. Diga a eles que eu preciso disso rápido. É prioridade.

— Sim, senhor. Tô indo.

Fazendo o meu caminho para a sala de interrogatório um, abro a porta e sinto que Jacob me olha. — Eu quero que você faça sua coisa de hacking e procure fundo. Ache tudo que conseguir sobre Cassian Harris. Examine sua história com um pente fino. Toda a documentação que o torna um cidadão dos EUA. Examine tudo e procure inconsistências e informações falsas.

Aponto para o assento na minha mesa, e ele bufa para meu computador.

— Se você quiser que eu faça isso, eu vou precisar do meu equipamento, e eu precisarei ser pago por horas.

— Que tal eu simplesmente não te atirar de volta à cadeia?

— Se você quiser que eu faça um bom trabalho, então você precisa começar a adoçar o pote.

Filho da puta.

— Certo. Vou falar com o chefe do departamento e ver o que posso fazer. Enquanto isso, vou pedir Reeves para te levar até sua casa para pegar tudo o que você precisa. Mas isso é sensível ao tempo. O que significa que quanto mais rápido você conseguir esta informação, mais grato eu me sentiria.

Eu aceno com a cabeça e escrevo uma mensagem para Reeves com instruções. Meu celular toca depois que eu mando enviar.

— Sim?

— É Harris, — ele diz, sua voz fria. — Eu tenho algo. Preciso que você me encontre.

Eu. Não nós. — Onde está Benny?

— Ele está ocupado. Preciso de reforço. Você pode me encontrar ou não?

Não. Isso cheira a armadilha.

Quando eu não respondo, ele solta um suspiro alto. Uma fenda na armadura de outra forma impenetrável. — Ouça, isso é importante.

— Tudo bem, mas se isso é algum tipo de armad...

— Vou enviar uma mensagem com a localização, — ele me interrompe e depois desliga.

Eu olho para o celular querendo alcançá-lo e quebrar seu queixo. O endereço que ele envia é um que eu vi mais cedo. Verifico rapidamente o último lugar em nosso banco de dados, e com certeza, é uma das propriedades da família de Jessica. Eu confirmo com nossas equipes para ver se já foi verificado.

— Não, está na lista, senhor.

— Tudo bem, obrigado. — eu termino a ligação, e apesar do meu melhor julgamento, saio para me encontrar com Harris. Sozinho.

* * *

Assim que eu paro no estacionamento do motel em ruínas, percebo imediatamente que uma das portas está aberta no segundo andar e não há outros carros aqui. Minha frequência cardíaca aumenta quando saio do meu veículo e puxo minha arma. Eu subo para o andar de cima e me esgueiro para a sala. Está escuro e não ouço nenhuma voz ou respiração. Apenas pingos.

Pim.

Pim.

Pim.

Pego minha lanterna e ilumino a sala. Está suja e destruída, mas alguém esteve aqui recentemente. Sangue cobre o colchão e ainda parece molhado. Eu ando e inspeciono a bagunça. Definitivamente

fresco. No chão, em uma pilha, está um vestido de babados. Um vestido familiar. Porra.

Pego meu telefone e ligo para a estação. — Preciso de todas as unidades para o Crystalline Hotel, quarto 26. Traga o CSI aqui. A cena do crime está fresca. — eu ranjo meus dentes. — Um possível homicídio.

Uma vez que eu desligo, eu engulo minha emoção. Elizabeth não pode estar morta. Claro, há a porra de um sangue, mas ela é uma lutadora. Eu vou encontrá-la e levá-la para casa.

Meu telefone toca e eu atendo no primeiro toque. — O quê?

Uma risada. Fria e vazia. — Detetive Scott.

— Cassian Harris.

— Os planos mudaram, — ele diz.

Sinto vontade de vomitar. Eu não deveria ter bebido tanto café amargo no hospital. — Eu vim aqui como você pediu, idiota. De quem é o sangue? — eu pergunto, irritado.

Ele ri. — Eu cheguei nela primeiro.

— Elizabeth. — eu endureço e solto um grunhido. — Ela está viva?

— Mais ou menos. Tanto sangue, detetive.

— Eu vou buscá-la, — eu grito. — Ela precisa de atenção médica.

— Eu preciso de algo de você primeiro, — ele diz, sua voz suave e não afetada. Não é de admirar que ele e Benny se dão tão bem. Ambos vieram da mesma lixeira.

— Eu não negocio com loucos. Já te ajudei uma vez. Ajudei Kami. — eu não falo a ele o quanto ela poderia ter me ajudado a descobrir quem é o Harris real.

— Preciso de uma lista de todas as propriedades que a família de Jessica Johnson possui. Agora, — ele ladra, seu personagem tranquilo deslizando sobre a menção do nome de Kami.

— Já tem uma equipe vasculhando, idiota, — eu grunho. — Que merda você acha que eu estava fazendo? E se você tem Elizabeth, o que importa?

Eu ouço um choramingo em segundo plano. Choro. Droga.

— D-Dillon, — Elizabeth chora, sua voz tremida. — M-me ajuda.

— Shhh, — eu sussurro, meu coração martelando no meu peito.
— Eu vou te buscar, querida. Agente firme. Você pode me dizer onde você está?

Um grito ensurdecador me assombra.

— DEIXE ELA EM PAZ! — eu grito.

— Traga-me Jessica Johnson. Viva.

— Essa é uma fodida vingança? — eu rujo.

— Ela tem algo meu, — ele avisa. — E eu quero de volta. Você vai me ajudar a conseguir.

A lanterna na minha mão ilumina o espelho, a palavra ‘vingança’ pintada em sangue. Há mais nessa história que eu não sei.

— Eu vou te ajudar, — eu digo a ele, minha voz fria. — Deixe-me falar com ela. — no momento em que ela volta à linha, eu tento acalmá-la. — Eu vou te buscar, querida. Apenas agente firme.

Eu corro da sala e desço as escadas para aguardar as unidades. Eu preciso voltar para o meu carro, então eu posso tentar colocar um rastreamento nesta ligação. Estou quase na porta quando algo aperta forte nas minhas costas.

— Ajude-me, — Elizabeth diz ao telefone. — Por favor, Dillon. Eu preciso de você.

— Continue andando, — Harris rosna atrás de mim.

Porra!

Se ele está aqui, Elizabeth está perto. Com o telefone ainda pressionado no meu ouvido, eu o deixo me levar pelo lado do prédio. Quando meus olhos encontram Elizabeth, ar é expulso do meu peito. Mas no momento em que eu realmente dou uma boa olhada nela, de repente não consigo respirar.

Ela está vestida como a porra de uma boneca.

Muito cabelo e maquiagem.

Nada de lágrimas. Nem de angústia.

Uma cúmplice do caralho.

Harris arranca as algemas do meu cinto e joga para Elizabeth.

— Coloque nele, boneca.

Ela sorri e se aproxima, seu vestido sopra no vento. Estou tão atordoado que não tenho palavras. A arma de Harris vai destruir minha espinha se eu lutar contra ele e ele atirar. Porra.

— Desculpe, D, — diz ela suavemente, — mas realmente precisamos da sua ajuda, e isso é apenas por precaução. Viktor diz que você não gosta dele, — ela sussurra para apenas eu ouvir, e meu cérebro quase explode ao ouvir ela chamá-lo com esse nome. Então Viktor é o seu nome real? Não há nenhum sotaque russo em sua fala. Talvez ele tenha sido criado aqui.

As algemas se fecham e as minhas mãos agora estão atrás de mim. Ela pega o telefone e desliga diante de mim com tristeza. Seus lábios se juntam em um bico. — Ela está com ele.

— Benny? — eu pergunto, meu tom incrédulo.

— Nós temos que salvá-lo, — ela diz, seus olhos se enchem de lágrimas.

Harris me guia para um SUV e abre a porta. Ele me empurra para dentro e acerta meu crânio com sua arma. O filho da puta parece limpo e composto em um terno chique que Marcus adoraria. Não há um maldito cabelo fora do lugar. — Cachorro bonzinho, — diz Harris, seu sorriso de lobo. — Você faz como mando e tudo fica bem, minha família por sua família.

Pisco em horror quando ele enrola um braço ao redor de Elizabeth e a puxa para o lado dele. Ele beija o topo da sua cabeça e ela sorri para mim.

— Eu realmente não quero que nada aconteça com Jade e as crianças, — diz ela suavemente. — Isso não é sobre elas, eu prometo. Mas você precisa nos ajudar, então todos podemos ser felizes. — ela morde no lábio inferior e franze a testa. — Não estrague isso, Dillon. Não vou suportar se algo acontecer com eles.

Jade. Meus filhos.

Uma ameaça.

— O que diabos você quer? — exijo. — Não vou ajudar você a encontrar esse monstro.

— Eu quero Kami de volta. Onde está ela? — Harris ladra.

Eu não estava esperando isso. — Ela está ferida. Ela não pode ir a lugar algum com você.

Ele rosna. — Eu tenho pessoas que podem cuidar dela.

— E quanto a Benny? — eu provoco. — Ele não parece gostar muito dela.

— Não se preocupe com eles, — ele me diz, sua voz calculista e calma. — Preocupe-se com sua própria família.

Porra.

Porra.

Porra.

— Pense nisso, — ele acrescenta.

Então fecha a porta.

Porra.

Capítulo quinze

Dividido

ELIZABETH

Viktor acabou colocando Dillon no banco de trás, e Dillon ficou quieto desde então, o que me deixa nervosa. Ele contou a localização de Kami, revelando que ela estava de fato no hospital, apenas em uma parte diferente, cercada por oficiais armados. Dillon deixou claro que não conseguiremos buscá-la, mas então ele ficou silencioso.

Enquanto dirigimos silenciosamente, não posso deixar de notar quanta dor eu sinto. Meu peito dói por causa dos cortes, mas o que é o mais profundo está dentro. Benny foi com a maluca por mim.

Ele me ama.

Quando sinto os olhos de Viktor em mim, olho para ele debaixo dos meus cílios. Ele é bonito. Algo como Benny, mas diferente. Talvez mais assustador de algumas maneiras, mas mais refinado. Como se ele tivesse tido anos de prática de esconder seus monstros, enquanto Benny vagava livremente.

Eu não deveria confiar nele, mas eu confio.

Seus olhos não mentem.

As chamas âmbar queimam sempre que eu menciono Benny. Amor e admiração e necessidade. Isso me deixa curiosa. Quero me arrastar em seu colo e olhar para seus olhos - lhe fazer perguntas sobre o meu amante indescritível. Se alguém conhece Benny, é Viktor. Eles são tão próximos, eu posso sentir isso em meus ossos.

— Por que ela o quer? — de repente eu pergunto. Ela disse vingança, mas não falou mais nada.

— Ela é amarga, — diz Viktor. — Benjamin se recusou a andar de skate com ela.

— Então Jessica Johnson está com Benny porque ele não quis andar de skate com ela? — Dillon decide falar, sua pergunta com um tom incrédulo.

— Sim. Tenho cara de quem está brincando? — Viktor responde.

Eu me arrepio com seu tom áspero.

— E ela mencionou o skate, ou ele? — pergunta Dillon.

— Ela mencionou isso, — responde Viktor. — Por quê?

Olho de volta para Dillon. Seus olhos se estreitam. — Porque deve ter mais significado.

Viktor aperta o volante e um músculo em seu pescoço treme. — Ela o culpa pelo que Stanton fez com ela depois que ele foi embora. Ele a pegou e a estuprou.

Como uma partida de tênis, meu olhar volta para Dillon.

Dillon arregala os olhos. — Eu nunca imaginei isso, mas não estou surpreso. Esse filho da puta machucou muitas mulheres... — ele para quando ele percebe que ele está falando sobre meu pai. Depois de limpar a garganta, ele anuncia: — Há uma propriedade que ela comprou depois de receber a herança.

Viktor vira a cabeça para trás com tanta violência que tenho medo que ele acerte alguém na estrada. — O quê?

Dillon balançou a cabeça.

Viktor bate no freio e pega o telefone. Inclino-me para ver enquanto ele vasculha alguns endereços que um homem chamado Luke enviou, encontrando aquele que diz ‘Ace Roller Shack’ e destacando-o.

— Filho da puta. A maldita cabana, — ele suspira com incredulidade. — Ela comprou isso. — ele sorri para mim de um jeito que faz minhas coxas se apertarem. — Ela deve tê-lo levado para lá. — sua mão grande alcança, pegando meus dedos nos dele. — Nós vamos buscá-lo. E vamos acabar com ela.

Meu coração dá um salto mortal.

— Mal posso esperar.

Capítulo dezesseis

Espiral

VIKTOR

Eu paro no prédio que precisa desesperadamente de reparo. Ou um fósforo. É um inferno pausado no final dos anos oitenta ou início dos anos noventa. Há um carro aqui. Não dela, mas de alguém.

— Eu quero que você espere aqui, — eu digo a nossa boneca.

— Não, — ela imediatamente ladra em resposta antes de abrir a porta do carro.

Boneca má.

Pego sua mão para impedir a fuga, curtindo a maneira como a energia parece pulsar entre nós. Seus olhos vão para mim e ela franze a testa enquanto ela inspeciona o prédio através do para-brisa.

— Mas você sabe o quê? Está muito silencioso, — ela murmura. — E se ela o matou?

Puxo-a para o meu lado consolando-a e a abraço, ignorando os grunhidos desgostosos vindos do banco de trás. — Benny não está morto, — asseguro a ela que eu inspiro seu doce aroma. — Eu posso sentir isso. Você não sente isso?

— Esta é uma besteira psicótica, — Dillon murmura em voz baixa.

Elizabeth balança a cabeça e solta um suspiro de alívio. Ela ergue a cabeça para me olhar, seus lábios cheios e beijáveis se separaram. Eu quero chupar essa boca. — Você está certo.

— Tudo bem, você pode vir comigo, — concedo quando saio do carro, nunca desprendendo meu olhar de suas feições. Seus olhos se iluminam e ela sorri para mim, brilhante o suficiente para iluminar o estacionamento escuro. Eu olho para ela antes de abrir a porta de trás. Dillon se move para mim e eu sorrio para ele. — Você espera aqui. — eu

toco a minha arma contra sua testa, forte o suficiente para derrubar seu grande traseiro, e aproveitar o prazer quando ele cai contra o assento.

Mantendo a minha arma apontada e a nossa boneca escondida atrás de mim, me arrasto para o prédio, tentando as portas. Nenhuma abre e eu estou me debatendo sobre esmagar uma janela quando ela puxa minha manga. Eu observo com interesse enquanto ela tira algo de seu cabelo e o enfia na fechadura da porta. — Eu vi isso no YouTube uma vez. — ela sorri, mexendo na tranca. Ora, ora. Ela é perfeita. A boca dela se abre com admiração quando ela tenta a maçaneta e ela abre.

Há um silêncio esticado diante de nós no interior, antes que um som alto surgir.

Porra.

Espero não estarmos muito atrasados.

Correndo, meus pés me carregam em direção ao som. Há um conjunto de portas duplas abertas e levando para o que se parece com o armazém na parte de trás da pista de skate. O corpo de Elizabeth colide em minhas costas quando eu paro de repente.

Benjamin está deitado no chão, o pé em um ângulo estranho, a corda mantendo seu tornozelo ligado a uma mesa de bilhar, seu corpo mole.

Ele está nu e sangrando. Há feridas abertas.

Correndo paro seu lado, eu procuro por pulso. Está lá e estável.

Obrigado, Deus.

— Desamarre o pé dele, — eu ordeno, e ela obedece, puxando a corda.

— Tudo bem, — ela sussurra. — Estamos aqui. Nós estamos com você.

Ao liberá-lo, Elizabeth cai ao meu lado e estuda os cortes na carne.

— Essa prostituta, — ela suspira.

É então que eu percebo que Jessica está aqui em algum lugar. Um som de gemido ecoa atrás de nós, e Elizabeth e eu nos levantamos para procurar a quem pertence.

Jessica está esparramada entre as caixas. Uma das caixas se abriu e skates se espalharam no chão ao redor dela. Ela também está nua, e há sinais de relações sexuais espalhadas sobre suas coxas abertas.

— Ela o estuprou, — eu ressoo.

Os olhos de Elizabeth se arregalam e vão para os meus. Um som de lamentação escapa dela, quase ensurdecedor. O corpo dela treme, correndo em direção a Jessica. Eu começo ir atrás dela, mas paro quando ela pega um skate e se inclina para Jessica.

Smash!

Smash!

Smash!

Eu observo com satisfação doentia enquanto Elizabeth esmaga o rosto de Jessica com as quatro rodas do skate. Ossos quebram. Gemidos de dor escapam da vítima da nossa boneca. Sangue é pulverizado.

— Sua puta! — ela grita quando um spray de sangue explode ao redor dela. Inclino-me para descobrir que o rosto de Jessica não é mais reconhecível. Apenas um buraco em seu crânio de carne e ossos e sangue.

Smash!

Smash!

Smash!

Agarrando Elizabeth por trás, a arrasto com relutância do corpo de Jessica. A beleza vermelha decora cada centímetro de sua pele e roupas. Ela é magnífica, e estou desconcertado por essa intensa necessidade de reivindicá-la. Eu quero rasgar sua calcinha e afundar meu pau dentro dela enquanto eu beijo sua boca ensanguentada.

— Benjamin precisa de nós, — eu digo a ela quando ela olha para mim, o mesmo fogo em meus olhos brilhando em seu olhar.

O meu pau lateja quando eu me pergunto se ela está imaginando um cenário semelhante.

Seu corpo tenso relaxa e ela assente com a cabeça. — Ok.

Eu a ajudo e depois levanto Benjamin pelo ombro. Nossa bonita boneca sangrenta vai para saída do prédio, o skate ainda estava preso na mão, como se ela precisasse usar novamente. Antes de sairmos, agarro seu pulso e a forço a soltar o skate. Cai em uma caixa vazia. Vou mandar homens para queimar essa merda até o chão, incluindo a arma do crime.

— Tire Dillon de lá, — eu instruo quando nos aproximamos do veículo lá fora.

Ela abre a porta do carro e começa a arrastar a bunda ainda desmaiada de Dillon para o chão. O peito dela se levanta e cai com o esforço, os suspiros escapando enquanto ela luta. Ele finalmente cai no asfalto, e ela se aproxima de mim.

Eu deveria matá-lo, mas sirenes soam à distância, o que significa que precisamos ir.

Sua família pela minha. Certamente ele não esquecerá minha ameaça.

Ela sobe no banco de trás e acena para seu colo. — Aqui, deixe-me segurá-lo. — seus olhos estão cheios de amor e força, mesmo se parecendo com algo saído de um pesadelo com pedaços de carne e sangue cobrindo seu rosto bonito de porcelana. Inclinando-me, coloco-o no banco de trás, e ela puxa a cabeça dele para suas coxas, acariciando seus dedos pegajosos através dos cabelos dele enquanto ela canta uma canção.

‘A senhorita Polly tinha uma boneca que estava doente, doente, doente.

Então ela telefonou para o médico para ser rápido, rápido, rápido.

O doutor veio com seu paletó e chapéu,

E bateu à porta como um toc-toc-toc’.

Ele olhou para a bonequinha e ele balançou a cabeça

E ele disse: — Senhorita Polly, coloque-a na cama!

Ele prescreveu em um papel uma pílula, pílula, pílula

— Estarei de volta pela manhã sim, vou, vou, vou.

Que bela visão, meu monstro e sua boneca, juntos. Eles são meus e eu sou deles. Apanhando a porta caída da pista de skate, tiro um isqueiro do bolso e seguro-o em uma das caixas empoeiradas perto da porta. Não há tempo para chamar meus homens para limpar a cena. Isso terá que servir.

As chamas que derramam da entrada são uma bela visão enquanto eu as observo no meu espelho retrovisor.

É hora de levar minha família para casa.

Capítulo dezessete

Explosão

BENNY

Ela está em cima de mim, sua buceta nojenta tomando o que não pertence a ela. Minha pele queima e grita em protesto contra o movimento, mas preciso tirá-la de mim.

Matá-la.

Terminar isso.

Uma raiva corre através de mim, me dando força. Com um rugido, o quarto gira e parece se expandir.

Ela não está em cima de mim. Eu não estou naquele lugar. O rosto precioso de Bethany substitui Jess.

— Oh, você está acordado, — ela grita. — Viktor já vem.

Minha cabeça flutua e eu quero segurá-la, puxá-la contra mim, mas ela recua. Por quê?

Viktor aparece ao lado dela e ele suspira. — É um alívio ver esses olhos maus, Monstro. — ele sorri, pegando a mão de Bethany na dele e apertando. Eu não deixo de ver a maneira como ela se aproxima dele como se ele fosse o poderoso rei do mundo dela. Ele tem esse efeito sobre as pessoas. E, normalmente, eu posso me enfurecer por essa visão. Mas vendo os dois - duas pessoas com as quais estou completamente obcecado - agarrando-se enquanto se preocupam comigo, nunca fui mais feliz.

— Venha aqui, — ordeno a Bethany.

Ela abaixa mansamente, e os olhos de Viktor a acompanha, e se arrasta sobre a cama, vindo para descansar ao meu lado.

— Você está muito ferido, mas vai se curar e descansar, — Viktor me informa, seus olhos brilhando entre Bethany e eu. Ele me salvou. Eu

sabia que ele iria me salvar. Avanço e pego a mão dele, puxando-o para se sentar. Apertando os dois, respiro mais fácil, um alívio corre através de mim.

Estamos bem.

Estamos bem.

Estamos bem.

— E Jessica? — pergunto.

Viktor sorri maliciosamente e olha para Bethany. — Ela conheceu seu fim pela mão de sua boneca bonita. — seus olhos âmbar brilham com orgulho, ou é algo mais? Desejo, talvez. Um gosto agridoce enche minha boca. O pensamento dos dois nus, à minha mercê, deixa meu pau duro com necessidade. — Foi poético e fascinante testemunhar, — diz ele, sua voz reverente.

Fico feliz que Jess esteja morta. Mas teria sido bom participar do seu sofrimento. Minha boneca tirou uma vida, e eu nem estava consciente para testemunhar isso.

Viktor fala como se ele pudesse ler os pensamentos em minha mente. — Eu descreverei para você mais tarde, Monstro. Cada detalhe sangrento. — meu coração martela no meu peito. Estou ansioso para ouvir isso novamente.

— Por quanto tempo eu apaguei? — pergunto, observando todas as ataduras que me cobrem e as do peito de Bethany.

— Apenas um dia, mas seu tornozelo está torcido e você perdeu muito sangue. Você precisa descansar, — diz Viktor, quase como se estivesse tentando me acalmar.

— Mostre-me suas feridas, — eu exijo a Bethany.

Ela se ajoelha e tira o ombro do vestido pelos braços. Ele para ao redor de sua cintura e seus seios aparecem em toda sua perfeita glória.guardo o desejo de cobri-la e pedir para que Viktor saia, mas não. Meu coração troveja como um furacão tocando nas minhas veias.

A ideia de ele vê-la, mas não ser capaz de tocá-la - saber que ela está dentro da distância, mas ele deve permanecer onde está e apenas observar enquanto eu admiro minha boneca - é excitante. Eu quero apertar seus seios enquanto ele acaricia meu pau. Jess aparece em minha mente, tocando-me de uma maneira que invadiu meu prazer, e

eu viro meus olhos dos peitos de Bethany para os olhos de Viktor. Seu olhar é apenas para mim, necessidade em seus olhos.

— Eu fiz o médico tirar sangue e examinar, — ele diz, sua voz calma. — Toda a minha equipe faz avaliações médicas a cada três meses, como você sabe. Não posso arriscar nada se espalhando no clube. O dela estava limpo, e duvido que algo tenha mudado desde o último teste.

Não sei por que estou até mesmo pensando nessa merda. Eu compartilhei fluidos com muitas pessoas e nadei no sangue deles. Nunca passou na minha mente até...

— É porque você tem motivos para se preocupar agora, — ele responde a pergunta que eu estava me fazendo, mais uma vez, estando mais dentro da minha cabeça do que eu.

Exaustão corre sobre mim e minhas pálpebras vibram como se chumbo estivesse sendo derramado sobre os cílios, arrastando-os para baixo.

— Está bem. Durma agora. Descanse. — suas palavras passam por mim e eu sinto o peso dele e de Bethany deixando a cama.

Capítulo dezoito

Quebrado

DILLON

Acordar no concreto do lado de fora da pista de skate parcialmente queimada com um novato de uniforme elegante me perguntando por que estava cochilando no trabalho está entrando na lista de razões do porque quero acabar com Harris para o resto de sua vida miserável. Levantando-me para ver a bagunça que ele deixou além do fogo, sua tentativa de começar a se livrar da evidência também está indo para lista de ‘vá se foder’ que o filho da puta vai receber de mim quando eu tiver as impressões digitais sobre a arma do crime.

Um skate.

Eu pensei ter visto tudo com Benny, mas não, este novo filho da puta é tão fodido quanto, se não mais. Pelo menos Benny é louco pelo lado de fora. Harris usa uma máscara de legal e intocável, mas estou chegando perto e eu vou derrubá-lo.

Jacob descobriu tudo o que eu já sabia. Cassian Harris tem cidadania forjada. Na verdade, ele forjou tudo. Ele não existe, e o mínimo que eu posso conseguir agora é a fraude. Se ele tiver Benny de volta com ele, eu também o levarei, e colocarei os dois nos lugares onde eles pertencem. Então, eu posso conseguir à Elizabeth a ajuda que ela precisa.

— Reeves, — eu chamo.

— Sim, senhor?

— Consiga este mandado para o juiz Morgan e me ligue assim que estiver pronto.

— Sim, senhor.

Tudo o que resta para fazer agora é descobrir quem é realmente Harris. Muito trabalho aconteceu para torná-lo alguém novo. Um Viktor russo é tudo o que tenho.

Surrupindo a caixa de rosquinhas da mesa de Reeves, faço o meu caminho de volta ao hospital.

* * *

Jade está de pé quando chego, e aquece minha alma vê-la tão bem. O sangue dela no chão da estação foi assustador pra caralho e me tirou anos de vida.

— Onde estão Marcus e Elise? — eu pergunto, a ira flutuando através de mim quando percebo que eles não estão aqui vigiando ela.

— Olá para você também, — ela responde, baixando a jarra de água que ela estava colocando em um copo e se virando para a cama para se enrolar em meus braços.

Eu beijo sua linda boca.

— Mmmm, você trouxe doce? — ela pega a caixa de rosquinhas e, em seguida, faz beicinho quando abre e encontra apenas um par com geleia.

— Baby, — eu rosno com irritação. — Sério, onde estão Marcus e Elise? Eu disse a eles que não deixassem o hospital.

Ela inspeciona minha aparência e me cheira. — Elise queria trocar de roupa e tomar um banho rápido, então ela foi buscar coisas limpas. Quando foi a última vez que *você* tomou banho?

— E Marcus? — exijo, ignorando sua pergunta. Já disquei o número de Elise. Ouço um toque e o celular de Elise se acende do sofá.

Porra.

— Marcus recebeu uma ligação e saiu, — diz ela, franzindo a testa. — Ele disse que voltaria logo. Está tudo bem?

— Há quanto tempo? — exijo.

Ela colocou uma mão sobre seu coração, seu rosto pálido. — O que diabos está acontecendo, Dillon?

Meu celular se acende, e eu reconheço como o número que Harris me ligou ontem. — Eu tenho que atender isso. Não quero que você deixe este quarto, Jade. Prometa-me, não importa o que.

Mason começa a se mexer do berço. Meu coração dói para puxá-lo em meus braços e acalmá-lo. Infelizmente, tenho uma merda maior para lidar.

— Você está me assustando, — ela diz enquanto o pega e o aconchega contra seu peito.

— Eu sei. Sinto muito, baby, — respondo suavemente, pressionando um beijo rápido em sua testa, depois na cabeça cabeluda do meu filho. — Promete?

Ela engole e assente com a cabeça. — Eu prometo.

Saindo do quarto, atendo com um grunhido. — Seu filho da puta. Seu tempo está contato, Harris, ou o que quer que seja seu nome. Assassinato, você não pode se livrar disso.

Seu riso alto envia arrepios pela minha coluna. Esse filho da puta é assustador por causa da sua insanidade.

— Eu tenho a arma do crime, — eu digo. — Você fodeu quando você o deixou lá, provavelmente com pressa para tirar Benny de lá.

Ele faz um som de desaprovação. — Eu acho que adivinhar é onde você costuma errar, Detetive, e eu uso esse termo vagamente ao me referir a você. Não são *minhas* impressões digitais que você vai tirar do skate.

O quê?

Benny?

— Então, outro corpo para adicionar à contagem de Benny. Bem, eu vou acabar com vocês dois, então fiquem preparados.

Ele ri mais uma vez. — Eu sempre estou pronto, e Benny não estava em estado para deixar suas impressões sobre a arma do crime, e muito menos usá-lo. — seu tom é sombrio e mortal.

Eu acabo por chegar ao estacionamento do lado de fora do hospital, minha frustração atingindo um nível máximo histórico. — Pare de jogar. Tem que ser um de vocês.

— Você esteve lá, detetive. Você consegue a melhor resposta por processo de eliminação. O que eles te ensinam na escola de polícia de qualquer maneira?

Minha mente corre. — Havia apenas você, eu e Elizabeth...

— Ding. Ding. Ding, — ele sussurra. — Nós temos um vencedor.

Não.

— Você está mentindo. Ela não podia. — eu vi o corpo. O rosto fodido. Ossos esmagados. Era pouco reconhecível. Elizabeth não possui essa força. Ou esse nível de loucura.

— Oh, mas ela poderia, e ela fez. Era a perfeição, Dillon. Você deveria ter visto os olhos dela se inflamarem e a pura exaltação em seu rosto enquanto ela esmagava e quebrava aquela desgraçada. O monstro dentro dela foi batizado com seu primeiro gostinho por sangue.

Jesus Cristo!

Eu quero jogar longe meu telefone e deixá-lo se quebrar um milhão de pedaços. Eu a perdi. Ela se foi. Ela é um deles.

— Eu vou acabar com você, — eu ameaço, minha voz quase um sussurro.

— Bem, até lá, — diz ele, — vou precisar de sua ajuda.

Uma risada sai do meu peito. Este idiota é mais louco do que pensava se acha que eu faria qualquer coisa por ele.

— Eu tenho alguém na minha folha de pagamento que pode visitar sua mulher, Dillon. Alguém que pode lhe injetar um remédio que, ao invés de curar, mata.

— Ameaça é tudo o que você faz, filho da puta, mas ninguém vai chegar até ela.

— Marcus é uma excelente opção. Quão próximos vocês são? Tão próximos como Benjamin e eu? Como irmãos?

Meu estômago se aperta.

— Você está mentindo, — eu rosno.

— O que você quer que eu faça para provar que você está errado? Que tal eu lhe der marcas de bala pra combinar?

— Não faça isso, Dillon, — grita Marcus no fundo. Minha cabeça está prestes a explodir em chamas. Harris o pegou. Ele pegou meu fodido parceiro.

Isso precisa acabar.

— O que você quer?

— Eu quero que você me encontre. Há um beco à esquerda do Union Bank, a dez minutos do hospital. Encontre-me lá. Dez minutos é tudo o que você tem. Foda comigo tentando trazer apoio e sangrarei Marcus e farei de sua família a minha única missão na vida.

Ele desliga e começo a correr até o local perto do hospital. Eu estou ofegante e sem fôlego ao virar a esquina, mas puxo minha Glock, pronto para tirar nele, se necessário.

Elizabeth está ao lado de Harris, seus braços casualmente abraçando sua cintura, como se ele fosse sua pessoa preferida em todo o mundo. Ela é pequena e frágil em comparação com o monstro em um terno de três peças.

— Onde diabos ele está? — exijo.

— Ele está a salvo com Benjamin.

Você deve estar brincando comigo.

Isso significa que ele está perto, no entanto. No tempo que levei para correr até aqui, ele e Elizabeth dirigiram de onde quer que deixaram Marcus com Benny. A esperança não está perdida.

— Você tem a minha palavra de que ele será liberado, — ele responde, sua mandíbula apertando. — Assim que eu tiver Kami.

Kami novamente.

Não posso lhe dar a ele.

— Eu vou buscá-la com ou sem sua ajuda, — ele diz, sua máscara de frieza desaparece quando a raiva assume. — Sem isso, muitas pessoas morrem, incluindo sua esposa e seu bebê.

Estou me perguntando o quão rápido eu posso acertar um tiro e matar esse filho da puta. — Por que Kami é tão importante para você? — exijo, com a esperança de distraí-lo dos pensamentos de assassinar minha família.

Elizabeth olhou para ele com a minha pergunta, suas bochechas ficando rosa.

— Você vai ajudar ou não? — ele reage, ignorando-me completamente.

— Vou.

Ele pede para eu entregar minha arma. Eu jogo em sua mão, e ele pisca. — Vá, querida. — então, ele faz um ruído alto. — Eles chamam de banhos, detetive. Você deve considerar tomar um.

Como eu continuo acabando na parte de trás de seu carro é irritante, e Marcus ser pego de novo, vai levar um chute meu depois que eu o pegar de volta.

— Marcus foi fácil de atrair, — Harris murmura, como se ele estivesse dentro da minha cabeça. — Ele tem uma queda por Elise. Eu não vejo o porquê.

— Porque você prefere seus parceiros um pouco mais insanos, — eu rosno.

— Não, Detetive, um pouco mais espontâneos. — ele olha para Elizabeth, e ela morde o lábio.

Eu odeio esse cara.

Ele bate a minha arma no meu crânio, e eu sou forçado a cair em uma soneca tão necessária.

Capítulo dezenove

Desmoronou

VIKTOR

Foi um alívio ver aqueles olhos escuros do meu monstro olhando para minha alma. Todas as palavras que ele queria dizer foram transmitidas ali para ler em seu toque e olhar.

Ele percebe agora que estamos juntos.

Preciso recuperar Kami e impedir o sangramento de todo o meu mundo. Se Dillon descobrir quem eu sou e qualquer um deles achar meu pai, ele também sentirá a necessidade de fazer algum controle de danos. Eu absolutamente não quero que meu pai limpe outra das bagunças da minha vida.

Minha mente volta para minha boneca, então meu monstro.

Ambos são perfeitos em todos os sentidos.

Não posso viver sem eles, e eu me recuso. Fui condenado e mandado embora quando meu pai soube quem eu era. Ele me despojou do meu nome e me disse que o mundo - seu mundo - acreditaria que eu tinha morrido no The V Games. Que a morte de Niko se tornaria minha própria. Que aconteceu tão perto do final que não foi visto pelos espectadores.

Vlad insistiu, porém, que eu fosse enviado para a América, como eu sempre sonhei, e me deu dinheiro para eu ir. Ele me disse para construir meu próprio império e mostrar ao nosso pai que ele cometeu um erro. Que, quando meu reino fosse grande o suficiente, o Pai me invocaria para me juntar à nossa família.

Sinto falta da minha família, mas agora tenho uma nova, e eles são o que eu preciso.

Enquanto dirigimos com nosso prisioneiro no reboque, penso em quando recebi uma mensagem.

Luke: A câmera que você instalou na casa de Stanton quando fui buscar roupas ligou. Elise está em casa.

Eu queria que ele me conseguisse o número de celular de Marcus James. O policial era fácil de atrair, e sua boca se abriu e disse tudo o que queria saber. Ele realmente ama Elise e não tem a menor ideia de que na verdade não a raptei ou que ela saiu da casa dela. A ameaça de que eu pudesse a pegar era suficiente para ele vir correndo.

Elizabeth aperta minha mão no console do veículo. Eu puxo no meu colo contra o meu pau que não pareceu amolecer agora que eu tenho ela e Benjamin. Um suspiro suave escapa dela, mas ela não se afasta. Minha mente volta para mais cedo quando viemos para Dillon.

— Então, minha mãe está cuidando de Kami e Jade, — Elizabeth suspira.

— Por que você está aqui com ele? — Marcus cospe. — Ficamos loucos procurando por você. Elise está louca de preocupação.

Elizabeth rolou os olhos para a indignação de Marcus. — Minha querida irmã só se preocupa com ela, confie em mim. Você descobrirá do jeito mais difícil. Todos nós descobrimos.

— Você é louca, assim como seu pai, — ele lamenta.

Eu coloco uma fita sobre sua boca para ele se calar.

— Você não é nada como ele, — asseguro, agarrando seu queixo em minhas mãos e oferecendo um beijo casto em seus lábios. — Você é como o Monstro. — eu gesticulo para sua forma dormindo, uma fera em paz. — Perfeito em todos os sentidos.

Seu rosto fica rosa e ela bate seus cílios quando ela olha para mim, paralisada.

— Eu posso ajudá-lo, — ela murmura. — Distrair minha mãe enquanto você pega Kami.

— Tá vendo, perfeito. — eu repito. — Vamos fazer isso.

Elizabeth aperta minha mão de novo, e eu arrasto minha mente dos meus pensamentos, lançando uma olhada nela. Seu lábio inferior grosso está preso entre seus dentes enquanto ela esfrega as coxas.

Eu vou morder essa boneca logo, logo.

E meu monstro aprenderá a estar bem com isso.

Capítulo vinte

Separado

ELIZABETH

— Estou assustada, — admito, minha voz irregular. Estou morrendo de fome e cansada e triste. Kami mudará as coisas para nós? Estou gostando da presença de Viktor.

Viktor solta minha mão para apertar minha coxa logo abaixo da bainha do meu vestido. Em breve, iremos voltar ao hospital. Uma necessidade corre por mim. Eu me retorço ao seu toque, não tendo certeza se eu quero ou não, mas ele não afasta a mão. Em vez disso, ele começa a acariciar minha carne. Isso me amolece e me confunde. Eu pertencço a Benny, mas aqui estou querendo abrir minhas pernas para deixá-lo me tocar.

Uma vergonha corre através de mim.

— Ele se sentiu do mesmo jeito, — murmura Viktor, a ponta dos dedos passando pela costura da minha calcinha debaixo do meu vestido. — Ele só tinha olhos para você. Mas ele sabia no fundo que havia algo entre nós. Ele odiava Kami porque ela tinha o que ele queria.

Lágrimas molham meus olhos, e solto um som sufocado. — Você... ela tinha você?

— Sim, — ele diz suavemente enquanto seu dedo mergulha abaixo do tecido e toca o lábio da minha buceta, fazendo-me gemer. — Benny e eu, estamos...

Estamos o quê?

Juntos?

A traição passa através de mim, mas meus olhos se abrem. Viktor está provocando meu clitóris e imagens dele e Benny nus, rolando em sua cama, me faz ofegar. Eu cheirei sexo no ar quando ele me levou para sua casa. No fundo, eu sabia o que tinham feito. Mas quem fodeu

quem? Benny pegou Viktor e tomou na bunda? Minha buceta apertada com esse pensamento.

O carro de repente para quando ele estaciona em uma garagem em maior parte vazia. — Onde isso me deixa? — eu engasgo, tristeza saturando meu peito e me afogando. Se eles não me querem, o que vou fazer?

— Venha aqui, — grita Viktor. Ele desliza a mão da minha calcinha antes de me arrastar para o seu colo para sentar sobre ele. Eu gemo por sentir sua dureza pressionada contra mim. Ele acaricia minha garganta com a mão antes de inclinar minha cabeça para que ele possa me olhar. — Benny e eu temos algo impenetrável. Sólido. Poderoso.

Eu explodo em lágrimas. Eu posso ver a verdade em seus olhos. — E o que nós temos, ele e eu? E você e eu? Aonde isso vai me deixar?

Seus lábios quentes pressionam os meus enquanto as palmas das suas mãos deslizam para a minha bunda. Ele usa meu corpo para esfregar o comprimento dele através de suas calças. O prazer corre através de mim.

— Isso deixa você bem no meio, — ele respira contra minha boca. — Benny ama você, e eu o amo. Nós somos uma família agora.

Suas palavras parecem muito boas para ser verdade.

— E quanto a Kami? Ela também era sua família? — Dillon grita de trás. Alguém acordou.

Viktor endurece e se afasta da minha boca. A perda me traz um vazio. Quero seus lábios de volta aos meus. Tranquilizando-me. Dizendo-me promessas que parecem muito boas para ser verdade.

— Kami não tem nada a ver com isso, — Viktor afirma, apontando o dedo entre nós dois. Mas então ele está calmo novamente enquanto suas mãos deslizam sob meu vestido. Ele move uma mão na minha frente e empurra minha calcinha para o lado. No momento em que seu dedo entra, gemo. Seu polegar esfrega contra meu clitóris, e eu sem vergonha moo meus quadris em cadência com seu toque.

— Você está doente, Elizabeth, — Dillon sussurra de trás, como se eu o enojasse. — Você precisa de ajuda.

Eu começo a responder, mas Viktor me devora a boca. — Você não está doente, boneca doce, — Viktor sussurra. — Você é perfeita.

Benjamin acha isso e eu também. — suas palavras são um bálsamo no meu coração. Minha buceta lateja com necessidade.

— Você quer estar dentro de mim, Viktor? — pergunto, mas é mais uma súplica.

— Shhh, — ele murmura, os dentes mordiscando meu lábio. — Você terá tudo o que você quer em breve. Mas não vamos dar esse passo sem ele. Ele vai querer estar no comando. Você sabe como nosso monstro é.

Eu sei.

Ele é um animal selvagem, mas ele gosta de estar no controle.

— Pare de tocá-la, filho da puta! — Dillon ruge de trás. Ele chuta a janela várias vezes, mas não quebra.

— Goze para mim, boneca, — diz Viktor, a voz tremendo. — Goze por todo o meu dedo. Benjamin gostaria disso. Quando chegarmos em casa, com ele, eu vou deixá-lo te chupar. Você quer isso, boneca perfeita?

Eu aceno com a cabeça e inclino minha cabeça para trás. Seus lábios encontraram o corte na garganta que Benny havia infligido. Ele é gentil e calmo, enquanto seu dedo me trabalha por dentro. Estou desesperada para tocá-lo e desatar seu cinto. Ele geme quando eu desabotoo suas calças e puxo seu pau.

— Nós não podemos, — ele avisa, a voz dura, enviando calafrios através de mim.

— Mas...

— Não, boneca má, — ele grunhe. — Ele não gostaria disso.

— *Eu* que não gostaria disso, porra. Você está doente. — Dillon luta e geme.

Mas eu o ignoro. Isso é exatamente como no meu site. Ele é apenas um espectador no meu mundo privado.

Eu pego o comprimento de Viktor e finjo que ele está dentro de mim. Benny ficará feliz? Ele vai querer me compartilhar com seu amante? Não sei como funcionará a dinâmica, mas estou tão faminta com a ideia disso, que meu estômago ressoa.

Viktor ri contra a minha clavícula antes de morder minha carne lá. — Eu vou te alimentar assim que Benjamin permitir. — mas ele não está com pressa de me fazer gozar. É como se ele gostasse de me provocar.

Eu também posso provocar.

Correndo meu polegar sobre a ponta de seu pau, eu gosto de como o líquido aparece no topo. — Vocês dois vão colocar seus paus em mim de uma vez? — eu pergunto, a minha pergunta tão suave, que ele provavelmente sente mais do que ouve. Dillon está muito ocupado, grunhindo e chutando as janelas para perceber.

— Se isso o agradar, — ele geme.

— E o que me agrada?

— Ele reivindicou a ambos, você não vê? Estamos aqui para fazê-lo feliz. E vocês dois me deixam feliz.

Por um breve momento, eu me pergunto se estão brincando comigo, mas então ele está beijando minha boca novamente com reverência. É real. Eu quase posso provar seu amor por Benny na língua. Eu conheço o gosto.

Ele puxa o dedo de dentro de mim para que ele possa embalar meu rosto enquanto ele me beija. Eu preciso do seu toque, então eu descaradamente esfrego contra seu eixo com minha buceta, mantendo minhas calcinhas puxadas para o lado em baixo do meu vestido para que eu possa sentir sua pele contra a minha. Nossos grunhidos e gemidos são puramente animais. Quando a ponta de seu pau cutuca minha entrada, eu gemo. Conduzindo seu quadril com força, ele me penetra profundamente e eu grito alto o suficiente para acordar os mortos.

— Porra, isso foi um acidente, — ele geme enquanto segura meus quadris e me afasta. Mas ele não me solta e usa meu corpo para esfregar minha buceta ao longo de seu pau agora molhado. Estou zumbindo com mil emoções e sensações.

Estou morrendo.

Estou vivendo.

Oh, merda, vou gozar.

Estrelas brilham ao meu redor enquanto meus gritos perfuravam o ar. Viktor morde meu queixo e grita um segundo antes que o calor molhado salpicar minha parte inferior do estômago. Seu pau escorrega e entra em mim novamente, fazendo com que nos dois gemêssemos, mas depois ele me afasta. Estou esmagada contra o peito e ele beija minha orelha.

— Nós somos uma família agora, — ele murmura, sua respiração quente me faz cócegas.

Eu me apego a ele enquanto ele acaricia meus cabelos.

— Agora, ponha o cinto de segurança. Eu estou encarregado de te manter segura enquanto ele está se recuperando.

Eu, relutantemente, saio dele, mas estou ansiosa para voltar ao nosso monstro. Uma vez que eu estou sentada no meu assento, ele se aproxima de mim e me abraça, então pisca para mim antes de colocar o veículo em movimento novamente.

Nós ignoramos o grunhido de trás quando vamos buscar Kami de volta para ele.

Capítulo vinte e um

Aleijado

VIKTOR

Tudo parece estar dando certo. Com Benjamin em casa e o detetive idiota no banco traseiro do meu SUV, traremos Kami de volta e minha identidade estará segura.

Dillon ficou furioso quando peguei a boneca do Monstro em meus braços e ela dançou em meu colo enquanto eu dava prazer a ela. Os sons de fúria vindos de trás eram quase cômicos enquanto ela ofegava e gemia, pedindo que eu a fizesse se sentir bem.

Agora, ele não fala comigo ou com a doce Elizabeth. É provavelmente melhor assim. Ela se agarra à minha mão no console do veículo, como se eu tivesse o poder de protegê-la. E eu tenho. Por Benjamin. Por mim. Por ela.

Nós paramos atrás do hospital, onde Dillon me disse para ir.

— Eu vou tirar essas algemas, detetive, — eu digo a ele simplesmente. — Mas se você tentar qualquer merda, vou cortar as gargantas de todos que você conhece.

— Entendi, — ele estala.

Eu saio do veículo e abro a porta. Elizabeth faz as honras de destravar as algemas. Ele me olha quando eu lhe devolvo a arma. A minha permanece mirada nele.

— Você é estúpido se você não achar que vou usar essa arma em você, — Dillon ladra, apontando a arma para mim.

— Diga a ele, — digo a Elizabeth, imperturbável.

— Nós estamos com Elise, bem como Marcus, e Benny não teve a satisfação de matar Jessica, então ele está com fome para alimentar seus demônios. — ela passa a mãos nos cabelos e encolhe os ombros. — Se ele não ligar para deixar Benny saber que você está fazendo tudo

certinho, eu me torno filha única e você perde um parceiro. — seu lábio treme, mas é tudo para um fodido show. A coisa mais fofa que já vi. — E eu não sei o que acontecerá com Jade e MJ.

Eu sorrio. — Eu sei. Elas morrem.

O maxilar de Dillon aperta, mas ele acena com a cabeça, a arma baixada.

— Vamos, — eu grunho, dando a volta no lado do prédio.

Dillon é mais esperto do que parece, porque ele caminha atrás de mim, sua atenção em alerta. Elizabeth se apressa atrás de mim e se apegue à minha jaqueta. Seria tão fácil para Dillon arrancá-la de mim, colocar uma bala na minha cabeça, e ir.

Mas eu acho que ele se preocupa com aquele parceiro dele. E neste momento, ele certamente sabe que nossa boneca lutaria contra ele antes que ela deixasse algo acontecer com Benny ou comigo.

— Precisamos guardar nossas armas enquanto entramos, — diz ele. — Eu tenho oficiais nas portas e não quero que eles suspeitem.

E eu concordo. Nós guardamos nossas armas, e meu coração bate com cada passo que damos na direção deles.

— Senhor. — dois oficiais uniformizados acenam a cabeça em saudação.

— Vou assumir daqui, — ele ladra de maneira autoritária. — Vão fazer uma pausa.

Eles se olham e sorriem. — Sim, senhor.

Dillon digita um código, e a porta se abre. Um médico que eu reconheço como a mãe da nossa boneca levanta a cabeça em nossa presença e a boca dela cai.

— Elizabeth, — ela grita, dando a volta no balcão e correndo para a filha antes de recolhê-la em seus braços.

Eu pego minha arma de volta e cutuco Dillon para avançar. — Onde ela está?

— No último quarto. — ele balança a cabeça para sinalizar uma porta no final do corredor.

Ando, passando por outra porta. A janela mostra Jade lá dentro e Elise. Bem, merda.

Eu já estou na porta de Kami quando Dillon percebe que Elise está muito segura. Um erro da minha parte. Empurro a porta de Kami e os olhos dela se levantam para encontrar os meus.

— Me desculpe, — ela me diz com humildade e meu estômago se enrola com traição.

Ela contou a Dillon quem eu sou?

Ela não faria.

Ela não faria isso, porra.

— Abaixе a arma, — ordena Dillon, apontando para mim.

— Ainda temos Marcus, — lembro a ele com os dentes cerrados.

Ele acena com a cabeça. — Sim, mas não posso deixar você levar Kami daqui. Marcus não iria querer que eu deixasse, e não o farei.

Deslizo meus olhos para Elizabeth, que se lança em direção a Dillon. Infelizmente, sua mãe a impede e acerta uma agulha em seu braço. Seus olhos cintilam para que eu a salve, mas com o quer que seja que a mãe a drogou, faz efeito e seus olhos se fecham. Seu corpo se torna mole, fazendo com que sua mãe a abaixe no chão.

— Se você atirar, não poderei fazer a ligação e Marcus morre, — eu rosno. — Benny *vai* matá-lo.

— Benny está morto, — Kami diz, o lábio inferior tremendo.

Meus olhos se arrastam de volta para ela. — O quê?

— Desculpe, Viktor, mas Vlad está aqui. — uma lágrima escapa de seus olhos. — Ele veio atrás de Benny.

Ela. Me. Traiu. Porra.

Minhas reações são orgânicas, não pensadas, e meu braço se move de Dillon para ela. Com um tiro, coloco uma bala através de seu crânio traidor.

* * *

Morta.

Morta.

Morta.

Eu acabei com Kami, um pedaço gigante do meu maldito coração, e não pensei duas vezes. Não doeu. Não senti nada.

Mas no momento que ela admitiu me trair e que Benny estava morto, eu senti essa dor na minha fodida alma. Esmagamento. Loucura. Não há dúvidas. Se Vlad estiver aqui, Benjamin morrerá, se ele já não está sangrando por toda a minha cama, dando suas últimas respirações sem mim. Meu irmão se move como a noite. Ele é escuridão e sigilo. Sem hesitação. Se Kami disse que ele era uma fraqueza para mim, Vlad teria eliminado essa fraqueza.

Agora, enquanto estou sentado na parte de trás de um carro de polícia no caminho para a delegacia, eu só tenho um pensamento.

Elizabeth.

Ela precisa de mim.

Ela precisa que eu me recomponha e a livre desses vermes.

Vou levá-la comigo. Nós iremos para longe daqui e lamentaremos nossa perda juntos. Quando eu estava dentro dela, durante aqueles dois breves momentos, eu me senti completo. Entre Benjamin e Elizabeth, finalmente me senti cheio de algo que eu estava procurando por toda a minha vida. Eu não era mais oco. Eu estava completo.

Tão rápido quanto foi dado a mim, foi tirado.

Rasgado em malditos pedaços.

Porra.

Ignoro a provocação de Dillon no banco do motorista. Em vez disso, ranjo meus dentes e encontro a vontade de me acalmar. Eu não estou desenfreado de raiva. Estou no controle.

Respire, Viktor.

Encontre seu fodido equilíbrio.

Fecho meus olhos e penso na forma como foi quando senti a boca de Benjamin na minha. Como ele entrou em mim como se ele achasse que poderia me punir. Seus sentimentos se derramaram dele, e bebi cada um deles. Luxúria. Amor. Confusão. Eu queria sorver lentamente e

me divertir com o gosto, mas eu sou um fodido ganancioso. Eu o engoli. Ainda estou bêbado de como ele me fez sentir.

Foi o suficiente.

Mais do que o suficiente.

Mas então eu tinha aquela bonequinha em meus braços e as sensações eram avassaladoras de novo. É porque são irmãos? Sou tão ganancioso de querer os dois? No momento em que ela me abraçou pela primeira vez, eu sabia. Com ele amando-a tanto, e eu amando-o, teria que funcionar. Nós três. Um trio. Uma família.

Tudo o que foi solidificado no momento em que eu tive meu dedo dentro dela. Seu corpo era a perfeição, e ela compartilhou comigo. A necessidade que o rodeava era desesperador. Como se quisesse me consumir. O vilão monstruoso que vive atrás de seus bonitos olhos de boneca é o mesmo que vive dentro de Benjamin e eu.

Vivo.

Seu monstro provavelmente foi destruído como um porco para o abate se ele encontrou meu irmão.

Uma dor se instala no meu peito, mas pensar nela parece acalmar a dor. Se ele está morto, então ela é tudo o que eu tenho no mundo. Eu farei qualquer coisa para tê-la de volta em meus braços.

Meu pau endurece quando lembro como foi empurrar dentro de sua buceta apertada. Engoliu meu pau até o ponto que pensei que gozaria imediatamente. A ideia de disparar minha semente dentro dela quase me deixou maníaco.

Monstro teria permitido isso?

Talvez, se eu chupasse seu pau ao mesmo tempo ele poderia ter sentido mais do que permitido.

As imagens de nós três emaranhados em uma cena desordenada, fodida e malvada são gratificantes. Acende o fogo dentro de mim. Dá-me esperança. Eu vou encontrar uma maneira de sair dessa merda em que o Detetive Idiota me enfiou e eu irei buscar minha família. Kami poderia estar mentindo. Benny ainda poderia estar vivo.

Eu fui mandado embora de uma família uma vez antes.

Serei condenado se eu deixar isso acontecer novamente.

— Sai, psicótico. — Dillon empurra meu bíceps e percebo que já estamos na estação. Ele me guia para dentro do prédio, sua satisfação presunçosa, praticamente agitando-o em ondas.

Eu vou acabar com todos que ele ama no momento em que eu tiver chances.

Todos, exceto Elizabeth, é claro.

Ela. É. Nossa.

Nossa preciosa boneca monstruosa.

Ele me guia, passado por algumas salas rotulados como *sala de interrogatório* e para a área de espera. Eu passo por criminosos e gangsteres. Idiota fodidos que realmente pertencem a um lugar tão ferrado.

Estou preso em meus pensamentos enquanto penso no que eles podem fazer. Com Cassian Harris, é claro. Isso é tudo o que podem conseguir. Por agora. Até que eles descubram quem eu realmente sou, graças a essa coisinha traiçoeira chamada Kami.

Em vez de me doer, eu ergo paredes.

Assim como quando Vika me traiu.

Minha irmã. Minha doce irmã. Ela me arruinou.

Kami também me arruinou.

Eles podem achar que podem me tirar do jogo, mas pouco deles percebem que eu sou o mestre.

Eu apenas crio novas regras.

Eu sempre ganho.

Capítulo vinte e dois

Desmoronou

BENNY

— Dillon não permitirá que você o manipule, — diz Marcus da cadeira com a qual ele foi atado.

Eu me sento e me estiro. Tudo dói, mas estou me sentindo melhor. Eu não acho que meu tornozelo está quebrado, apenas uma torção e já curou bem o suficiente para eu colocar meu peso nele. Os cortes se apertam na minha pele, mas não é nada comparado às queimaduras que eu sofri graças a Dillon anos atrás. Tenho uma alta tolerância à dor, e o campo de batalha é onde eu anseio manter essa brisa. Fodido Dillon e fodida Jessica. Eles só me deixaram mais forte.

— Cale a boca, — eu estalo. Faz dois dias que eles foram embora e deixaram uma nota na minha cama. Eles foram buscar Kami - a piranha estúpida - muito para minha fúria, mas nunca voltaram. Tenho observado as notícias para planejar a minha próxima jogada. Pelo que posso dizer, Elizabeth, - a vítima de sequestro, - está sendo mantida no hospital sob observação, e Cassian Harris está sendo preso pelo assassinato de uma mulher cuja identidade eles realmente não sabem ainda.

Eles continuam a mostrar fotos de Kami, e toda vez, eu explodo em um sorriso sorridente. Ele fez isso. Ele realmente fez isso. Terminou a vida da idiota como deveria ter feito anos atrás.

Por mim.

Estou morrendo de vontade de entrar nesse hospital, explodir a merda toda e levar minha boneca perfeita para casa. Mas se Viktor me ensinou algo, é a ser paciente. Estamos jogando um jogo. Todos os movimentos devem ser pensados e analisados. Eu tenho certeza de que Viktor está sentado naquela cela com as paredes mais grossas de todas.

— Você também pode me soltar. Então, talvez você possa simplesmente ir. Se você ficar, Dillon vai te encontrar. Ele está na cola

de Harris. Só será uma questão de tempo antes dele descobrir a localização da casa dele, — diz Marcus, com os olhos maníacos. Morrer de fome por dois dias faz isso com um homem. — Eles estão vindo para você, Benny. É melhor fugir antes que seja tarde demais.

Eu tapo o lado da minha cabeça com as mãos para tirá-lo de lá. A única pessoa que me senti confortável com essa intrusão é Viktor. Foda-se, preciso dele de volta. Ele sempre sabe o que fazer.

— Suas táticas de policial não funcionam comigo, — eu grunho. — Na verdade, acho que estou cansado de ouvir sua boca. Talvez eu devesse cortar sua língua e enviá-la para Dillon. Dizer a ele que farei o mesmo com a esposa dele se ele não cooperar.

O plano parece ser o mais sólido que tive. Eu paro e vou até Marcus. Seus olhos se arregalam quando eu desencaixo a faca do meu cinto. O sangue está encrostado perto do punho. Ceifou tantas vidas que não tenho certeza de quem é o sangue neste momento. Uma coisa é certa, porém: será o de Marcus em breve.

— Eu tenho que saber algo, cara, — ele grita. — Antes que você me pique em pedaços. Por que você deixou de se importar?

Eu fico tenso e rosno. — O quê?

— Sobre Jade. Eu li seu perfil criminal. A merda que você fez com ela. Você estava obcecado. Um psicopata segurando seu prêmio. Então você a descartou. Como se você não se importasse mais. Você é louco?

Pego a frente de sua camisa e o agarro mais perto, cavando ligeiramente a faca na sua garganta. — Eu não sou alguém que você possa perfilar, porra. Eu não sigo suas regras de policial, idiota. Eu faço as minhas. Este é o meu mundo.

Ele ri. — Ele te tocou, cara. Harris entrou na sua cabeça e jogou com você. Você está nesta situação porque é realmente o mundo *dele*. Você não é mais que um peão, cara.

Estou tão enfurecido que meu único pensamento é cortar esse policial em pedaços. Não preciso dele. Na verdade, ele está me retardando. Preciso sair desta casa e encontrar uma maneira de forçar Dillon a me dar o que eu quero. Marcus acha que eu esqueci sobre Jade? O idiota não me conhece. Lembro-me exatamente da forma como o traseiro dela ficava quando empurrava o cano da minha arma dentro dela. Eu aposto que só demorará três segundos dessa merda para que Dillon faça milagres. Não a descartei. Ela era tudo, mas ela era um

reparo temporário para uma necessidade profundamente enraizada, e uma vez que Bethany voltou para mim, eu não precisava mais da minha boneca suja. Ela se tornou o passado - um estepe até que eu me encontrei com Bethany. Um bom estepe. Pensar nos prazeres passados para concertar essa situação não será tão difícil.

— Eu não faria isso se eu fosse você, — uma voz suave, profunda e calma ressoa por trás de mim.

Familiar. Grosso. Acentuado.

Viktor?

Eu me afasto de Marcus e engasto quando vejo alguém que poderia ser seu irmão gêmeo.

— Quem diabos você é? — exijo, apertando minha mão na lâmina.

O homem é um pouco mais alto do que Viktor e um pouco mais forte. Seu cabelo escuro, quase preto, tem um estilo semelhante ao de Viktor, mas alguns fios cinza em suas têmporas mostram que definitivamente é um pouco mais velho.

— Eu sou Vlad Vasiliev. O irmão mais velho de Viktor. — ele levanta uma sobrancelha negra. — Você deve ser Benjamin Stanton. Seu amante, não?

Porra, ele soa como Viktor, tirando o sotaque russo mais acentuado, e está mexendo com a minha cabeça. O mesmo timbre profundo que chocalha direto para o meu pau está lá.

— O que você quer? — eu posso confiar em Viktor, mas eu não confio neste idiota presunçoso, e Viktor sempre congelou ao mencionar seu passado. É um assunto doloroso para ele. Por que esse irmão está aqui em nosso mundo me dizendo o que fazer?

Marcus responde atrás de mim. — Amante? Não é de admirar que você não estivesse mais interessado em Jade.

As sobrancelhas de Vlad se aproximam. — Quando você morre de fome ou tortura sua vítima, eles tendem a perder a cabeça um pouco. Há quanto tempo este está sob seu cuidado, Benjamin?

Eu ranjo meus dentes. Posso odiar como ele parece conhecer minha situação e usa o meu nome como se nos conhecêssemos. — O. Que. Você. Quer? — eu não pergunto como diabos ele entrou aqui.

Vlad solta um suspiro e tira as mãos dos bolsos. Eu vejo luvas de couro. Ele estala cada dedo lentamente, então estala seu pescoço antes de fixar seus olhos de âmbar ardentes nos meus.

— Sua cabeça.

Marcus começa a cair. Certo, o filho da puta está com tanta fome que o fez ficar um pouco louco.

Seguro minha faca na minha frente. Ele pode tentar. Eu terei sua garganta aberta antes dele chegar ao lado da cama.

Vlad sorri pra mim, brilhante e encantador. — Bem, *era* o que eu queria. Mas agora, pensando bem, percebo que minhas intenções originais podem precisar ser reavaliadas.

Então, ele fala em enigmas como seu irmão.

Esta família é outra coisa.

— Viktor não aceita gentilmente a traição, — eu estalo. — Você deve perguntar a sua irmã. — eu não conheço toda a história, mas ver seus olhos piscarem ligeiramente me satisfaz, sabendo que minhas palavras atingiram o lugar pretendido.

— Não vou matar você, Benjamin. Eu vou te ajudar.

Minhas sobrancelhas se erguem quando ele puxa uma arma de dentro de sua jaqueta de terno chique e começa a enroscar um silenciador na ponta. Marcus continua a rir como um maldito lunático da cadeia.

— Ele vai te ajudar, certo, — Marcus bufa.

Não tenho tempo para reagir. Um momento Vlad está mexendo com sua arma, e no próximo, ele levantou a arma e apontou para mim. Ele dispara, mas com o silenciador, tudo o que faz é um som baixo.

Atordoado, espero que a bala me acerte.

Em vez disso, ouço o vidro quebrar.

Gritos ressoam do lado de fora da janela, e eu ouço algo quebrar dentro da casa. Faz sentido Vlad saber onde o seu irmão vive, mas ninguém mais sabe. O detetive idiota não conseguiu descobrir rapidamente, conseguiu?

Vlad se move como um gato letal e gira seu braço enquanto alguém explode pela porta atrás dele. A bala perfura o crânio do

homem. Outro homem aparece e consegue derrubar a arma da mão de Vlad. Antes que eu possa me mover para ajudar, Vlad puxa uma faca do cinto.

Com movimentos que me lembram de Viktor, ele golpeia sem esforço a faca no tronco do homem inúmeras vezes. O homem geme e cai no chão.

— Espere! — uma voz grita de dentro da casa.

Vlad se inclina para pegar a arma e me encara. — Não diga uma palavra. — então ele grita para fora do quarto. — Traga-o para dentro.

Não posso deixar de sorrir como o gato que comeu o canário quando Dillon entra no quarto, ambas as mãos acima da cabeça.

— Você matou meus homens, — ele diz para Vlad.

— Deveria ter trazido mais que seis, — responde Vlad, seus traços relaxados, como se ele não tivesse acabado com três homens em segundos. — Então meus homens fizeram seus trabalhos lá fora?

O rosto de Dillon se torna roxo com raiva. — Quem diabos você é?

Um homem gigante em um terno, para atrás de Dillon com um rifle pressionado nas costas.

Vlad se aproxima dele e sorri. — Eu acho que você sabe. Na verdade, tenho certeza que Klara usou seu telefone para me ligar.

— Então, por que ele ainda não está morto? — Dillon ruge, seu olhar de ódio queimando através de mim.

— Porque eles estão fazendo acordos, D. — o idiota do Marcus está pensando claramente agora. Fodido.

— Sim, — Vlad concorda. — Nós estamos. E é hora de você entrar nas negociações, Detetive. Eu fiz uma pequena pesquisa. A viagem de avião do meu país pra cá foi dolorosamente longa e chata. Eu sei tudo sobre você. Até o fato de você ter dado o nome Mason ao seu filho. Mason e doce Jade estão indo bem agora que estão instalados em casa. Como MJ está lidando com o novo bebê? Ela é uma boa irmã mais velha? Os policiais que você colocou pra vigiar a casa não a assustaram?

A raiva de Dillon ferve. — O que você quer?

— Eu quero Viktor. Você o solta e vamos seguir nosso pequeno caminho feliz. Seu pesadelo termina hoje, detetive. Você não está exausto? Eu sei que você tem um novo bebê e tudo mais, mas as bolsas sob seus olhos dizem que você está trabalhando demais.

Eu quero me precipitar e empurrar minha lâmina no maldito coração de Dillon, mas não sou psicopata como Marcus afirma. Eu sou mais inteligente. Um monstro bem treinado. Um mestre de seu próprio jogo.

No controle.

Eu uso isso como uma arma - uma arma que Viktor me ensinou a usar. Se eu matá-lo, não podemos pegar Viktor.

— Você sabe que não posso fazer isso, — Dillon rosna, mas sua voz perdeu alguma coisa.

— Não pode ou não quer? Porque de qualquer maneira, eu consigo o que eu quero - com ou sem sua ajuda. Conheço pessoas, detetive. Sim, eles podem demorar, mas trarão o que eu quero. Mas, desafiando-me, você perderá. Este jogo acabou para você. Pra Mason. Pra MJ. Pra Jade. — Vlad olha para ele e olha para Marcus. — Pra Elise e Elizabeth também.

Meu sangue ferve, mas é apagado quando Vlad me dispara um olhar de tranquilidade. É um que eu confiei com o irmão dele. Suas ameaças são para Dillon, não para mim.

— Porra! — Dillon grita. — Você matou meus homens! Como eu sei que posso confiar em você?

Vlad avança, estreitando os olhos. — Eu não matei aquele. — ele aponta para Marcus. — Benjamin vai sair. Então, você e eu vamos entrar na estação de polícia com o advogado de Viktor. Vamos nos esconder um pouco na sala de interrogatório, então sairemos. Você vai dizer a eles que ele recebeu fiança ou qualquer coisa que você tem que dizer para tirar meu irmão de lá.

— Não! — Dillon grita. — Porra, não!

Vlad sorri, mas é frio e mortal. Sua máscara hesita por um momento, e eu tenho um vislumbre de seu monstro. — Ouça claramente. Este não é um pedido. É uma exigência. Você fará isso. E então, para mostrar a boa fé, vamos levar meu irmão embora. Você nunca mais verá ou ouvirá sobre ele.

— E ele? — Dillon olha para mim, ódio passando em seus olhos.

— Se ele é um amigo de Viktor, então ele é um amigo meu. O que significa que ele também vai embora. — Vlad toca a ponta do silenciador no nariz de Dillon. — Isso significa que seu parceiro vive e seus problemas desaparecem. Jade pode descansar facilmente à noite. Talvez apareça mais algumas crianças antes de você morrer de um maldito ataque cardíaco.

— Assim, tão simples? — Dillon pergunta, atônito. — Você leva esse fodidos e minha vida volta ao normal?

— Será assim tão simples. Se você permitir que seja. Mas se você fizer merda e complicar as coisas, eu vou ser forçado a mudar o jogo. É isso que você quer? Que eu tenha um motivo para acabar com sua linda família? — Vlad pergunta, o veneno saindo de seu tom. — Confie em mim quando eu te digo que você não é nada. Você será substituído por outro detetive que tem uma família preciosa que ele quer manter a salvo. É só porque eu quero Viktor mais cedo e não mais tarde que eu estou permitindo que você ainda respire. Nós lidamos com você ou com o próximo detetive que ocupar seu lugar quando eu matar você?

Dillon inclina a cabeça, o ombro tremendo de raiva.

— Você tem que fazer isso, D, — Marcus fala do meu lado. — Tanto quanto eu odeio isso, precisa ser feito. Nós temos famílias.

Dillon encontra seu olhar, e a compreensão passa entre eles. É então que percebo que deixaram de lado uma parte muito importante das negociações. *Minha boneca*. Quando abro minha boca, Vlad olha pra mim.

— Benjamin. Espere um segundo no SUV lá fora. — seus olhos me imploram para obedecer, e tudo em mim grita para fazer do meu próprio jeito. Eu aperto minha mão, me perguntando se eu deveria.

Família.

A família cuida uns dos outros.

Se eu posso aceitar Viktor como minha família, isso significa que eu tenho que confiar em uma das poucas pessoas que ele ama: seu irmão. Isso significa que este filho da puta é *meu* irmão também.

— Entendi, chefe, — eu respondo.

Vlad me dá um ligeiro aceno de aprovação.

— Vejo você em seus sonhos, detetive, — eu digo enquanto passo por ele.

— Nos encontraremos novamente no inferno, — diz Dillon.

Capítulo vinte e três

Demolido

ELIZABETH

Os medicamentos me fazem sentir tonta e não como eu. Não consigo me concentrar. A única vez que estou feliz é quando estou dormindo. Quando sonho com Monstro e Mestre. Nós três juntos. Felizes.

Mas então eu sempre acordo.

A claridade me encontra e me lembra que Benny se foi.

Que Viktor está preso.

Minha vida acabou.

— Toc, toc, — diz mamãe enquanto entra no meu quarto. Eu ainda estou na enfermaria psiquiátrica do hospital - o lugar onde eu já estive desde que Viktor matou Kami há dois dias.

Eu tento me afastar dela, mas meus braços estão presos. O fogo queima pelo meu sangue, afugenta a neblina, mas não posso escapar dela.

Durante dois dias, Jade, minha irmã e minha mãe tentaram me trazer de volta para eles. Eu não pertenço a eles. Eu nunca pertenci.

— Eu estou prestes a ir fazer minhas rondas, mas eu queria verificar você antes de dormir. — ela franze o cenho enquanto ela afasta meus cabelos suados da minha testa. — Oh, querida, você está tão cansada. Você quer algo para ajudá-la a dormir?

Tanto quanto eu não quero responder a ela, eu quero. — Por favor, mamãe. Eu não quero mais receber esses medicamentos.

Seu rosto suaviza. — Eu sei. Nós te removeremos deste lugar escuro e logo você não precisará. Apenas continue tentando por mim, ok?

Fúria explode dentro de mim, mas eu escondo. Pirar não vai ajudar meu caso. Preciso que ela sinta pena por mim.

— Meus pulsos doem, — eu minto, forçando lágrimas em meus olhos.

Mamãe aperta os lábios juntos e as narinas dele inflam. — Por que você fez isso?

Eu pisco para ela em confusão, uma lágrima quente escorrendo pela minhas bochecha. — Fez o quê?

— Você matou aquela mulher. — ela faz um som sufocante. — Com um skate. Suas impressões estavam por todo o objeto. Dillon está fazendo o seu melhor para evitar que você seja retirada daqui e enviada para a prisão. Ele quer que você declare insanidade. Foi o que aconteceu? Eu só preciso saber.

Eu paro com suas palavras. Pensar em Jessica Johnson fodendo o pau de Benny me faz ver vermelho. Grito e me reviro na cama. — AQUELA VADIA MERECEU!

Mamãe se afasta de mim como se tivesse sido queimada. — Você é como ele. Como seu pai. Como seu irmão. — um soluço escapa dela. — Eu tentei tanto. Nunca fui boa o suficiente.

Meu corpo relaxa, e eu cuspo, — *Eu* nunca fui boa o suficiente. Quando você escolheu Elise a mim, eu tive que encontrar minha própria família. Alguém que me entendia e me amava. Você com certeza não me amou.

Mamãe explode em lágrimas e sai do quarto sem outra palavra. Luto contra minhas amarras sem sucesso. Eventualmente, eu me canso e choro. Minha tristeza é esmagadora. Esmagadora.

Ainda estou chorando quando uma enfermeira em um jaleco entra no quarto horas mais tarde, empurrando uma cadeira de rodas, mancando ligeiramente. Ele usa uma máscara cirúrgica e um boné. Quando seus olhos se viram para os meus, eu deixo de respirar.

Eu devo estar sonhando.

Isso não é real.

Os olhos castanhos de chocolate me encaram com um olhar aquecido. Familiar. Cheio de amor. Meu. Meu Monstro.

— Mestre, — eu engasgo.

Ele corre até a mim e corre a ponta dos dedos ao longo do meu maxilar. — O que eles fizeram com você?

Eu começo a soluçar quando ele tira uma faca. Não porque tenho medo, mas porque estou surpresa com a felicidade. Ele corta através de minhas amarras, me cortando um pouco no processo e me liberta. Sou facilmente içada em seus braços fortes.

— Você está vivo. Eu ouvi os oficiais falando. Viktor atirou em Kami e eles disseram que você estava morto, — eu sussurro enquanto eu aperto suas bochechas. Desesperadamente, retiro sua máscara e admiro sua boca. Sua barba foi raspada. — Me beije.

Inclinando-se para frente, ele captura meus lábios com os dele. Sua língua é forte e assertiva, pois ele possui minha boca. Eu o quero sobre mim. Em mim. Quando ele se afasta, eu gemo.

— Nós não temos tempo para isso, boneca. — seu tom é grosso, mas eu entendo. Se planejarmos fugir, eu preciso ajudar.

— Ok. Vamos sair daqui.

Uma vez que estou sentada na cadeira de rodas, ele puxa sua máscara de volta no lugar. É tarde, então quase ninguém está por aqui. Apontando com meus dedos, guio-o pelos corredores mais vazios. Nós evitamos as áreas mais movimentadas e, em breve, estamos no estacionamento de trás. Ele abandona a cadeira de rodas e me leva para um veículo.

— Descanse, — diz ele, uma vez que estamos nos afastando. — É uma longa viagem.

* * *

Eu acordo quando ouço o som de cascalho em baixo do carro. Sentada no meu assento, ignoro a dor de cabeça quase me cegando. Nós dirigimos até uma linda casa cercada por árvores.

— Onde estamos? — minha voz cheia de sono e sede.

— Um lugar que Vlad comprou.

Vlad?

Ele desliga o carro, mas antes que ele possa sair, eu o ataco. Eu senti tanta falta dele e saber que ele não está morto acende o fogo dentro de mim. Eu me arrasto em seu colo e o empurro. Seus gemidos de necessidade apaziguam minha sede. Eu o quero.

A abertura do meu vestido de hospital é o meu único aviso antes de estar completamente nua em seus braços. Suas palmas encontram meus peitos enquanto eu puxo o botão do seu jeans em desespero. Dentro de segundos, eu pego seu pau duro e ele arranca sua camisa. Ambos paramos enquanto examinamos o dano que a cadela infligiu.

— Você a matou, — ele murmura, sua voz reverente.

— Por você, — eu respondo.

Nossos olhos se encontram, e os seus cintilam com necessidade. Seus dedos apertam meus quadris, e eu coloco meus lábios contra os dele. Eu agarro seu pau entre nós e alinho-o com minha buceta molhada. Quando eu afundo em seu comprimento, ambos gememos. Uma dor se forma no meu peito quando percebo que eu tinha Viktor nesta mesma posição apenas alguns dias atrás.

Um soluço forte chega em mim.

Sinto falta dele.

Benny aperta minha mandíbula e vira minha cabeça para baixo para que ele possa olhar para meus olhos cheios de lágrimas. — Nós vamos recuperá-lo. Em breve, boneca. E então estaremos completos.

Como ele sabe?

Eu sou tão transparente?

Balanço meus quadris e seus dedos machucam minha carne enquanto ele mexe seus quadris. Ele é grosso e quase doloroso, mas é uma espécie de dor gostosa. Isso me faz sentir viva.

— Eu te amo, minha boneca bonita, — ele geme contra minha boca. Seus dentes entalam meu lábio inferior enquanto seu polegar esfrega meu clitóris. Prazer gira ao meu redor, e eu encosto contra o volante. Seus olhos são selvagens e maníacos, como se ele me devorasse visualmente. — Diga-me o que preciso ouvir.

Eu gemo quando ele pega meu clitóris. Um orgasmo passa por mim e parece roubar minha alma diretamente do meu corpo. Eu aperto em torno dele e grito enquanto seu calor brota profundamente dentro de

mim. Sabendo que não estou mais usando pílula faz meu coração martelar. Ele está me marcando. Eu sou sua. Para sempre.

— Eu também te amo, Mestre, — eu ronrono quando me sento e beijo sua boca novamente.

Ele enrola seus dedos no meu cabelo e me puxa um pouco para trás para que ele possa me encarar. Seus olhos castanhos se suavizam quando ele me vê. — *Monstro*. Você não vai me chamar de mestre mais.

As minhas sobrancelhas se arqueiam. — Mas...

— *Eu* sou monstro. *Ele* é mestre. — sua boca beija a minha. — E *você* é a nossa bonequinha perfeita.

Passo meus dedos através de seus cabelos que ainda estão curtos e o encaro em confusão. — Você me disse que você era o mestre.

— Todos nós temos nossos papéis, — ele murmura, seu olhar na minha boca. — Eu não vou mais lutar contra eles. Eu não vou lutar contra *qualquer* um dos meus impulsos mais. Você. Ele. É o que eu quero.

— Eu também quero, — suspiro.

Seu pau parece acordar dentro de mim.

— Eu tenho que te dizer uma coisa, — eu grito. — Não posso começar isso com mentiras.

Ele joga mira olhos em cima de mim. — Dizer-me o quê?

— Quando fomos lidar com Kami, — eu sussurro, a vergonha me atravessa, — ele e eu...

— Vocês foderam?

Seu corpo fica tenso. Enrolado e pronto para explodir.

— Não exatamente. — eu levanto meu olhar para o dele. — Nós dois ficamos tão sobrecarregados em ter você de volta. A maneira como ele fala sobre você... com esse amor... — eu mordo meu lábio, — me excita.

Ele aperta minha garganta com seu aperto brutal, os olhos selvagens nos meus. — O que vocês fizeram?

Eu engasgo minhas palavras até que ele solte seu aperto. — Ele me tocou. Me fez gozar. Eu o senti em mim. Dentro de mim. — eu lambo

meus lábios. — No entanto, não pareceu certo. Como se estivesse faltando uma parte.

— Quando o pegarmos, — ele grunhe, seu aperto mais uma vez forte, — vou me revezar em foder cada uma de suas bundas.

Eu gemo contra ele. — Você é o mestre.

— Não, — ele rosna contra minha boca, sugando o meu lábio inferior o suficiente para fazer minha buceta apertar em resposta. — Vocês são minhas bonecas. Eu sou seu monstro. Eu possuo vocês dois.

Ele não goza, mas em vez disso me empurra para o assento do passageiro. Acabo de sentar quando a porta do meu lado se abre. Ele me arranca do veículo e carrega meu corpo nu até uma casa que nunca vi antes. Nós quase não conseguimos entrar na cozinha antes que ele me tenha curvada sobre a mesa. Seu pau entra em minha buceta, então ele puxa para fora. Eu grito com dor, minhas unhas cravando marcas na madeira, quando a ponta do seu pau começa a meter na minha bunda. Eu tento me afastar, mas ele agarra um punhado do meu cabelo e puxa enquanto ele entra em mim.

A dor é áspera, mas gostosa. Dói, mas me dá vida. Eu odeio, mas eu adoro. Ele grunhe e grunhe até que ele esvazia sua semente no fundo do lugar que queima. Ele está me arrastando para o inferno com ele, e eu não quero lutar. Quando ele puxa com força, quase vomito de dor. Estou receio estar sangrando ou pior.

— Desculpe, — eu soluço. — Eu não queria te machucar. Eu te amo.

Ele me puxa em seus braços, e não há raiva brilhando nos olhos dele. Não, seus olhos marrons giram como chocolate derretido. Ele sorri pra mim e eu acho que é a coisa mais bonita que já vi.

— Você não me machucou, boneca. — seus lábios encontram os meus. — Quando você fala sobre ele, — ele suspira contra minha boca, — isso simplesmente me excita. Você libera a besta.

Com vontade de levar o monstro ainda mais pra longe da gaiola, eu estreito meus olhos. — O pau dele esteve em mim duas vezes. Eu queria que ele gozasse dentro de mim.

O grunhido que surge dele é francamente aterrorizante. Ele me joga na superfície dura da mesa antes de me virar em meu estômago. Estou preocupada que ele toma a minha bunda novamente quando fogo racha contra minha carne.

Whap!

Whap!

Whap!

Ele chicoteia minha bunda com a mão até que eu não tenha certeza se que vou poder me sentar. Eu choro e não tenho forças para me mover.

— Você gosta quando eu bato sua bunda por me provocar? — ele assobia, sua palma acalmando a dor.

— Você gosta quando falo sobre Viktor e eu fodermos sem você? — eu desafio de volta, virando minha cabeça para olhar para ele.

Provocar a besta é minha nova coisa favorita.

Seus olhos estreitos me dizem que ele gosta muito disso.

— Perguntei a ele se vocês dois colocariam seus paus dentro de mim ao mesmo tempo, — eu murmuro. — Você fazia isso?

Ele se inclina para frente e corre o polegar ao longo do meu lábio inferior. — Se eu puder me sentir assim, farei muitas coisas com o Mestre para nossa boneca.

— Que tipos de coisas? — eu rolo em minhas costas, implorando-o com meu olhar.

— Coisas dolorosas.

— Eu gosto quando dói. — sento, apesar da dor na minha bunda, e passo meus dedos atrás do seu pescoço. Trazendo-o até minha boca, sorrio contra seus lábios. — Eu gosto quando você cuida de mim também. Você sabe, Monstro.

— Uma boa boneca, — ele diz. — Agora, vamos limpá-la e te vestir com um de seus vestidos bonitos. Eu quero que você pareça perfeita para o Mestre.

— Eu também quero parecer perfeita para você, — eu digo com um suspiro feliz.

Ele sorri enquanto me pega em seus braços. — Você é além de perfeita, Bethany. Você é perfeita.

Não posso deixar de pensar como *não* perfeita minha irmã é.

Só *eu* posso ser exatamente o que o Mestre e Monstro precisam.

Sou uma boneca perfeita.

Eu tenho praticado por muito tempo.

Capítulo vinte e quatro

Fraturado

VIKTOR

Dillon está me mantendo aqui de propósito, em vez de me levar para o sistema prisional em prisão preventiva. Ele está fazendo com que dormir seja impossível e me oferece que eu abra o bico por comida, sabendo que nada vai passar pelos meus lábios. Ele me priva das necessidades humanas básicas, então me leva à sua pequena cela de quatro paredes para me interrogar, achando que sem dormir e comer, eu esquecerei em quem eu confio e gritarei pelos que eu amo.

Cair em sua armadilha nunca acontecerá.

Ele não vai me vencer.

— Meu advogado já chegou? — eu sorrio, sentindo qualquer coisa, menos presunçoso. Por dentro, estou desmoronando com a ideia de Elizabeth ser bombeada com produtos químicos para curá-la de seus monstros internos. Ela não precisa ser curada apenas porque eles não se sentem seguros com a besta que vive dentro dela.

— Qual é o seu nome completo? — pergunta o oficial.

— Qual? — eu respondo, e este novo bastardo arrogante olha para mim.

Dillon deve estar com a família dele. Eles circulam nesta rotina de mandar alguém novo para tentar me quebrar. Todos são patéticos. É quase ridículo. Se eu não estivesse com extrema necessidade de um banho e dormir, eu apreciaria o jogo.

Se Vlad está realmente aqui para erradicar a pessoa que me enfraquece, então não vou ficar aqui por mais tempo. Vlad vai trazer este lugar para baixo, tijolo por tijolo, se ele precisar. Pensar nele machucando Benjamin me faz querer gritar do topo dos meus pulmões e rasgar meu coração do meu peito, então não terei que sofrer a agonia disso. Tudo o que suportamos para finalmente estar em um lugar onde

aceitamos, precisamos um do outro ter sido por nada. Ele é mais uma parte de mim do que eu, e Elizabeth nos completa. Ele segura minha alma e ela meu coração. Eu me recuso a viver neste mundo sem eles. As linhas de batalha são desenhadas, e se alguma coisa aconteceu com Benjamin, ninguém sobreviverá à guerra que vou lançar sobre este mundo.

— Responda a maldita pergunta, — diz o oficial.

— Estou com bastante sede, na verdade, — faço sem expressão.
— Você se importaria de me trazer uma bebida?

— Claro, senhor, o que vai querer? Que tal um uísque? — ele bufa.

Estou pensando em dar uma gravata e estrangulá-lo quando a porta se abre de repente e Dillon está ali parecendo desgastado e cansado. Esse fodido precisa de férias.

— Deixe-nos, — ele diz a esse idiota.

— Está ficando lamentável agora, detetive. — eu bocejo e ajeito meus ombros. — É como se você não estivesse tentando mais. — meu coração quase bate no meu peito quando Dillon se mexe pela sala, e atrás dele, meu irmão o segue. Eu paro e puxo meus punhos acorrentados a um aro sobre a mesa. — Moy brat, — eu suspiro.

— Mladshiy brat, rad videt tebya, — ele diz na nossa língua materna.

Suspiro e sorrio para ele. — É bom ver você também. Diga-me que você traz boas notícias com você.

Sua testa se enrugando sobre seus traços e ele acena com a cabeça para Dillon sair da sala.

— Eu te odeio, cara, — Dillon rosna, e se eu não estivesse preocupado com os traços apertados de meu irmão, eu riria.

A porta fecha e a sala fica em silêncio por um momento.

— O que te incomoda, Vlad? — não ousou perguntar a ele sobre Benjamin no caso de Kami ter mentido e na verdade não mencionou meu monstro pra ele, só disse que eu precisava dele.

Pensar negativo está abaixo de você, meus pensamentos provocam.

— Eu vim te levar para casa, pirralho.

Meu peito se ergue. Eu ansiei ouvir essas palavras por muito tempo.

— Pai te enviou para mim? — eu rezo.

Ele dá a volta ao redor da mesa e apoia a mão no meu ombro. — Otets ficou muito doente, moy raat.

— Doente como?

Ele bate uma mão sobre o coração dele. — Ataque cardíaco, repentino.

Minhas pernas enfraquecem e eu me encontro caindo na cadeira.

— Eu preciso vê-lo, — eu engasgo.

— Otet passou dessa pra melhor.

Um vazio corre por minhas veias.

Meu pai está morto.

Morto.

Nunca vou conseguir o seu perdão. Ele nunca vai me dizer que foi um erro me banir.

— É hora de voltar para casa, Viktor. Eu preciso de você do meu lado. Temos um império para gerir.

Não consigo me concentrar. A privação da fome e do sono, misturada com essa tristeza e confusão, vem me matando de uma só vez.

— Estou te tirando daqui, — diz ele. — Você já colheu o que plantou.

A porta se reabre, e Vlad aponta para as minhas algemas. No próximo segundo, elas estão sendo tiradas de mim. Mãos me ajudam a ficar de pé e meus pés se movem para frente com alguém que me guia. As luzes queimam minhas retinas e eu só quero fechar meus olhos, a ferida aberta no meu peito se expandindo a cada passo que eu dou.

— Benjamin, — murmuro, desesperado por seu conselho, seu conforto, sua força.

— Não fale o nome dele, Viktor, — Vlad sussurra no meu ouvido e minha alma se destroça. Ele *sabe* dele. Ele teria matado ele com certeza se achasse que ele era uma ameaça.

Não posso ir pra lá.

Não consigo pensar nisso.

Durante três anos, Benjamin preencheu um vazio profundo dentro de mim. E apenas recentemente, eu o ajudei a perceber como nos encaixamos. Peças de um enigma complicado.

Eu me recuso a pensar nele como eliminado do jogo.

Aquele filho da puta tem tantas vidas como um gato.

Pelo menos, essa é a esperança que eu tenho.

Não consigo respirar. Cada osso do meu corpo dói. Saímos. Vento e chuva de repente atacam minha pele e me escaldam como ácido. O fogo, uma vez queimado tão forte dentro de mim, está mergulhado em cinzas. Minha vida era apenas algo a ser destruído para nada. Levar tudo de mim e me banir me levou a Benjamin. Meus sonhos, minha família, meu orgulho – tudo foi roubado de mim – mas reconstruí e aproveitei meus monstros e ele entrou na minha vida, fazendo tudo desaparecer. Ele fez tudo o que eu tinha sofrido valer a pena. Nada importava e era insignificante porque o encontrei. A angústia, a traição, os dias sombrios apenas me levaram até sua alma, violada e precisando de cura. Eu o curei e ele me curou em troca.

Sem ele, estou vazio novamente.

Meus olhos se fecham e mentalmente Vlad me leva em seu carro, passando por uma ponte. Isso facilitará tudo. Porque matar a única pessoa na qual eu pensei que ainda poderia confiar seria uma das coisas mais difíceis que já fiz.

Me desculpe, irmão mais velho.

A vida de Benjamin precisará de retaliação, e tudo o que manchou sua vida será pago com sangue. Incluindo Vlad.

* * *

— Acorde, pirralho.

A voz de Vlad me surpreende. Meus olhos se abrem, piscando sob sua lanterna de merda brilhando em meus olhos.

— O que você está fazendo? — eu grito, minha voz rouca de sono.

— Verificando se você ainda não está delirando.

— Estou bem.

Ele sorri suavemente. — Você é bastante notável, Viktor. A vida que você criou aqui é impressionante. O homem com quem você está é um mito, um bicho-papão. Eu fiz minha pesquisa. Klara era uma tola por pensar que eu não sabia com quem você se cercava. Eu posso cheirar quando alguém é importante. Diferente de todos os outros. Sua necessidade é enorme, e a menina...

Meu corpo se endurece e não consigo respirar. — *A boneca.*

O sorriso dele é enorme. É uma visão tão rara que eu apenas olho com espanto. — A loucura dela é extraordinária. Quero engarrafá-la e vender. — ele diz, piscando para mim. — Venha, — ele ordena, saindo do carro.

A porta se abre e algum cara gigante acena com a cabeça para mim. Saindo do carro, ando lado a lado com meu irmão pela primeira vez em décadas.

— Com a morte de Otet, — ele começa, — eu me tornei herdeiro de seu império, e eu preciso de você ao meu lado, Moy. Seu exílio morreu com Otet. — eu não pergunto onde Vika se encaixa. Sem Benjamin e Elizabeth, eu não me encaixo em nenhum lugar. — Eu não testemunhei a sua vida, mas sua história é sussurrada dos lábios de muitos. Você cresceu muito mais do que jamais pensei ser possível. Admiro o homem que você se tornou, e eu estou orgulhoso de você, meu pirralho, — ele me diz. Eu quero aproveitar seu orgulho e louvor, mas estou quebrado.

— Viktor, — uma voz delicada e lírica soa da escada da casa deslumbrante que estamos parados na frente. Elizabeth está ali com um lindo vestido borgonha, seus cabelos em tranças e meias que chegam até seus joelhos. Estou sonhando com ela?

Baque.

Uma sombra passa por sua forma.

Baque.

Meu monstro vem descansando ao seu lado, seus olhos castanhos selvagens procurando desesperadamente os meus. Vivo.

Baque.

Eu cambaleio em direção aos degraus, e a emoção quase me infunde enquanto eu os pego em meus braços. Eles cheiram a sabão e baunilha e são meus. Eles cheiram a minha propriedade, e é lindo. É tão perfeito que não consigo tirar os sentimentos no meu peito.

— Você está em casa, — Monstro rosna, o alívio escorrendo em seu olhar.

— É *esta* a casa? — eu pergunto, olhando para a casa.

— Não, — Elizabeth sussurra. Ela pega minha mão e entrelaça nossos dedos. Então, ela enfia os dedos com os dele. Eu vou até ele e ele não se afasta. Seu aperto é forte. Juntos, ficamos em círculo, como três crianças fodidas brincando de ciranda. — *Estamos* em casa, — ela termina.

Eu fecho meus olhos e ranjo meus dentes. É como se meu coração subisse até a minha garganta e se lançasse para as duas pessoas ao meu lado.

— Eu quero todos vocês, — Vlad anuncia do fim da escada, interrompendo nossa reunião.

— O quê?

Ele sorri enquanto nos olha. — Vou deixar uma coisa bem clara pra você, pirralho. A vida é curta, e acabei de viver a minha sem você nela. Se eles são sua família, então eles são minha família, e eles vêm com você à sua terra natal. Você terminou aqui. Já não há mais nada para você.

Eu me viro para olhar para Elizabeth e Benjamin.

Benjamin me dá um olhar duro, seus olhos cintilando com mil emoções e acenando com a cabeça. — Estou pronto para uma mudança.

— Longe das pessoas que querem nos separar, — nossa boneca adiciona alegremente. — É perfeito. Eu sempre quis viajar.

— Então nós iremos, — eu concordo, meu tom suave apesar da excitação que flui dentro de mim.

— Ótimo, — Vlad diz enquanto aperta a mão no meu ombro. — Você não sabe o quanto isso me deixa feliz, Viktor. Agora, vá descansar um pouco. O meu avião será abastecido e estará pronto para ir em breve.

Passei toda a vida construindo o The Vault e minha reputação aqui, mas isso não significa nada. No final, é tão malditamente irrelevante.

— Entre, Viktor, — grita Benjamin. — Eu tenho algo para te mostrar.

Eu os acompanho até a casa, um alívio tão forte percorre meu corpo que eu sinto como se eu tivesse tomado uma centena de Xanax. Benjamin nos conduz através de uma entrada e sobe uma escada curva. Pinturas antigas em molduras de ouro adornam as paredes e o velho tapete padronizado alinha as escadas. Me lembra a nossa casa de infância. Benjamin continua olhando por cima do ombro para mim, e faz meu coração bater como uma fera dentro de uma jaula. Seus passos estão muito melhores agora e ele não parece sofrer de seus ferimentos. Elizabeth dança pelas escadas ao meu lado, invadindo meu espaço e enchendo-o com seu jeito feminino. Ela continua pegando minha mão, nossa pequena boneca querendo minha atenção, mas Benjamin parece gostar de atormentá-la. Ele a afasta e agarra meu cotovelo de maneira possessiva. Forte. Poderoso. Firme.

— Ela é a boneca impertinente, — ele geme por cima do ombro antes de parar em uma porta.

Entrando, ele me chama atrás dele. Elizabeth está atrás de mim e calor começa a ferver sob minha carne. Uma enorme cama com dossel domina o quarto, e sinto como se eu tivesse usado cocaína, minhas veias tremem. O meu peito já está ofegante com a ideia do que acontecerá neste quarto. Benjamin não perde tempo agarrando sua boneca por trás, embrulhando o braço em volta do seu ombro e agarrando seu queixo na mão.

— Nossa boneca tem sido uma garota muito má, — ele resmunga, roubando um beijo de sua boca aberta, seu batom borra. Os olhos de Benjamin se alargam e parecem se liquefazer quando ele vê a bagunça que ele criou. — Você arruinou seus lábios, boneca.

Ela leva o dedo para a boca e o morde de forma inocente, fazendo meu pau pular em atenção para ser liberado dos limites das minhas calças.

Benjamin deve sentir o mesmo porque ele arranca seu vestido, amassando o material e descobrindo sua carne nua embaixo. Ele puxa e arranca até ela ficar de pé somente com calcinha de renda branca e suas meias. Tiras de material se espalham no chão aos seus pés. — Você arruinou meu vestido, — ela lamenta e ele sorri.

— Você terá que fazer um novo. Um melhor. Agora, tire essas calcinhas e mostre ao Mestre quão má você foi antes.

Os olhos dela brilham enquanto ela olha para mim quando ele diz Mestre. É eufórico vê-la me olhar com tanta intensidade. Ela passa os dedos na calcinha e os desliza pela pele lisa e sedosa de suas coxas, deixando-as cair até os tornozelos e saindo delas.

— Agora, vire e se incline, — instrui Benjamin.

Sua buceta nua é macia e convidativa, mas logo ela é roubada de vista quando ela se vira para mostrar sua bunda para nós. A marca vermelha de uma mão aparece. Benjamin acerta uma palma sobre uma bochecha e acena para que eu me aproxime com um cachorrinho.

— Ela foi uma boneca má e precisava de uma punição.

Lambendo meus lábios, admiro seu trabalho antes de lhe mostrar um sorriso de lobo. — Você foi gentil com ela, pelo que vejo.

Ele me dá um olhar sinistro, seus lábios se contorcendo como se estivesse lutando contra um sorriso. — Cheire-a. — ele abre as bochechas dela e seu buraco franzido está um pouco vermelho e maltratado.

— Você comeu sua bunda, — observo, e quase gozo em minhas com a imagem.

— Por que você não prova e descobre? — ele pede.

Sim. Sim. Sim.

Indo de joelhos, agarro suas coxas nas minhas mãos. Ele se move para ficar na frente dela e me olha pelas costas dela.

— Nos prove, — ele ordena, desfazendo suas calças e arrancando sua camisa. Dentro de um segundo, ele está nu e agarrando a cabeça da nossa boneca. Ele empurra seu pau diretamente pela garganta dela, e ela engasga e geme ao mesmo tempo.

Ela gosta muito.

Ele bate seus quadris para frente, fodendo seu rosto com vigor. Ela engasga e geme prazer em seu comprimento grosso, e não posso mais olhar. Passado minha língua contra sua bunda apertada, eu provo um sabor salgado do gosto do meu monstro horas antes. É um sabor tão distintivo na minha língua que me faz gemer. Deslizo sua bunda para cima e para baixo, cobrindo-a com saliva e rompendo seu buraco com meu dedo, movendo minha língua para sua buceta palpitante e perfeita. Ela está molhada e ela tem um gosto doce e azedo.

É o céu.

Meu pau pulsa em minhas calças, desesperado por algum alívio. Usando minha mão livre, eu empurro minhas calças para baixo. Meu pau está livre e bate em meu estômago. Tomando o peso em minha mão, eu me acaricio enquanto eu fodo seus buracos com meus dedos e língua. O pré-sêmen infiltrando da minha cabeça ajuda a deslizar. De repente, ela se afasta de mim e sinto a perda.

— Tire sua camisa, — ordena Benjamin.

E eu não discuto. Eu rasgo o material do meu corpo, enviando botões voando em todas as direções. Benjamin pega Elizabeth e a joga na cama como se ela fosse uma boneca de verdade - seu brinquedo.

— Abra suas pernas, boneca, — ele ladra.

Ela está tonta e obediente, abrindo-se pela cama, as pernas atingindo toda a largura e descansando nos dois postes que se erguem da cama.

— Suba em nossa boneca, Mestre, e a foda até que ela desmaie, — ele instrui.

Seus olhos inocentes encontra os meus, e ela implora: — Oh, por favor, me foda, mestre. Foda-me forte.

Esta sensação embriagadora está me consumindo. Nunca senti isso em toda a minha vida. Eu sempre me senti fora de lugar, nunca encontrando o equilíbrio de prazer até agora.

— Você tem certeza? — eu pergunto ao Monstro. Ainda não tenho certeza sobre onde seus pensamentos estão em tudo isso.

Ele se agita. — Foda ela enquanto eu fodo você. Saiba quem você é seu *dono*.

Nossos olhos se encontram por um momento. Fúria e loucura brilham em seu olhar. E calor. Desejo e necessidade. Tudo o que faz dele girando abaixo da superfície, esperando ser devorado por mim.

Eu subo na borda da cama e monto a bonequinha abaixo de mim. Seu pego seus peitos como pequenos montes e seus mamilos duros estão vermelhos, implorando para ser sugados. Eu sugo um na minha boca e rolo minha língua sobre a ponta. Ela se contorce debaixo de mim, fazendo com que meu pau encontrasse os lábios de sua buceta.

— Por favor, foda-me, — ela geme, e é música para meus ouvidos.

Benjamin aperta meu cabelo e rosna. — Alinhe-se, agora.

Eu abro sua buceta e provooco seu buraco apertado. Benjamin cospe na minha bunda e abre as bochechas, esfregando sua saliva até a entrada apertada e franzida. Puxando minha cabeça para frente, ele estoca algumas vezes, depois entra em casa, em mim. Meus quadris vão para frente, e eu me enterro até o fim dentro da nossa boneca. Nós gritamos em uníssono - dor, prazer, alegria, tudo nos esmagando. Nós nos mexemos em movimentos sincronizados, deslizando dentro e fora um do outro com perfeita precisão. O prazer aquece e se espalha por todo o meu corpo, cobrindo-me em um brilho de suor que ajuda nossos movimentos. As batidas de pele contra a pele, grunhidos e gemidos se tornam nossa trilha sonora. Benjamin não tem piedade enquanto ele enfia seu pau em mim, me forçando a foder Elizabeth. Seu corpo está chupando-me como um maldito vampiro, suas paredes espremendo e contraindo. Ela é voraz quando ela grita e agarra minhas costas, abrindo a carne.

Benjamin se afasta de mim e me dá uma bofetada na bunda. — Coloque-a por cima. — sua respiração está saindo em lufadas esfarrapadas. Adoro quando ele perde o controle.

Obedecendo a ele, eu me coloco de costas, e ela balança os quadris sobre mim, seus seios balançando com cada giro entusiástico. Benjamin rasteja atrás dela e envolve algo ao redor de seu pescoço. É uma gravata, uma das minhas. Ele sorri para mim, e ela geme enquanto se contorce sobre mim.

Eu vou gozar.

Jesus Cristo, isso é demais.

Eu agarro os quadris dela para diminuir a velocidade, mas ela luta contra meu aperto mesmo quando aperto para causar dor. Seus

olhos se inflamam e eu tento diminuir seu movimento. Benny a empurra sobre mim e segura as pontas da gravata como se fossem reinas. Ele cospe em sua outra palma e a boca de Elizabeth se abre. Ela geme e ri enquanto ele entra na bunda dela.

Porra.

Porra.

Porra.

Eu posso senti-lo dentro dela, seu pau empurrando os anéis de músculo e me acariciando dentro dela. Minhas bolas se apertam e o calor se espalha pela coluna vertebral. Não aguento muito mais.

Porra.

O monstro entra com força nela, fazendo com que seu corpo se aperte contra a gravata. Seus olhos estão lacrimejando e ela está ansiosa. Sua buceta aperta em torno de mim e seu corpo inteiro treme com seu orgasmo.

Monstro a segue, e eu sinto o calor dele dentro dela quando eu rujo meu próprio orgasmo. Elizabeth cai contra meu peito, seu corpo se contorcendo e mole.

— Ela desmaiou, — digo com uma risada, e Benjamin se levanta, suor brilhando sobre seu torso tatuado, as palavras sangrentas que Jessica esculpiu nele abrindo e vermelho com sangue.

Seu olhar ardente permanece em mim. Todas as palavras que ele quer falar são ditas apenas em seus olhos. Eu movo Elizabeth suavemente para o espaço ao meu lado, então puxo Benjamin em meus braços. Seu corpo musculoso cai contra o meu, e eu coloco sua cabeça no meu peito e enrolo meus braços em torno de seu físico impressionante.

Com Benjamin, você deve pisar levemente.

Mas agora, eu só quero mantê-lo perto.

— Eu pensei que tinha te perdido, — confesso no quarto, minha voz apenas um sussurro.

— Estou bem aqui e não vou a lugar nenhum, — ele confirma.

Meus olhos se fecham, e eu estou contente pela primeira vez em toda a minha vida.

— Voltar para a Rússia é o que você quer? — ele pergunta de repente.

— Eu acho que é uma opção sensata e meu irmão é um aliado.

— E a sua irmã?

Vika.

Suspiro alto. — Nós podemos atravessar essa ponte se e quando chegarmos a ela.

— Vou acabar com ela, — ele grunhe.

Com um sorriso nos meus lábios, eu relaxo e deixo o sono me levar.

Capítulo vinte e cinco

Quebrado

DILLON

Jade está olhando para mim abertamente. — Você quer que nós embalemos as coisas e nos mudamos - começar uma nova vida?

— Não é tão louco, — eu digo com um suspiro. — Estou cansado, amor. Cansado de perder para o vilão e cansado de esperar Benny finalmente decidir te matar.

— Você disse que ele foi para a Rússia, — diz ela.

— Sim, mas quem sabe ele decide voltar. Não posso arriscar mais. Eu não consigo aguentar essa merda mais.

Ela fica sentada e parada. Senta e depois levanta. — E quanto aos nossos empregos?

— Nos demitimos.

— Simples assim? — ela grita.

— Sim. Pessoas fazem isso o tempo todo. Quero que façamos o nosso próprio negócio. Investigação privada. Trabalhar as horas que decidimos e pegar os casos que queremos. Ajudar as pessoas que precisam de nós.

Ela dobra os braços. — Você realmente pensou muito sobre isso, né?

— Sim.

— E sua mãe e Jasmine?

— Elas não têm nada as mantendo aqui.

— E quanto a Elise e Marcus?

— Ele está dentro.

Seus olhos quase saltam do crânio. — Você falou com ele sobre isso?

— Nós falamos sobre isso no passado. Ele está farto do trabalho também, e em algum momento, você só precisa saber quando jogar a toalha antes que as cicatrizes fiquem muito profundas. — eu não posso evitar a provocação. — Josey não vem. Você pode respirar facilmente. Ela acha que ela vai se tornar uma detetive fodona.

Eu não quero que ela brigue comigo por causa disso. Eu só quero que ela *não* discuta comigo pelo menos uma vez e perceba o quanto estou farto dessa merda. Eu preciso que ela esteja dentro.

Quero uma vida fácil. Um lugar em que meus filhos estejam seguros e que eu não tenha um infarto toda vez que quiserem brincar lá fora, ou porra, até mesmo ir para a escola.

— Então, nós levamos todos com a gente?

— Sim.

— Ok.

Espere. O quê?

— Babe? — eu digo, com medo de ter ouvido mal.

— Não, você está certo. Droga, você está certo. Mudar para algum lugar tranquilo e construir uma grande casa de fazenda e ter quatro cães, um cavalo e gansos. — ela irradia, e faz tanto tempo que não a vejo tão despreocupada e excitada. — Josey pode vir visitar sempre que ela quiser.

Pego-a e beijo seus lábios repetidamente. — E podemos fazer cinco novos bebês, — eu rosno contra sua boca, e ela bate em meus ombros.

— Não. Chega de bebês. Apenas animais. Deixe Elise fazer a procriação. — ela ri, e eu quero parar o tempo e viver no momento de sua risada.

— Eu sinto que algumas negociações estão para serem feitas, — eu provoco.

— Não, — ela diz com um sorriso. — É isso.

— Aposto que posso fazer você mudar de ideia quando o médico liberar você a fazer sexo, — eu me aproximo e a coloco em pé e deixo ela sentir o quanto ela me deixa duro.

Os olhos dela se alargam e ela ergue o queixo. — Você vai ter que ser *muito* convincente.

— Eu vou convencê-la *durante toda a noite*, todas as noites.

— Honestamente, Dillon, você é implacável.

— Eu quero um abraço também! — uma pequena voz alegre grita quando pequenos passos soam na nossa direção.

Nós dois rimos quando MJ abraça nossas pernas.

— Vamos buscar o nosso final feliz, — digo à minha esposa antes de plantar um beijo na testa dela. Corro meus dedos pelo cabelo da nossa filha.

Jade suspira, mas há um sorriso em sua voz. — Já era hora, porra.

— Já era, porra, — imita MJ, mostrando-nos um sorriso cheio de dentes.

Epílogo

Partido

BENNY

Rússia

Vários meses depois...

Eu encaro a poltrona de couro em frente à mesa de Viktor e o observo enquanto ele trabalha. Ele está sempre bem quando está gerindo as coisas e controlando a vida de outras pessoas. E Vlad não estava brincando. No momento em que pousamos o pé em sua terra natal, o filho da puta o colocou pra trabalhar. Viktor me disse que os The V Game deste ano - eu ainda não sei o que diabos eles são - será melhor ainda. Que nossa boneca e eu adoraremos essa merda. Estou ansioso para isso.

As sobrancelhas dele estão franzidas quando ele se afasta do computador. Posso dizer que ele está estressado. Ele sente a necessidade de fazer um bom trabalho para seu irmão. Viktor levanta cedo de manhã e termina o trabalho até tarde da noite quando o forçamos a dormir.

Mas ele está feliz.

Ele prometeu que seríamos felizes, nós três, e ele estava certo.

— Como nossa boneca está indo hoje? — ele pergunta, seus pensamentos refletindo os meus.

Eu sorrio. — Como de costume.

Com isso, um sorriso de lobo se espalha sobre o rosto. Seus olhos de âmbar cintilam com maldade enquanto ele se afasta de sua mesa e junta os dedos. O fodido parece um vilão malvado a ponto de me dizer como ele vai conquistar o mundo.

— Ela é uma coisinha impertinente. — seu olhar voa sobre meu peito antes de parar na minha boca por um breve momento. — E o que você vai fazer hoje?

Eu paro e empurro minhas mãos nos bolsos de meu jeans. — Ficar de olho em todos. Trabalhar em *casa*. O de costume.

Ele se ergue da cadeira e ajeita as rugas da frente de suas calças cinza-carvão. Sua camisa branca ajustada está escondida em suas calças e um cinto de pele de cobra caro, que seu irmão lhe deu, abraça sua estreita cintura. Incomum para Viktor, ele não está usando sua jaqueta ou gravata. Os dois botões da sua camiseta estão desfeitos e suas mangas estão enroladas até logo abaixo do cotovelo, revelando seus antebraços.

Seus antebraços deixam meu pau duro.

Na noite passada, essas veias em questão se incharam quando ele agarrou a garganta da boneca enquanto ele a fodia.

Sim, esses antebraços me deixam dolorosamente duro.

— Quaisquer novas adições que eu deveria aprovar, Sr. Handyman³? — sua testa se encolhe.

Eu rio e encolho os ombros. — Eu já conheço seus gostos até agora.

Ele caminha até a janela com vista para a sua propriedade - de nossa propriedade - e dobra os braços sobre o peito. Inclino-o e espio a cena abaixo.

Nossa boneca quase não se destaca entre a terra coberta de neve em seu casaco branco peludo. O capuz a esconde ainda mais, mas é o cabelo escuro que escapa e sopra no vento que a faz aparecer. Como se ela sentisse nossos olhos nela, ela se vira e sorri para nós. Viktor acena para ela e eu aceno com a cabeça. Ela se afasta e continua caminhando, desaparecendo debaixo de algumas árvores.

— Ela vai para a cidade?

— Ela está tendo desejos.

— É muito ruim, — murmura Viktor.

— O que é? — meu pau palpita na minha calça.

³ Handyman é tipo marido de aluguel, que faz pequenos reparos em casa.

Ele se vira e entra no meu espaço, o calor me acalma através da minha blusa fina e de mangas compridas. — Eu teria dado um doce.

Agarro sua garganta e inclino minha testa contra a dele. Ele cheira a vodka. Eu juro que todos eles bebem essa merda por aqui. Sorte a dele que eu gosto do gosto em sua língua. Como se na sugestão, ele abre a boca e aceita meu beijo voraz. Com Viktor, às vezes eu quero sugar sua alma. Eu quero o que faz dele... *ele*. Ele se esconde por baixo da superfície dele, e eu anseio cortar diretamente dele para que eu possa devorá-lo.

Eu gemo quando ele esfrega a palma da mão contra meu pau através do meu jeans.

— Qualquer dia desses, — ele rosna contra a minha boca, — eu vou te *dobrar* sobre minha mesa e deixar *você* me sentir dentro de você.

Fogo ondula através de mim.

Furioso e malévolo.

Quando ele toca minha besta, eu quero destruí-lo. Às vezes, acho que ele faz isso de propósito. Eu deixei ele me chupar mais vezes do que posso contar agora. E, às vezes, o bastardo sorrateiro fica louco comigo. Gozei várias vezes tão forte que quase fiquei cego quando ele fez uma merda estranha às minhas bolas e até empurrou o dedo na minha bunda uma ou duas vezes.

— Você não pode me tomar, — eu estalo enquanto eu aperto sua garganta.

Seus olhos de âmbar parecem brilhar com o mal. — Oh, Benjamin, posso. Eu sempre *deixo* você ganhar nossos joguinhos.

Eu estreito meu olhar para ele. — Maldito mentiroso.

— Não fique zangado quando eu eventualmente domar meu monstro e levá-lo até o inferno, — ele murmura, seus dentes mordendo minha mandíbula e depois a orelha. — Até mesmo os monstros precisam ser subjugados de vez em quando.

Suas mãos trabalham para desatar meus jeans e empurrá-los pelas minhas coxas. No momento em que ele agarra meu pau, eu gemo, minha mão se afrouxando em sua garganta.

Meus olhos se fecham enquanto ele me acaricia. Calor corre na minha barriga com o desespero para empurrar meu pau em sua bunda enquanto ele grita. Mas enquanto eu estou fantasiando, o fodido ataca.

Com reflexos rápidos, ele me vira e me empurra para frente. Minhas mãos caem para frente e eu me atrapalho contra a superfície de mogno de sua mesa em vez do sofá. Um rugido cheio de raiva me escapa, mas então algo se aperta em minha garganta. Esse idiota coloca seu maldito cinto ao redor do meu pescoço.

Eu balanço e pulo, mas ele é implacável enquanto me puxa contra a mesa. Ele puxa o cinto, e eu silvo para respirar. Meu instinto é agarrar o cinto, mas está cavando muito longe na minha carne para eu conseguir chegar nele.

— É isso, Monstro. Deite-se pelo seu mestre. — sua voz é maníaca e violenta. Meu pau pula com necessidade. — Bom garoto.

Ele pressiona seu comprimento contra a rachadura da minha bunda, e eu congelo. O pânico e o terror se elevam na minha garganta, mas permaneço preso onde o cinto me deixou manteve em cativeiro. Eu não sei por que estou enlouquecendo, mas tudo o que posso pensar é como vou cortar sua barriga e arrancar seus intestinos no momento em que ele me soltar.

— Relaxe, — ele diz com o tom autoritário que ele exerce como uma espada. — Eu vou fazer isso ser muito bom.

Ele cospe atrás de mim, e eu sei que está chegando. Ao fechar os olhos, aguardo a dor. A ponta do seu pau está úmida enquanto desliza ao longo da minha rachadura. Ele o empurra contra o buraco que ele só fodeu com os dedos. Esse fodido sabia o que estava fazendo durante todo esse tempo. Ele estava me preparando.

Viktor.

Sempre planejando.

Sempre um fodido jogo.

Meus pensamentos ficam em branco enquanto a dor rasga através de mim. Seu maldito pau é uma anaconda e está deslizando dentro de mim dolorosamente lento. Agarro a mesa, enviando coisas para o chão. Isso não o impede enquanto ele afunda mais fundo dentro de mim. Começa a escurecer da falta de ar quando ele finalmente solta o cinto. Eu a jogo longe da minha garganta, desesperado pelo oxigênio.

— A quem você pertence? — ele provoca enquanto ele lentamente me fode por trás.

— Eu vou te destruir, — eu sei.

Ele ri como um maldito maníaco. — Então é melhor fazer isso ser bom para os dois já que o meu tempo é limitado. — ele enfia os dedos nas minhas costas e meus nervos ganham vida. Meu traseiro aperta e eu estremeço quando uma sensação de prazer estranha sobe pela minha espinha. Ele se inclina para frente e sua boca pressiona beijos no meu ombro. Adorando. Amando. Carente. Enquanto ele me fode como se eu fosse algo apreciado e reverenciado, finalmente entendo.

Eu o possuo, não importa o quê.

Se eu estou aqui embaixo, em cima, ou com meu pau na sua garganta, eu tenho os dois. Eles são meus. Minhas bonecas perfeitas.

— Sim, — ele geme, como se ele pudesse ouvir meus pensamentos. Ele desliza o braço de baixo de mim e levanta. Eu abro meus punhos, agora longe da mesa. Nossa pele se choca enquanto ele entra em mim. Quando sua mão envolve meu pau com pré-sêmen, eu silvo com prazer. — Meu.

Talvez o filho da puta não seja louco.

Essa merda é realmente boa.

Eu gemo e grunho enquanto ele brinca magistralmente com meu corpo. Dessa vez, abandono o controle e deixo-o fazer o que quiser. Ele é um especialista e, em logo, meu orgasmo, se constrói profundamente, e cai através de mim. É intenso e perverso como o inferno. Eu quase desmaio, mas ele tem um controle de morte em mim. Ele geme, e seu calor aumenta sobre mim. Isso me excita ainda mais, e explodo com um suspiro afiado. Meu gozo se espalha por toda sua mesa e pelos papéis.

Estou tremendo de todas as sensações que me atravessam, mas no momento em que vejo um memorando de Vlad embebido com meu gozo, começo a rir.

— Você arruinou minha mesa, seu idiota, — ele resmunga, divertimento em sua voz.

Ele se afasta de mim e se levanta. Puxo minhas calças rapidamente antes de me virar para atacá-lo. Mas no momento em que nossos olhos se encontram, eu acordo. Seu cabelo escuro, sempre penteado, caiu sobre sua testa suada e seus olhos âmbar estão em

chamas. Seus lábios cor de rosa escuro estão separados enquanto ele veste as calças, seu pau a meio mastro pingando onde suas calças estão puxadas a meio caminho pelas coxas.

— Você está uma bagunça, — eu rosno, acenando minha mão em sua aparência desgrenhada.

Seus lábios se apertam de um lado quando ele puxa as calças e guarda o pau. — Eu fui chamado de coisa pior.

Minha fúria e raiva já ferveram.

Ele é meu melhor amigo.

Meu irmão.

O diabo tem minha alma em seu aperto de aço.

— Vamos encontrar nossa boneca, Monstro.

E nós vamos.

* * *

— Não é justo, — diz a boneca, seus lábios cor-de-rosa e brilhantes juntos.

Levanto uma sobrancelha. — A vida não é justa.

Ela revira os olhos e me dá um empurrão. — Vocês são uns merdas.

Viktor a puxa pelo pulso, plantando um beijo molhado em seus lábios cheios. — Na verdade, você é a única merdinha aqui.

— Eu odeio quando vocês estão contra mim, — ela resmunga, mas uma luz dança em seus olhos.

Eu vou até ela e esfrego minha palma sobre seu estômago. Dentro dela, ela carrega uma vida. Se é meu ou de Viktor, não me importo. É nosso. Um bebê.

— Você satisfaz seu desejo, boneca? — pergunto antes de pressionar um beijo em seu nariz.

Ela me olha. Inocente. Doce. Brincalhona. Perfeita. — Sim.

— Me fale sobre isso, — exorto. Adoro ouvir tudo sobre seus desejos. É música para meu maldito coração sombrio.

Ela se afasta e pega cada uma de nossas mãos. — Deixe-me mostrar.

Nós a deixamos atravessar a enorme propriedade até chegar ao final do terreno. *A casa* é como chamamos. *A casa de bonecas*. Viktor destrava a porta e acende o interruptor que ilumina as escadas.

Gritos.

Como a música em uma sinfonia que apenas nós três podemos criar.

— Viktor viu a mais recente adição para *a casa*? — ela me pergunta.

— Ainda não.

— Oh, Deus! — ela grita quando solta nossas mãos.

Nós a seguimos pelos degraus. O vestido rosa que ela usa é costurado à mão. Eu a ajudei com esse, porque precisamos deixar um espaço na frente para o estômago, mas o design é todo dela. É curto e revela sua calcinha de laço com cada passo que ela dá. Meu pau já está duro e ansioso. Sempre querendo brincar com esses dois.

Ela atinge o final da escada e acende outra luz que parece incitar mais gritos. Seguimos atrás dela, rindo, enquanto ela voa sobre *a casa*. Ela olha em cada janela e admira os quartos que decorei com suas especificações. Dentro de cada espaço há uma boneca bonita. Bonecas bonitas que nossa boneca perfeita selecionou. Bonecas que ela convidou para sua casa. Bonecas que ela decidiu manter para sempre.

Uma garotinha tão mimada.

— Por favor, — a boneca chamada Luna soluça enquanto bate os punhos contra o vidro. — Deixe-me sair daqui! — o rosto da boneca agora está desfigurado. Ela foi esculpida com linhas irregulares por toda sua carne, como se ela tivesse caído e quebrado de cem maneiras diferentes.

Viktor se aproxima dela, o lábio se curvando enquanto ele inspeciona o quarto em que ela está. Tem merda por todo o lugar. Ela realmente achou que a deixaríamos ir se ela fosse uma boneca imunda? A vadia pode sentar e sentir o fedor. É o castigo suficiente.

— Venha, — nossa boneca gorjeia.

Passamos por outras muitas bonecas chorando até chegar ao fim. A mais nova ‘adição’. O quarto é todo rosa, e eu pinteí corações nas paredes no início desta tarde. Está perfeito. Tudo o que precisamos é de uma boneca para preenchê-la.

— Esta. Eu dei a ela o nome de Elise, — ela nos diz, um sorriso perverso em seus lábios. Ela esfrega sua barriga enquanto espia lá dentro. — É claro que não é a *verdadeira* Elise, mas perto o suficiente.

Viktor e eu paramos atrás dela. A garota lá dentro tem a idade da nossa boneca e está encolhida no canto. Seu delineador está borrado e suas roupas são de aparência cara, cada pedaço dela parecendo como a gêmea da nossa boneca. Assim que ela nos vê, ela se põe de pé e começa a chorar. Seus lábios freneticamente se movem enquanto russo sai de seus lábios.

Viktor ri.

— Seu pai nos dará qualquer coisa que pedimos, — ele traduz. — Qualquer coisa. Carros. Dinheiro. Propriedade. Tudo o que queremos é nosso. Se a deixarmos ir.

Nossa boneca bufa. — Foda-se. Não quero essas coisas. Eu quero uma boneca Elise.

A menina dentro da cela olha para a nossa boneca, gritando mais russo.

— Oh, não, — Viktor se queixa. — Você não tem permissão para falar com nossa boneca perfeita assim. Você vai ter que ser punida.

Nossa boneca perfeita bate suas mãos alegremente. — Isso!

Eu a puxo contra mim e beijo o topo de sua cabeça enquanto eu passo minhas palmas sobre sua barriga. — Não tão rápido. Você não está em forma para punir ninguém.

Viktor começa a desabotoar a camisa. — Eu vou ter certeza de que ela saiba o que é uma boneca ruim, — ele nos diz, seus olhos âmbar flamejando com o mal. Ele tira sua camisa e levanta a palma da mão.

Nossa boneca resmunga, mas traz a faca que ela havia escondido sob o vestido. — Faça-a parecer como todo o resto.

Viktor se inclina e beija a boca dela. — Claro. Você sabe que você sempre consegue o que quer. — seus olhos cintilam para os meus. — Às vezes me pergunto quem é o *verdadeiro* mestre aqui. — eu sorriso. O filho da puta está certo. Esta boneca puxa nossas malditas cordas, e foda-se se eu não aproveito cada segundo fodido disso.

Os dedos dele voam sobre o teclado e sua entrada é concedida.

Nossa boneca salta nos dedos dos pés, sua excitação palpável. Aperto-a com força enquanto apreciamos o show. Viktor rasteja para dentro, perseguindo sua presa. Os músculos em suas costas flexionam e se apertam, suas tatuagens parecem vivas enquanto ele se move em sua direção. Ela grita e joga coisas nele, decorações que eu trabalhei tanto para instalar, mas ele não é dissuadido. Com movimentos graciosos e fluidos, ele começa sua obra-prima.

Sangue é pulverizado através da parede rosa.

Nossa boneca grita com alegria.

A boneca Elise grita.

Slash. Slash. Slash.

Viktor prende a boneca rica no chão com o joelho em seu estômago e artisticamente decora seu rosto. De vez em quando, seus olhos maníacos nos procuram. Ele nos encontra. A família dele. Ele sorri. E sorrimos de volta.

Quando ele termina e a menina há muito desmaiou de dor, ele se levanta. O sangue em toda sua frente e rosto. Os seus antebraços que eu amo muito pingando com sangue. Ele vai até a porta e a nossa boneca abre.

Nós três entramos e observamos a mais nova adição.

Mais uma.

Nossas belas bonecas quebradas.

— Nós vamos precisar de uma casa maior, — nossa boneca perfeita murmura. — E agora?

Eu rio enquanto eu abro a parte de trás do seu vestido. Cai e aterrissa em seus pés, deixando-a em nada além de sua calcinha de renda e joias. Eu esfrego minha palma ao longo de sua bunda e rosno em sua orelha.

— Corra, corra, corra, boneca. Monstro e Mestre estão prontos para brincar.

Fin!